

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA

Nathalia Helena Tomazini Zanco

Cartografias sentimentais na pele: desejos, tatuagens e subjetividades contemporâneas.

Uberlândia

2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA**

Nathalia Helena Tomazini Zanco

Cartografias sentimentais na pele: desejos, tatuagens e subjetividades contemporâneas.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Política e Imaginário

Orientadora: Professora Doutora Jacy Alves de Seixas.

Uberlândia

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- Z27c
2017 Zanco, Nathalia Helena Tomazini, 1986-
 Cartografias sentimentais na pele : desejos, tatuagens e
 subjetividades contemporâneas / Nathalia Helena Tomazini Zanco. -
 2017.
 118 f. : il.
- Orientador: Jacy Alves de Seixas.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
 Programa de Pós-Graduação em História.
 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.902>
 Inclui bibliografia.
1. História - Teses. 2. Tatuagem - Teses. 3. Subjetividade - Teses. 4.
 Cartografia - Teses. I. Seixas, Jacy Alves de. II. Universidade Federal de
 Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930

Cartografias sentimentais na pele: desejos, tatuagens e subjetividades contemporâneas.

Aprovada em _____ de _____ de 2017.

Banca examinadora

Professora Dra. Jacy Alves de Seixas

Orientadora - UFU

Professora Dra. Monica Brincalepe Campo

Examinadora - UFU

Professora Dra. Josiane F. Cerasoli

Examinadora- Unicamp

RESUMO

Na contemporaneidade observamos que cada vez mais pessoas lançam mão de tatuagens para singularizar-se e “fazer-se” no interior dos fios caóticos das estruturas sociais. A proposta desta pesquisa é compreender certas maneiras de sentir, existir e agir, ou seja, de subjetivação do indivíduo contemporâneo que, nesta pesquisa, é o indivíduo tatuado. Busca-se, assim, problematizar a tatuagem e refletir sobre as formas consideradas singulares que habitantes do mundo contemporâneo urbano estão usando para imprimir, em seus corpos, signos que, literalmente, situam o “eu” no tempo e no espaço. A espinha dorsal da pesquisa é a indagação sobre como as tatuagens são utilizadas como maneiras de subjetivação numa sociedade designada como líquida, efêmera, do espetáculo e baseada na exacerbação das sensações. Como estamos nos constituindo através de nossos corpos, de signos e que podem ser resultados de nossas linhas de fugas desejosas? Através do diálogo com o pensamento de Gilles Deleuze, Félix Guattari, F. Nietzsche, Espinosa e outros autores, trago reflexões sobre processos de subjetivação e a relação do desejo com os fluxos das máquinas desejantes e, a partir daí, busco compreender como a tatuagem aparece como elemento na construção de si. Quais tipos de desejos e sentimentos se apresentam quando homens e mulheres tatuam seus corpos? O método que dá norte e fundamentos à pesquisa é o da *cartografia* (Deleuze e Guattari), que possibilita a problematização do como os corpos estão interagindo, desejando, (des)territorializando e (des)dobrando-se. *Cartografia* entendida como o campo filosófico-político-sentimental das relações subjetivas; ou seja, acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas entre as estruturas de dispositivos e os processos de subjetivações. Essa dissertação é sobre a cartografia de corpos profanados que desejam e utilizam seus corpos como lócus de subjetivação: o corpo é lugar de poder e, também, de resistência. O corpo aqui é compreendido enquanto potência de afetar e ser afetado, ou seja, que vibra e emana. Com pesquisas de campo em estúdios e eventos de tatuagens – observações e entrevistas – percebeu-se que diante da fragilidade da existência, os indivíduos procuram construir o “eu”, sua identidade, em lugares de comunhão, dar sentido à existência, dar vazão à natureza desejosa. O que se processa de várias formas, inclusive, através das tatuagens. Essa dissertação pretende-se uma ode ao desejo revolucionário na construção de um corpo potente e na construção subjetiva que são compostos por teias complexas de produções simultâneas, imanentes com estados inéditos, estranhos e carregados de intensidade.

Palavras-chave: Desejo. Corpo. Subjetividade. Tatuagem. Cartografia.

ABSTRACT

In contemporary times we observe that more and more people use tattoos to sing and "make-up" themselves inside the chaotic threads of social structures. The purpose of this research is to understand certain ways of feeling, existing and acting, that is, subjectivation of the contemporary individual who, in this research, is the individual tattooed. It seeks to problematize the tattoo and reflect on the forms considered singular that inhabitants of the contemporary urban world are using to print, in their bodies, signs that literally place the "I" in time and space. The backbone of the research is the question of how tattoos are used as ways of subjectivation in a society designated as liquid, ephemeral, of the show and based on the exacerbation of sensations. How are we constituting ourselves through our bodies, of signs and what can be the result of our desiring escape lines? Through dialogue with the thoughts of Gilles Deleuze, Félix Guattari, F. Nietzsche, Espinosa and other authors, I bring reflections on subjectivation processes and the relation of desire to the flows of the desiring machines, and from there I try to understand how the tattoo appears as an element in the construction of self. What kinds of desires and feelings do they present when men and women tattoo their bodies? The method that gives north and foundations to the research is that of cartography (Deleuze and Guattari), which makes possible the problematization of how bodies are interacting, desiring, (de) territorializing and (des) doubling. Cartography understood as the philosophical-political-sentimental field of subjective relations; that is, accompaniment of pathways, involvement in production processes, connection of networks or rhizomes between device structures and the processes of subjectivity. This dissertation is about the cartography of desecrated bodies that desire and use their bodies as a locus of subjectivation: the body is a place of power and also of resistance. The body here is understood as power to affect and be affected, that is, that vibrates and emanates. With field surveys in studios and tattoo events - observations and interviews - it has been realized that in the face of the fragility of existence, individuals seek to construct the "I", their identity, in places of communion, give meaning to existence, give vent to desirous nature. What happens in many ways, including through tattoos. This dissertation intends an ode to the revolutionary desire in the construction of a powerful body and in the subjective construction that are composed by complex webs of simultaneous productions, immanent with unpublished, strange and charged states of intensity.

Keywords: Desire. Body. Subjectivity. Tattoo. Cartography.

Aos que me ensinaram – e deram-me – a vida e depois partiram.

Meu pai João e minha mãe Solange. (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa durante o período de realização deste mestrado.

Agradeço minha querida orientadora Prof. Dra. Jacy Alves de Seixas, pela paciência, compreensão, pelo apoio que precisei para além dessas linhas, mas para a vida. E por ser meu exemplo de vida e sapiência.

Agradeço, sobretudo, aos meus pais João e Solange que, infelizmente, não estão mais comigo nesse platô terrestre. Mas, me deram todos os elementos necessários para que me tornasse essa mulher forte que sou. Eu os amo ao infinito e sei que iremos nos encontrar.

Um generoso agradecimento aos meus dois irmãos: Cesar e Guilherme. Pelo carinho, amor e apoio mútuos. Nós três ficamos e nós três seremos, um por todos, todos por um.

Deixo todo meu carinho, amor e agradecimento aos amigos, os melhores que alguém pode ter, ou seja, aqueles que te sustentam: Aline Romani, Fernanda Vilela, André Cavalcante, Luciano e Michele, Rochelle Braga, Caio Ferreira, Jean Carillo, William Ferreira, Isadora Damasceno e Cláudio Junior, Thiago Lemos, Taison Braghiroli. Não citarei mais nomes, faltarão vários, mas o coração aqui é enorme. Estão todos aqui.

Agradeço aos estúdios de tatuagem em que estive pela recepção, acolhimento e às pessoas que me cederam entrevistas, formais e informais. Sobretudo, pelas amizades que construí.

Agradeço ao amigo Prof. Dr. Fernando Ribeiro de Moraes Barros, por ser tanto em minha vida e pelas orientações sutis em conversas: na escrita e para a vida. A ti, todo meu amor.

Agradeço aos meus inúmeros cafés quentes, tragadas, músicas e silêncio. Aqui cabe também meu agradecimento à minha solidão, que me é necessária.

A linha de fuga é uma desterritorialização. Os franceses não sabem bem do que se trata. Evidentemente, eles fogem como todo mundo, mas acham que fugir é sair do mundo, mística ou arte, ou então que é algo covarde, porque se escapa aos compromissos e às responsabilidades. Fugir não é absolutamente renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É igualmente fazer fugir, não obrigatoriamente os outros, mas fazer fugir algo, fazer fugir um sistema como se arrebenta em tubo.... Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia.

(DELEUZE; PARNET, 1998, p. 47).

SUMÁRIO

RIZOMA PRELIMINAR	9
--------------------------------	----------

PRIMEIRO RIZOMA: OS LUGARES DAS TATUAGENS	23
1.1 A Ocidentalização das tatuagens: A tatuagem atravessa o oceano	26
1.2 <i>Freak show</i> : as tatuagens adentram o circo.	30
1.2.1 As mulheres tatuadas: dos <i>freaks shows</i> ao contemporâneo. Um corpo colorido para ser exibido e julgado	33
1.3 Tatuagens: marcas de crime e castigo.....	41
1.4 Gêneros, corpos e influência midiática no tatuar-se: por uma semiótica crítica de análise.	46
SEGUNDO RIZOMA: CARTOGRAFIA DO DESEJO: TATUAGENS E SUBJETIVIDADES.....	60
2.1 Cartografias: experiências preliminares do trabalho de campo	60
2.2 Sobre o método: pistas da cartografia.....	62
2.3 Subjetividades: dialogando com o conceito de “dobra” de M. Foucault e G. Deleuze	67
2.4 Tatuagem e desejo: modos de subjetivação na sociedade de controle a partir dos agenciamentos contemporâneos	71
TERCEIRO RIZOMA: Corpos afetados, desejos tatuados.	77
3.1 Nietzsche, Espinosa, Deleuze: corpos e afetos	77
3.2 Desejos cartografados: o corpo que subjetiva em (des)dobras	84
3.3 Corpos tatuados, com ou sem órgãos?	89
UMA GUINADA À PROFANAÇÃO.....	96
ANEXO: Representação de estilos de tatuagens.....	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	110

RIZOMA PRELIMINAR

“Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer, e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza, ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive, estados de não-signos. O rizoma não se deixa reduzir nem ao Uno nem ao múltiplo...Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções moveáveis. Não tem começo nem fim, mas sempre um meio, pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades” (Gilles Deleuze, Félix Guattari, *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*, 1996, v.3 p. 31).

Falar sobre essa pesquisa e minhas motivações é retomar partes da minha história e de minha trajetória. Nasci e cresci na cidade de Rio Claro/SP – saí da cidade em 2006 para estudar, pois lá não havia o curso de História, muito embora seja uma cidade universitária. Em meados de meus 12 para 13 anos eu descobri o que me preenchia e fazia-me partilhar sensações, sentimentos, extasiar-me: música! Mais precisamente, os estilos do Metal: heavy metal, death metal, thrash metal e afins. Eram cadernos do ensino fundamental com capas feitas por mim de ídolos de cabelos compridos, tatuagens, brinco de argolas e acessórios. Era um pacote de elementos que compunham minha atitude rebelde, radical.

Meus amigos eram todos cabeludos, tatuados, cheios de *piercings* e brincos, alguns com rasgos e saliências na pele. Estava sempre com um punhado de caras que ouvia os estilos mais pesado do *metal*. Logo, também me comportava como tal, vestia-me, ouvia as mesmas músicas e mimetizava seus comportamentos. Esse contexto trouxe-me o primeiro contato com as tatuagens que transitam nas cenas urbanas.

Na adolescência, com treze ou quatorze anos queria complementar minhas “atitudes” com *piercings*, furos e tatuagens, afinal, as roupas já estavam condizentes, o comportamento e os cabelos, também. Faltavam as tatuagens e os furos. Com 13 anos consegui convencer meu pai a fazer outro furo na orelha. Fiz. Entretanto, com a força da insistência, quando completei 15 anos, ele permitiu que eu fizesse um *piercing*¹ no nariz, com tanto que fosse uma pedrinha brilhante e discreta. Fui com ele até o *shopping* onde tinha a loja de perfuração, escolhi a joia, meu pai assinou o termo de responsabilidade e fiz o furo. E saí de lá pensando como gostaria

¹ Talvez o *piercing* seja a modificação mais popular de todas. Assim como brinco, o *piercing* também é reversível: tirou a joia, o furo se regenera. Já é considerado um acessório, o preconceito não é do maior e há um enorme número de pessoas que aderem ao adorno e que estão dispostas a terem o corpo perfurado. A preocupação maior está na escolha do estúdio pelas necessidades higiênicas, a qualidade da joia, a higienização e assepsia após o procedimento, etc. Preferencialmente as joias têm que ser de aço cirúrgico ou de material antialérgico. As agulhas geralmente são descartáveis e os lugares do procedimento são diversificados: lábios, orelhas, umbigo, nariz, mamilos, bochechas, região genital, dedos, etc.

de ter colocado a argola e não a pedrinha, claro que depois de alguns anos, troquei-o pela argola. Hoje tenho trinta e um anos e ainda o tenho. E confesso: essa coisa de mexer com o corpo, de atender desejos e satisfações, vicia! E tanto que depois desse *piercing*, fiz diversas tatuagens (e sem pretensões de parar), alarguei um lóbulo da orelha (somente um, o direito, porque depois que alargamos não se consegue usar mais brincos comuns, só específicos, então, resolvi manter o lóbulo da orelha esquerda para usar brinco comum, porque gosto de brincos comuns). Já perdi as contas de cores e cortes diferentes em meus cabelos (rosa, azul, verde, vermelho, laranja, roxo, loiro platinado, preto, etc.) e ultimamente estou na experiência de modificar meu corpo através de exercícios físicos (cardiovasculares e musculação com pesos) e com dietas específicas. Confesso que nesse mundo aprendi muita coisa em relação ao cuidado e ética de si, ao controle e manipulação do próprio corpo, a ter paciência, a assistir resultados morosos que precisam de dedicação e esforço. A experiência com o corpo é maravilhosa, não sabemos até onde ele pode ir. Temos apenas uma noção superficial de sua potencialidade.

Retomando a questão das tatuagens, depois retomaremos com mais fôlego a questão do corpo, corporeidade e subjetividades. Além dessa trajetória pessoal, do contato com pessoas tatuadas e modificadas, minha pesquisa monográfica de conclusão de curso versava sobre as modificações corporais e *body art*. Dentro dessas questões abordei as tatuagens, uma das inúmeras modalidades que compõem as modificações corporais que perpassam as culturas citadinas e os grupos cunhados como “tribos urbanas”². E foi por consequência dessa pesquisa que resolvi decompor esses temas e escolher um para debruçar-me com mais particularidade. Há mais dois motivos para ter escolhido a tatuagem para objeto de análise dessa pesquisa. No ano de 2014, estava dentro do ônibus coletivo aqui na cidade de Uberlândia/MG e um senhor sentou-se ao meu lado. Ele me observou e disse algo que elogiava minha beleza, mas completou com “apesar de bonita, não gostaria de tê-la como nora com esses desenhos aí (sic)” (as tatuagens). Eu só o observei e agradei o elogio feito anteriormente e fui para o trabalho. Esse comentário suscitou reflexões sobre quem eu era, o que eu fazia e como me viam. Essa não foi

²Sobre as tribos urbanas, em minha pesquisa monográfica, fiz uso da cunhagem e do entendimento de Michel Maffesoli sobre o fenômeno. Durante o processo da graduação e da pesquisa monográfica constatee que a ordem vigente da sociedade fragmenta e coordena novas formas de relações culturais e sociais e que existem os sintomas desta modernidade em colapso. Os desdobramentos nada estáticos da modernidade instituíram novos paradigmas e, não obstante, nos apresentaram com a multiplicidade de “Eu’s”, de máscaras. Tal projeto de modernidade, calcado num projeto idealista de individualidade, acaba sobrepujado pela razão instrumental, derivando para a contemporaneidade a necessidade do “Eu” de se organizar e se agrupar de forma defensiva para sobreviver perante a diversidade e os temores das mais variadas naturezas. A busca por uma identidade nesse contexto revela talvez as incertezas quanto à constituição de individualidade. Em geral, a dita “revolução tecnológica” e a pós-modernidade, geraram novas formas de expressão de identidades coletivas que abraçam para si próprias a busca do controle sobre as vidas dos jovens e, sobretudo, do meio em que vivem.

uma única vez. As pessoas soltam comentários aleatórios sobre minhas tatuagens: ora acham lindo, bem feito e me acham bela. Ora despejam negativas, reprovações e preconceitos. Essas experiências não acontecem comigo somente, mas com todos que estão ligados ao mundo da tatuagem de alguma maneira. Este trabalho tem como foco as subjetividades tatuadas e as teias das tramas que são muitas, que são rizomáticas, possuem linhas de fuga, ou que seguem conforme os fluxos e que se entrelaçam neste processo de subjetivação.

Diz respeito, também, à política dos afetos e do desejo. Mas, não somente a História das tatuagens e não somente a tatuagem do meio *underground*³, pois elas já perpassam todos os meios da sociedade, não apenas os grupos juvenis e manifestações oriundas da rua ou somente jovens. De seu modo, dentro das práticas consideradas aceitáveis daquele meio de convivência, está dentro das casas, nos diversos tipos de trabalho e quase em todos os lugares. Mas, observei que existem diferenças na prática da tatuagem que são trançadas pela realidade e por práticas externas que compõem os processos de subjetivações. Para além de circundar a tatuagem em um grupo ou em um *ethos* específico, entenderemos a mesma enquanto linguagem que circula nos jogos de poder, de controle, de interesses, dos dispositivos e das formas externas dos jogos de linguagens.

Há quem considere a tatuagem como uma modificação corporal mais branda, já que ela segue tendências da moda, inclusive, tornando-se um adorno do visual. Porém, Ortega (ALMEIDA; EUGENIO, 2006, org.), afirma que, a tatuagem ainda não virou um elemento *fashion*, e que não é possível uma completa absorção dessas práticas pelo universo da moda, já que isso demanda toda uma preparação e planificação intensas, exigindo diversos cuidados antes e depois, sem falar que tais práticas deixam marcas permanentes e semipermanentes. Para Ortega, essa atenção atual exacerbada ao corpo pode ser denominada como “bioidentidade”.

³A cultura *underground* aqui é compreendida como as artes plásticas, a música, a literatura, todas as manifestações artísticas e culturais advindas das culturas urbanas contemporâneas e que, entretanto, de alguma maneira, se esforçam para sair dos padrões mercadológicos, do que está “na moda”, do que é apresentado na mídia. O *underground* é o famoso “feito no porão”, “na garagem”. A expressão *underground* vem do inglês e significa “subterrâneo”. Em suma, é a cultura produzida pelos guetos urbanos das cidades. Apesar de muitos movimentos da cena juvenil urbana contemporânea permanecerem no *underground*, algumas viram moda, saem do considerado *subterrâneo*. Especialistas no assunto dizem que uma manifestação artística, uma banda musical, um livro, qualquer forma de expressão que seja, quando entra na moda, tem grande notoriedade popular, ela é considerada *mainstream*. Compreendo esse termo como uma gíria que indica que uma determinada manifestação cultural, ou forma de expressão, caiu no gosto da cultura de massas, ou seja, quando um determinado elemento cultural sai de sua forma *underground*, pois assumiu as formas pressupostas da indústria cultural, tornando-se rentável de alguma forma. Cabe esclarecer aqui que nenhum movimento cultural urbano contemporâneo está livre de ser tragado pelo interesse do capital. *Mainstream* é uma expressão inglesa e significa “corrente principal”, dando a ideia de um “gosto coletivo” das massas. *Mainstream* é um adjetivo relativo à expressão do inglês *conventional* que significa convencional.

Bioidentidade seria deslocar a construção e descrição de si para a exterioridade do corpo, de modo a colocar a alma e os pensamentos virados para fora, estampados na pele.

Segundo Ferreira (2007), as marcas nos corpos, como as primeiras tatuagens, por exemplo, são constituídas de atos impulsivos, pouco refletido ou trabalhado e a primeira marca seria o que ele denomina de “modalidade fluída de reflexividade”. Tais atitudes costumam vir interligadas a uma figura admirável para o indivíduo, seja no campo dos quadrinhos preferidos da infância, seja das bandas que mais gostam, ou de algum personagem fictício com o qual ela se identifique, ou seja, as fontes de inspiração para as tatuagens, geralmente são os heróis ou vilões da vida cotidiana dos jovens.

Se há algo que as pessoas sentem ao tomar a decisão de se tatuarem, certamente que isto se refere, principalmente, aos questionamentos quanto ao tamanho da tatuagem, a cor, o valor, se dói ou não e sobre quem será o tatuador. Este ato leva o interessado a até mesmo protelar o ato de demarcação dos detalhes para a realização da tatuagem - pois as modificações corporais ainda demandam uma razoável quantidade de dinheiro para que tudo ocorra como o esperado, e o produto final corresponda às expectativas. Fica a pergunta: mas será que é assim que está ocorrendo esse processo? Ferreira diz que essas pessoas que protelam o ato de fazer a tatuagem, também estendem o desejo intrínseco nesse processo, ou seja, quando se está no campo da idealização, do prazer em imaginar, também se está antecipando e vivenciando sensações.

Também acredito que refletir sobre essa escolha do objeto – a tatuagem – seja importante, pois não é meramente uma marca. Assim, como todas as marcas que implicam modificações, tatuar-se não é apenas acrescentar um símbolo em nossa epiderme, mas faz parte da própria construção, da constituição de um indivíduo, de um sujeito e de sua maneira de sentir e subjetivar-se. É a constituição de um corpo, que é a construção de indivíduo, de um devir, de um ente. Que se subjetiva. Trata-se da linguagem de uma época, de um *ethos* e que corresponde a um jogo maquínico do desejo. E que é manifestação de corporeidade.

Segundo Nizia Villaça e Fred Góes (1998), a *body modification* explora as possibilidades e limitações de sensações que através de recursos tecnológicos proporcionam, supostamente, a autonomia na modelagem dos próprios corpos e de construções de identidades. Esse hibridismo pode, segundo os autores, confundir e camuflar valores estéticos e culturais, pois as modificações corporais problematizam as fronteiras entre os conceitos de natureza e cultura.

Era de se esperar que tais comportamentos proporcionassem relativos choques de paradigmas, quiçá, rupturas, frente aos padrões estéticos e morais impostas por uma mídia e

sociedade que sacralizam o corpo em favor dos interesses da sociedade de consumo, da beleza e do eu narcísico; isso sem falar na quebra de paradigmas do ideal de homem imputado pela modernidade.

Destarte, faz-se necessário discutir e problematizar como os tatuados e suas maneiras de subjetivações estão sendo pensados, visitados e revisitados no campo teórico das Ciências Humanas. Quais os diferentes olhares lançados sobre esse grupo? Meu foco será o *sensível*, ele que é o responsável pela nossa percepção de mundo, o sensível do homem, daquele que projeta e é projetado pela sua concepção de mundo e que tem tudo a ver com o *sensível*. Indubitavelmente, é através do sensível que o mundo nos chega e é nessa lógica que o *percebemos*. É de uma teia de *sensações* que partimos para elaborar nossa visão de mundo; o mundo, nesse sentido, é a minha representação a partir da leitura das *percepções sensoriais*: “É possível pensar imerso na fluidez, sob pressão permanente e ininterrupta do fluxo? Privado de tempo, da duração exigida pelos sentimentos, o indivíduo hipermoderno pode experimentar algo diferente de sensações?” (HAROCHE, 2008, p. 123).

Dizer que lançarei um olhar interpelativo para as maneiras de subjetivação dos adeptos da *tatuagem* é o mesmo que tentar me aproximar das expressões, impressões e, literalmente, das marcas deixadas pela vida (e na pele). Praticamente traçar um olhar de uma época calcada na fluidez contemporânea. Localizaremos subjetividades, experiências íntimas, que são marcas de historicidade. E, sobretudo, situá-los no tempo e no espaço. A questão principal é: o que significa ser tatuado hoje? Como estamos direcionando nossos desejos em relação ao corpo e às tatuagens? Tatuarse corresponde responder aos estímulos, desejos e aos fluxos da contemporaneidade fluida, mas, também, justamente por ser uma marca permanente, não seria uma resistência a essa fluidez e ao efêmero?

Quais são as motivações de quem tatua a pele? Marcar a pele parece nos apontar um importante caminho para a compreensão do sujeito frente às questões indissociáveis da existência humana – como um todo. É, a partir dessa perspectiva que conseguiremos enxergar histórias particulares de sujeitos históricos que vivem e que, sobretudo, sentem, desejam e se subjetivam. Quais são os processos de subjetividades envolvidas no tatuar-se na contemporaneidade? Para elucidar melhor as problemáticas e questões a serem levantadas nessa dissertação usarei da contribuição de pensadores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Georg Simmel, Judith Butler, Espinosa, Giorgio Agamben, Walter Benjamin, Eric Hobsbawm, Suely Rolnik, Claudine Haroche, Virginia Kastrup, Friedrich Nietzsche entre outros. Estes autores ajudarão a fundamentar as discussões e a compreensão dos usos e práticas do corpo, para entender a tatuagem enquanto linguagem, pontuar os processos de subjetivações

perpassados pelos dispositivos, a pontuar a economia e gestão dos afetos – sobretudo, o desejo –, a pensar a respeito dos sentimentos na contemporaneidade e, mormente, refletir a respeito do método que escolhi para conduzir essa pesquisa.

Nos anos de 1970 houve o fenômeno na historiografia conhecido como Nova História. Antes dessa renovação, em 1929, a historiografia já havia se renovado, dando guinada e oxigenada irascíveis. A “Escola dos Annales” francesa rompia com os paradigmas da antiga historiografia calcada nos grandes fatos, nos grandes homens, “historicizante” e com método considerado positivista. Este novo paradigma abre um campo diverso de possibilidades e estudos, contemplando o social, o econômico, o cultural, as visões de mundo, a psicologia, etc. Esta pesquisa é um trabalho de História Política. Como foi o trajeto da História Política dentro da renovação historiográfica?

É junto com a Nova História e as reflexões sobre o poder de M. Foucault dos anos de 1970 que a História Política se renova. A política enquanto objeto de análise sofreu descrédito no período das renovações propostas pela Escola do Annales porque ela era atrelada à factualidade política, em narrações de homens de poder, de Estado e por diversos outros motivos. Essa narrativa pairava na superficialidade, era como ater-se às aparências/superfície da realidade. Mas isso tem a ver com a influência da sociologia durkheimiana e do marxismo (embora nunca assumido) nos estudos de March Bloch e Lucien Febvre, fundadores dos Annales. Mas, por que precisamente? Porque a história deveria deixar o estudo dos fatos políticos, diplomáticos, das guerras, das decisões dos grandes homens e partir para o estudo do domínio das grandes estruturas normativas que determinam a ação e a consciência dos homens, que são capazes de fazer compreender os fatos. A política passava a ser vista como um epifenômeno, um sintoma de outras realidades tidas como mais fundamentais. Exemplo claro dessa concepção é a famosa ideia de Durkheim de que 1789 – a Revolução Francesa – foi um “sintoma” e não uma causa da grande mudança social que estava em curso nos finais do século XVIII.

Entretanto, o político não foi totalmente negligenciado, muito embora sofresse com a desconfiança de sua “cientificidade”. A obra “Os reis Taumaturgos” de Bloch propõe a compreensão da formação do absolutismo real ao longo da Idade Média francesa envolvendo análises do político e até mesmo com Braudel, que é da segunda fase da geração da Escola dos Annales, que priorizava a dimensão geográfica, o econômico e a estatística, também não abriu mão de mencionar e estudar o político. Percebemos que a história política não foi totalmente negligenciada, por outro lado foi colocada como consequência de outras ações e existem motivos para que ela nos anos de 1970 emergisse significativamente renovada. Primeiramente,

houve o interesse pelas “ideias” por parte das Ciências Políticas, que culminou em trabalhos voltados para o campo das forças, elites e o funcionamento geral do sistema político. Em segundo, de acordo com o autor René Rémond, que identificou esse interesse nesse período com a “História das mentalidades” e a conhecida como “terceira geração da Escola dos Annales” (Peter Burke), existem motivos de ordem sociológicos para este retorno: as grandes guerras, a maior intervenção do Estado nas crises econômicas, o retorno do indivíduo juntamente com a presença de pequenos grupos ativistas, a emergência de regimes democráticos, etc. Podemos localizar como uma rica contribuição para a renovação da História Política os estudos de E. P. Thompson que repensou e reconfigurou o marxismo britânico oferecendo novas maneiras de pensá-lo.

Segundo René Remond, em sua célebre coletânea *Por uma História Política* (1988), a política é uma realidade em si e não um reflexo de outros fatores. Ela apresenta-se com certo poder de influência e arbitragem nas sociedades complexas, que possuem mecanismos, igualmente, labiríntico de funcionamento. Com essas complexidades e interesses, afetos e desejos variados, o político pode modificar o curso das coisas e influenciar e fundar novos tipos de mentalidades, o mesmo, segundo o autor Pierre Rosanvallon, em sua obra *Por uma história conceitual do Político* é “o lugar onde se articulam o social, e suas representações e, também, a matriz simbólica onde a experiência coletiva se enraíza e se reflete ao mesmo tempo. A questão? É a da modernidade, de sua instauração e de seu trabalho” (Rosanvallon. p 12). Em suma, o que é político afeta o social, o cultural, o econômico e assim por diante, pois as coisas, no devir da História, são como átomos agitados e que percorrem os mais variados caminhos, cruzando, dialogando e também discordando dos variados métodos. Mas, sempre vem a questão: como diferenciar o político do social, do cultural, do econômico, por exemplo? Não existe uma maneira singular.

Tratar do político é plural. E não existem fronteiras que delimitem: “isso é político! ”. É um campo que se dilata, é rizomático, também encolhe, não é um território delimitado e suas fronteiras não são estabelecidas. Muito se fala sobre a análise do poder no político, apesar de considerá-lo a espinha dorsal, ele não se encerra nas instituições de ações políticas. Os mecanismos de poder perpassam todas as relações institucionais e não institucionais.

Segundo Francisco Falcon em “História e Poder”⁴, alguns pensadores desarticularam o poder da esfera do Estado e possibilitaram a oxigenação da História Política. É agora que

⁴ FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion (Org.). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 61-89.

Michel Foucault e Pierre Bordieu se apresentam como protagonistas importantes para essa desconstrução desta análise. De que maneira? Esmiuçando as formas de poder. Sob a perspectiva desses dois autores, de formas diversas, ele ganha status simbólico e suas influências não estavam restritas ao político, *ad stricto*. Mas, esse poder perpassa todas as esferas institucionais sociais e, sobretudo, na maneira de pensar e transmitir os valores institucionais como regras sociais, ou seja, nas práticas e nas ações. Advém daí os trabalhos de Foucault voltados às instituições disciplinares: cárceres, manicômios, as escolas, sexualidade, etc. Bordieu ofereceu reflexões sobre o poder simbólico das grifes de alta costura e o das trocas econômicas simbólicas. Para elucidar melhor: como, então, se dá a prática da análise histórica do político? Continuam como análise genuína do poder e do político, mas agora com interesses perpassados pelo raciocínio voltado às mentalidades, das ideias, da memória, das linguagens, porém, agora, sem estar atrelado necessariamente às amarras do status econômico como algo inerente.

Mas, assim como afirma M. Foucault, onde há poder há resistência. As práticas de liberdade que inserem-se nas relações dessa alçada, não são a eles exteriores. A opressão nunca é exercida de maneira integral. De forma geral, a sociedade se configura como uma arena: vivemos sob a pressão dos poderes, mas também temos a liberdade de resistir da maneira que podemos. Justamente por isso, estudar o político atravessa também o estudo das escolhas pessoais, dos comportamentos, convicções, lembranças, memória, cultura.

Como se trata de uma história contemporânea gostaria de elucidar o que seria esse contemporâneo. Para embasar essa questão aproprio-me do pensamento do italiano Giorgio Agamben. “O que é ser contemporâneo?” (AGAMBEN, 2009. P.62). Pergunta célebre que Agamben levanta com erudição e certo entusiasmo para essa discussão. Segundo o autor, podemos compreender o contemporâneo da seguinte maneira: colocar-se a pensa-lo é estar num lugar de quebra, fratura, desligamento. Quando falamos dessa ideia, Agamben diz que não é um dado temporal, antes de tudo é um estado de espírito. A contemporaneidade, segundo Giorgio Agamben, exige uma relação singular com o próprio tempo, que também adere a ele, mas toma distância. Quem adere demais a este tempo, não pode ser considerado um contemporâneo, por estar junto, grudado. A adesão perfeita não permite enxergar esta fratura, de tão fixo que se apresenta. O tempo presente é uma vértebra quebrada, e contemporâneo é estar localizado nesta vértebra. Agamben nos oferece camadas para entendimento deste processo. A questão também é entender o contemporâneo em comparação ao escuro: ser contemporâneo é aquele que, para além de estar com o olhar fixo no seu tempo, enxerga não somente as luzes, mas, sobretudo, o escuro. Tratar do contemporâneo é ao mesmo tempo lidar

com obscuridades. Quando falamos desse escuro, não falamos da pura ausência de luz, mas falamos de construção histórica. (Ibidem, 2009, p.62)

Como diz Agamben: entender o contemporâneo é “(...) neutralizar as luzes que provém da época para descobrir as suas trevas, o seu escuro especial, que não é, no entanto, separável daquelas luzes” (ibidem, 2009, p.63). O autor vai, ao longo de seus estudos, fazendo comparações sobre enxergar esse escuro e afirma:

Isso não significa que o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está a altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de “citá-la” segundo uma necessidade que provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder. É como se aquela luz invisível, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora. (AGAMBEN, 2009; p.72).

O método que escolhi para conduzir essa pesquisa dissertativa é a *cartografia social*, especialmente a abordada por Gilles Deleuze e Félix Guattari: noção que se constrói em consonância com o pensamento de Foucault. O método cartográfico oferece pistas para os estudos dos processos de subjetivação. O que é cartografia social? Haverá um capítulo específico para a abordagem desse método de pesquisa e para debates com os autores e teóricos. Esta teoria social é bem diferente da cartografia tradicional que tem a ver com traçar mapas e territórios (relevos e distribuições populacionais). O método que procuro compreender traça diagramas de relações, enfrentamentos e cruzamentos entre forças, agenciamentos, jogos de verdade, enunciações, jogos de objetivação e subjetivação, produções e estetizações de si mesmo; práticas de resistência e liberdade. A proposta de Foucault e Deleuze traz a cartografia como alternativa da análise do presente, possibilitando o encantamento e, também, a análise crítica do que somos e de nosso tempo.

Usar este método de análise pressupõem cuidados e algumas premissas. A cartografia é de vínculo estreito com Deleuze, mas o mesmo partiu de pressupostos foucaultianos para reflexão do método. Como assim? A análise cartográfica é uma proposta elaborada a quatro mãos: Foucault e Deleuze e ambos são ligados à tradição filosófica nietzschiana. Para compreensão do método cartográfico, Deleuze parte dos conceitos: arqueologia do saber, genealogia do poder e genealogia da ética. Muitos estudiosos que se debruçam no método afirmam que a cartografia é uma derivação desse método foucaultiano de investigação, análise e reflexão. Na década de 1970, Michel Foucault já dava indícios das pistas do método cartográfico quando pontuava expressões como “posição”, “campo”, “domínio”, “solo” e assim por diante. Nos anos de 1980, na introdução de “Mil Platôs”, Deleuze e Guattari davam

direcionamentos e referências à cartografia como método rizomático. Nos meados dos anos de 1980 a cartografia aparece como possibilidade de investigação no Brasil com Suely Ronilk e outros pesquisadores. O diferencial do método cartográfico é que apesar de todo rigor metodológico que é necessário à prática dos saberes, ela é flexível de acordo com o contexto.

Existe uma liberdade do cartógrafo: podem-se dar rumos e direcionamentos estratégicos à situação. Cabe ao cartógrafo, também, acompanhar com olhar crítico seu trabalho de campo, aguçar seus sentidos, sensações e percepções vividas nos encontros durante o processo. O método de pesquisa baseado na cartografia permite que o pesquisador, em encontro com “o outro” possibilite mudanças entre ambos. Os envolvidos não serão mais os mesmos a partir deste encontro. Quando o cartógrafo vai ao campo para mapear processos de subjetividades, ele tenta perceber as forças externas que atuam naquela realidade, buscando ligações, linhas que se cruzam, rizomas e linhas de fuga que afetam constantemente a subjetividade. Esta não acontece singularmente, a partir somente do “eu”, ela necessita das relações externas, diversas e complexas que desencadeiam em processos coletivos.

Para além de uma história política, essa pesquisa também é a cartografia dos sentimentos. Mais precisamente do desejo. Este que é compreendido nas concepções deleuzianas: um sentido de desejo composto pelas ideias de Nietzsche e Espinosa. Enquanto que para a psicanálise de vertente freudiano-lacaniana o fator se constitui enquanto “falta”, algo a ser preenchido, Nietzsche é categórico: o desejo não é “falta”, é produção! É abundante que quase transborda. Não é carência, é justamente o contrário, é excesso! Pois, para Deleuze, a não ser os padres, quem mais chamaria desejo de “falta”? Nietzsche chamou isso de “vontade de potência”. Como para Deleuze, só existe o real, o molecular, o desejo atua para a produção desse real. Nós somos seres, corpos desejantes e esses sentimentos criam fluxos. E nos perguntamos, por que a maioria dos filósofos tomou o caminho contrário? Por conta da herança platônica do mundo, este que ainda está por vir, transcendente, literalmente ideal. O que é de herança platônica é investido em paraísos que almejamos. Como para Deleuze só existe o real e o desejo é produção, ele produz o real e somente o real. Dentro dessa perspectiva, esta pesquisa também envolve questões relacionadas ao corpo. Aquele que deseja e vive nesse real, preso e/ou descolado dele.

A análise do desejo nesta pesquisa é para além da perspectiva tradicional freudiana que encerra o sujeito e sua relação com o desejo no seio familiar, ou seja, Édipo e castração, mãe e pai. O desejo para Deleuze e Guattari é geográfico-político. Deseja-se “com” o mundo e “pelo” mundo e não apenas no âmbito familiar. Então, não se deseja sozinho. Com ele sempre há agenciamentos. Isso implica dizer que sempre que desejamos não é pura e simplesmente

algo. Não é alcançando somente o alvo que cessa esse desejo. Desejamos todo o conjunto que está com o alvo. Toda a paisagem intrínseca. Quando desejamos, por exemplo, uma blusa, deliramos com os passeios que faremos com ela, como nos apresentaremos com ela e visualizamos cenas mentais que nos dão adiantamentos desta satisfação do desejo. Ou seja, criamos agenciamentos. Logo, quando desejamos uma tatuagem, não a desejemos somente, mais desejamos e deliramos com tudo aquilo que está intrínseco. O que as pessoas andam desejando com suas tatuagens? E Deleuze é categórico: um agenciamento é sempre um coletivo e não possui linearidade. Por ser coletivo é múltiplo e caótico. Essa escrita definitiva no corpo pode ser a metáfora do desejo - o da imortalidade – que se imprime e manifesta na pele via inscrição/ escrita/desenho/tatuagem.

O corpo é parte do real e é composto por moléculas abertas que se movem e se transformam. O real – a realidade – é a possibilidade de vida, diante da certeza da morte, desde que não se perca de vista o limite da carne. Qual é esse limite sendo que a condição humana é a permanente negociação entre as criações da realidade psíquica e as imposições da realidade externa, dos dispositivos e máquinas desejantes com seus fluxos?

Quando digo que esta pesquisa é a cartografia do desejo no processo de subjetivação do ato de tatuar-se é justamente compreender a gestão e o uso do desejo pelas pessoas que vão até o estúdio tatuar-se e a relação que ela estabelece com o tatuador e com esse processo. Não somente isso: também pessoas que já possuem suas tatuagens e qual a relação subjetiva que ela estabelece com a mesma. O desejo por ser mutável e revolucionário não é estático, logo um anseio inicial que imprimiu sentido e significado para uma pessoa, modifica-se conforme ela relaciona-se e se transforma. Experiências sempre são (re)atualizadas.

A proposta desta pesquisa é a cartografia do desejo que impulsiona a pessoa a modificar-se, colocar pigmentos permanentes em suas peles e escolher conviver com aquilo para sempre – ou não, porque estive em contato com pessoas que procuraram os estúdios de tatuagem para cobrirem alguma, feita outrora, ou para o processo de remoção a *laser*. Esse processo de remoção ainda não é encontrado facilmente, só encontrei este tipo de trabalho no estúdio que fica no *shopping* mais antigo de Uberlândia/Mg.

Busca-se assim, problematizar a tatuagem e refletir sobre as formas consideradas singulares que indivíduos do mundo contemporâneo urbano estão usando para imprimir em seus corpos, signos que, literalmente, situam o “eu” duravelmente no tempo e no espaço. A intenção é promover um mapeamento mais consistente da história da tatuagem, organizar as reflexões existentes a respeito do tema, ou seja, traçar uma teia de elementos sobre os motivos que levam uma pessoa a não se incomodar em sentir dor para modificar consideravelmente sua

aparência. Estamos falando ainda das sensações que são causadas por esses procedimentos “cirúrgicos” voluntários.

Vemos nas ruas pessoas com aparências que não víamos há décadas atrás. Suas ambivalências vão da fascinação ao horror. São capazes de chocarem e fascinare o observador. Visualizamos os tatuados perambulando, em maior número, pelos grandes centros, onde dividem espaço, disputam, sentem, comungam, e, sobretudo, desejam.

Esta pesquisa exigiu de mim inúmeras idas ao campo investigativo. Fiz entrevistas com tatuadores e tatuados, dentro e fora dos estúdios – local comum de trabalho. Como a proposta é a análise dos processos de subjetivações, do desejo e do uso do método cartográfico, fui a campo sem ter um roteiro prévio, pois precisava a todo o momento sentir o ambiente antes de partir para perguntas e especulações. Como eu precisava colher as entrevistas e as imagens das tatuagens, resolvi gravar com filmadora e desse material produzir um minidocumentário de no máximo 15 minutos para compor esta dissertação. Uma maneira de possibilitar a apreciação visual melhor de nossos sujeitos. Contemplei estúdios em diversas regiões, não apenas no âmbito central, porque os públicos variam de acordo com a localidade dos mesmos. A cartografia será para isso. Para interagir com esse real para localizar corpos, sentimentos, subjetividades e cartografar os diversos corpos no fazer-se e sentir-se tatuado. Como estão interagindo com os dispositivos de controle? Existe um limite de dor, de desenho, de sensações e, sobretudo de escolha entre os corpos e as tatuagens? E a relação do cliente e do tatuador? Como acontecem as relações de processos de subjetividades entre ambos? Como o desejo aparece nessa relação?

A subjetividade aqui seguirá os paradigmas de Deleuze e Guattari, de maneira sucinta, ela é tudo aquilo que perpassa o fazer de “si”, a maneira de existir, que ajuda a imprimir incessantemente um estilo de existência:

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação, de semiotização - ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica - não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microsociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extra-pessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e produção de idéia, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.). (GUATTARI & ROLNIK, 1986; p.31).

Essa dissertação tem/teve trilha sonora: Morphine. Escrevi do começo ao fim escutando essa maravilha. Sugiro que comecem com o disco *Like Swimming*. Cada música um paraíso sensorial.

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro localiza historicamente as tatuagens no tempo, no espaço, em diversos contextos até sua ocidentalização. Também propõe uma análise semiótica crítica das tatuagens e influências da indústria cultural. Localizamos as relações das tatuagens com entretenimento nos circos de *Freak show*, o envolvimento destes signos com crime e castigo e as gangues criminosas de Los Angeles/EUA. Apresento também as modalidades das mesmas e algumas novidades que apareceram na questão de técnicas, assim como também discrimino maus usos de tatuagens como punição e humilhação. Também há a análise de gêneros e cruço com experiências e trechos de entrevistas que recolhi no trabalho de campo.

O segundo capítulo é mais teórico e discute as ferramentas usadas para a análise e construção dessa dissertação: método da cartografia, conceitos como subjetividades, territórios, desterritorialização, devir, linhas de fuga, rizoma e dobras. Enfim, são debates entre os autores para dar embasamentos teóricos sólidos para essa construção dissertativa.

O terceiro versa sobre as experiências e coletas do trabalho de campo que se cruzarão numa simbiose com a teoria. Neste capítulo há a discussão do desejo no seio das ciências humanas, de corpos, de afetos e de tatuagem. Do corpo sagrado e profano. Enfim, do tatuar-se frente ao desejo que é um sentimento político e que está em luta constante com os fluxos e dispositivos do possível e do impossível. Ou seja, o terceiro capítulo é tramado com a teoria e as fontes de análises.

As pessoas e lugares em que estive: Estúdio de *tattoo* “*Alucinação*”, bairro Mansour, Uberlândia. Entrevistei o tatuador Alex Rodrigues, 31 anos, proprietário do estúdio, tatuador e tatuado. Carla⁵, 15 anos e Vinicius⁶, 18 anos. Ambos estavam tatuando no estúdio quando estive lá. Estúdio *Tinta Preta*, localizado na região central, entrevistei Caio Nakane, tatuador/tatuado, 26 anos e Wakeman Ozzy Moraes, tatuador/tatuado, 29 anos. Estúdio *Blessed*, localizado no shopping, Jordana Lara, 26 anos, tatuada/tatuadora e Igor de Souza, 24 anos, tatuador e tatuado. Estúdio conhecido como “*Sala 3*”, não tem nome, mas ficava em uma área comercial com mais estabelecimentos e o estúdio se situava na sala número 3 e acabou ficando conhecido dessa

⁵ Nome fictício, a entrevistada é menor de idade. Entrevista captada por “handycam”. Estúdio Alucinação. Uberlândia, junho/2016.

⁶ Entrevistas captadas por “handycam”. Estúdio Alucinação. Uberlândia, junho/2016.

maneira, localizado em área central, Nicholas Shwaszner, 20 anos, tatuador/tatuado e Ivan (Fritex) 23 anos, perfurador de *body piercings* e tatuado. Estive também em eventos de “*Flash day tattoo*” e conversei com muitas pessoas que não quiseram ceder entrevistas formalmente, mas colaboraram com entrevistas informais e para minhas observações. Além de entrevista, constatee o movimento nos estúdios para captar elementos para essa pesquisa.

k

PRIMEIRO RIZOMA: OS LUGARES DAS TATUAGENS

Não nos é mais totalmente estranho, ultimamente, focar os olhos em cores e rabiscos nas peles por onde andamos. Independente do meio urbano considerado “megalópole”, até as pequenas cidades já estão dominadas por seres multicoloridos. Ora, também não é novidade que a tatuagem é uma prática milenar que sobreviveu descontinuamente ao longo de anos, com apropriações diferentes e que foram reelaboradas para o âmbito citadino na contemporaneidade.

Quando falamos de tatuagens e modificações corporais em geral, o corpo é o lugar que o suporta em inúmeros sentidos: Nas sensações, nas agulhadas, no desenho e, em última instância, o corpo torna-se, literalmente, *suporte*. Também expostos aos olhares, as apreciações e aos julgamentos. Ao considerarmos o conceito de “suporte” no dicionário, encontramos:

- 1 qualquer coisa cuja finalidade é sustentar (algo); escora, arrimo, sustentáculo *«um s. para vaso»*
 - 2 aquilo que dá apoio, que auxilia ou presta assistência; amparo
 - 3 peça em que (algo) é fixado ou assentado *«s. para bobina de linha»*
 - 4 DOC base física (de qualquer material, como papel, plástico, madeira, tecido, filme, fita magnética etc.) na qual se registram informações impressas, manuscritas, fotografadas, gravadas etc.
 - 4.1 INF num computador, material (disco, *pendrive*, fita magnética etc) destinado a receber a informação
 - 5 HER cada uma das figuras de animais situadas de cada lado do escudo, com o que o sustentando
 - 6 MIL apoio que uma tropa dá a outra numa operação ofensiva
- (Dicionário Houaiss)**

O corpo, segundo estudiosos da corporeidade, sempre foi usado como linguagem. Em todas as épocas e lugares ele aparece como “suporte” da vida, uma espécie de diário de bordo do homem na Terra, na política, na cultura e nos sentimentos e em variados momentos. Além disso, é o corpo que se enfeita para aparecer belo. Diferente. Mágico. A ele se deleita as possibilidades de marcar épocas. De qual maneira? Da maneira que a história da tatuagem se confunde e se mistura muitas vezes com a história das modificações corporais: tatua-se um sinal para a pessoa amada, fura-se a orelha no nascimento, coloca-se um pedaço de bambu nos lábios para comemorar a chegada da adolescência. Poderia o homem sentir inveja (sem ódio pelo possuidor dos atributos, mas sim, fascinação) da natureza, do qual ele considera(ria) externa à ele, com suas cores, pintas, formas, crinas, cristas, chifres, etc.,? O homem com sua natureza mimética trouxe para si, talvez, o fantástico do mundo externo e camuflou e adornou-se conforme as cores e formas que saltavam aos olhos.

Conforme o homem se adornava e mimetizava, ele percebeu que junto com os processos vinham dores, ferimentos e os cuidados necessários. Viu que era legal, satisfazia-se, mas também que era permanente, para sempre. Pode ter comemorado orgulhoso que aquele enfeite, marca, objeto perfurando e rasgando a pele poderia lhe fazer diferente ou pertencer a um grupo específico. Percebeu, também, que estava belo, diferente, que sentia, pertencia, mas também, excluía. Estava potente.

Segundo Leusa Araújo (p.12, 2005), o primeiro homem tatuado de que se tem vestígios é Otzi, que teve a alcunha de “homem de gelo”, viveu, aproximadamente, há 5.200 anos. Foi encontrado na região dos Alpes, entre Itália e a Áustria. Otzi traz impresso em seu corpo cerca de cinquenta marcas de tatuagens localizadas nas costas e nos joelhos. Não podemos deixar de mencionar os primeiros “*piercings*”, que apareceram cerca de 4.500 anos na Idade da Pedra com os povos da região do Indus. Este povo adornava seus corpos com dentes, ossos e tocos de madeira que atravessavam os narizes. Durante as expedições do início do século XX, nas regiões consideradas “pouco alcançadas pela civilização”, teve-se registros dos povos da Papua-Nova Guiné com esse mesmo tipo de enfeite atravessando seus septos.

É interessante notar os registros históricos das tatuagens. As mulheres, apesar de seu obscurantismo nos protagonismos históricos por uma tradição patriarcal nas ciências, também apareciam tatuadas em cerca de 4.000 anos atrás em Tebas, no Egito Antigo. Ficou conhecida como “Mãe Egípcia” a múmia encontrada na região e que foi nomeada Amunet e era uma sacerdotisa de Hathor – a deusa do Amor. Suas tatuagens consistiam em pontos na barriga em formatos de pontilhados no sentido oval acompanhando o ventre que pode indicar um sinal de fertilidade. Não só os egípcios tinham tal hábito de pontilhar suas mulheres no ventre e nos seios; segundo Araújo, as meninas da tribo Enawenê Nawê da Amazônia também passavam pelos mesmos rituais. Símbolos totêmicos também eram comumente utilizados para marcar os corpos. Há apontamentos que as tatuagens na Índia e no Tibet serviam para dar força às pessoas nos períodos difíceis da vida como passagens para a puberdade, gravidez, superar doenças e desgraças. (Leusa, p. 22, 2005)

Os povos Berberes – no norte da África – cultuam a tatuagem com intenções de estética e de proteção divina à saúde. As mulheres faziam desenhos geométricos no rosto para se destacarem no grupo e no período da colonização francesa, elas costumavam exagerar nas tatuagens faciais para que os soldados franceses, acostumados com a beleza óbvia europeia, não se aproximassem delas. A prática atualmente está em declínio por conta do islamismo proibi-la. Segundo Apoenan Rodrigues:

Fora do círculo dos povos étnicos, a tatuagem ganhou espaço até entre a realeza. Há um desenho do príncipe Constantine, da Albânia, datado de aproximadamente 1870, que mostra seu peito, braços e rosto inteiramente tatuados. Três décadas mais tarde, com a onda tomando conta dos marinheiros ingleses, os sangue-azuis locais também aderiram ao costume. Mesmo assim, grande parte da sociedade de então relacionava o ato de se tatuar à marginalidade ou à homossexualidade, ideia que se manteve até bem pouco tempo atrás. (RODRIGUES, p. 18, 2008).

Segundo Lessa, na Polinésia apareceram os primeiros “tatuadores”, denominados na língua local como “*tuhuna patu tiki*”. Esse termo, nas ilhas Marquesas – uma das ilhas dos arquipélagos da Polinésia Francesa – remete, no século XVI, a algo como “ancião das artes”. A técnica consistia em fazer um decalque na pele antes de perfurar com tinta – utilizada até hoje pelos tatuadores modernos – com desenho de carvão, e aí “estampava-se” a pele com ele para em seguida perfurar com tinta sobre o desenho impresso.

Sabe-se que, a mesma técnica utilizada na tatuagem - perfuração com objetos pontiagudos e cortantes – também foi usada, por exemplo, por povos do Senegal. Eles faziam cortes não muito profundos na testa para estancar uma dor de cabeça. Essa lógica é análoga à usada pela acupuntura. Assim como as tintas utilizadas para a pigmentação da pele que quase sempre eram elaboradas com óleo ou gordura e muitas vezes serviam também como unguentos e repelentes para livrar o corpo de picadas de insetos.

Recentemente, veículos de informação e mídia publicaram um estudo que relacionava a tatuagem a um bom sistema imunológico. Este que provém da Universidade do Alabama aponta que existe uma melhor resposta imunológica às infecções, que são semelhantes à prática de musculação, logo após um processo de tatuar. Segundo os estudiosos, tem a ver diretamente com o nível de cortisol no corpo e por “resetar” o sistema imunológico cada vez que ele é “agredido” pelas agulhas da tatuagem. Assim, como em exercícios físicos que demandam o uso muscular além do normal, a tatuagem deixaria a imunidade mais forte ao longo dos procedimentos, assim como os músculos, pois quanto mais rompemos a fibra muscular, o músculo reagiria para recuperação e fortalecimento, assim o sistema imunológico também se fortalece.⁷

1.1 A Ocidentalização das tatuagens: A tatuagem atravessa o oceano

Não conseguimos pontuar exatamente no espaço-tempo onde e quando se iniciou o processo de tatuar a pele. Mas, não conseguiremos entender a tatuagem sem atentar à origem

⁷ <http://super.abril.com.br/saude/tatuagens-melhoram-seu-sistema-imunologico/>. Acesso: junho de 2017.

da palavra em *maori*. As práticas maoris são as precursoras do que entendemos hoje no ocidente como tatuagem. Não porque os maoris detenham a exclusividade dessa prática, pois, como já vimos, ela se encontra de maneiras e formas diferentes em toda a história da humanidade e em diversos locais do planeta Terra. Mas, foram com eles que os ocidentais-colonizadores entraram em contato com tais práticas.

Cook é percebido como o personagem fundador da tatuagem moderna e responsável pela eternização e o conhecimento no Ocidente da palavra “*tattoo*”, que provém de uma onomatopeia da técnica usada pelos *maoris* para a feitura delas. A onomatopeia “*tau-tau* ou *taw-taw*”, era o som característico que os instrumentos de aplicação da tinta na pele faziam. A ferramenta era semelhante a um ancinho (rastelo agrícola), cheio de dentes ou ossos de animais depositados nas pontas. Apoia-se esse instrumento na pele da pessoa e com um pedaço de madeira bate-se em cima, mergulhando-o na tinta e fincando-o na pele. Os desenhos com os quais Cook teve contato eram espirais executadas nos rostos dos nativos, compostas por traços bem profundos e dolorosos. Ritual este que demorava muitos anos para cobrir o rosto inteiro dos homens nobres e guerreiros. Consta que, ao final das guerras, os *maoris* conservavam as cabeças de seus inimigos mais importantes. A regra era: quanto mais espirais no rosto, mais nobre a pessoa.

No século XIX, essas cabeças tornaram-se objetos de cobiça pelos europeus e muitas eram trocadas, na luta em defesa de suas terras, pelos nativos. Trocavam-se armas de fogo pelas cabeças tatuadas. Elas ficaram muitos anos na Europa e só recentemente começaram a ser devolvidas para a Nova Zelândia para compor o acervo do Museu Nacional.⁸

A primeira máquina de tatuar ocidental parecida com a que temos hoje em dia foi inventada por Samuel O'Reilly. Ele:

[...] se baseou num dispositivo para desenho e pintura patenteado por Thomas Edison para criar, em 1891, a máquina elétrica de tatuar. Agora, muitas agulhas podiam trabalhar ao mesmo tempo e em velocidade, diminuindo a dor do ritual e transferindo com rapidez o desenho para a pele (ARAUJO, 2005, p.45).

O que é comum ao longo da história da tatuagem é sua característica de imprimir nos sujeitos pertencimentos coletivos, ou seja, atribuía ao indivíduo acesso à dimensão social e cosmológica de sua formação social. Um corpo não marcado é um que não havia pertença. Pertencimentos estes que, hoje, estão intimamente ligados à forma da construção social e

⁸ <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/05/franca-devolve-a-nova-zelandia-cabeca-mumificada-de-guerreiro-maori-1.html>. Acesso: junho de 2017.

identitária que manejam os desejos individuais. Sempre há um motivo para a tatuagem. Não são mais previamente construídos e sólidos, ligados, por exemplo, aos rituais de passagens:

Deixam de serem *signos estatutários* claros e precisos, socialmente determinados e sobrecodificados, para passarem a constituir *signos identitários* voluntariamente apropriados, simbolicamente flutuantes e ambíguos. No seu propósito passa a existir um projecto de *individuação*, ou seja, de produção pessoal e reconhecimento social do indivíduo enquanto pessoa singular e autónoma (Benson, 2000). Expressa agora a *idiossincrasia pessoal* do sujeito, que faz do corpo marcado, historicamente conotado com exotismo e transgressão, um manifesto social de autenticidade e singularidade. (Ferreira, p. 138, 2011).

As tatuagens na contemporaneidade procuram expressar mais uma história individualizada interligada a uma autobiografia. Imprimem desejos e significados singulares ou de viradas na vida pessoais, sejam elas tristes ou alegres. Hoje, os limites parecem se expandirem cada vez mais, é possível fazer tatuagem que brilha no escuro – ultravioleta – através da luz negra e as tintas não contém elementos tóxicos apesar da aparência “radioativa”. A diferença é que essas tatuagens não são vistas quando na luz, apenas na ausência dela ou com a luz negra. O valor para uma tatuagem deste calibre é maior, pois ainda não é popularizada e não há a larga escala de produção das tintas.

Outra novidade são as que emitem sons. Esta também não é uma modalidade encontrada em qualquer lugar. Recentemente lançada, ela depende de um dispositivo – aplicativo de celular – para fazer a leitura das ondas sonoras. Tatuam-se ondas sonoras de choro de criança, fala de pessoas, ou qualquer outra coisa que emite som e que a pessoa deseja recordar, lembrando que só é possível a audição do som da tatuagem se passar o celular por cima dela e o aplicativo reconhecer as ondas sonoras, reproduzindo-o. Esse é um caso concreto da hibridez entre tradição, corpo e tecnologia. Simbiose. Essa tatuagem ainda não está disponível em qualquer estúdio, pois é recente, quem a inventou foi um casal de tatuadores de Las Vegas e espalhou-se pela mídia, possivelmente pela novidade da coisa.

Existe também a tatuagem em 3D que trabalha com sombras para dar a sensação de ser tridimensional, essa já é mais encontrada, caso o tatuador tenha uma boa noção de tri dimensão, o que, às vezes, não é o caso, por isso procurar e conhecer o trabalho do profissional é fundamental. Há também a prática de tatuar os medicamentos e composições que causam alergia à pessoa, para caso precise ser medicado e não tenha condições de avisar a respeito das alergias.

Como funciona a abertura de um estúdio de tatuagem? Existem duas opções dependendo do espaço e de quantas pessoas irão trabalhar no local. Se for trabalhar com mais de uma pessoa (geralmente há outro tatuador ou um profissional de perfuração de *body*

piercings) e o rendimento mensal do estúdio for aproximado cinco mil reais, a melhor escolha é a microempresa. Se for trabalhar sozinho a opção de microempreendedor individual é a melhor. Além disso, e do alvará, existem as burocracias para a abertura do estúdio: em qualquer uma das opções é preciso seguir as exigências da vigilância sanitária. Estes critérios variam de município para município e de bairro para bairro. Tudo que estiver dentro do estúdio, devem estar em congruência com o que dita a ANVISA. As orientações gerais e que servem para todos são: piso revestido de material liso e lavável e o espaço que será realizado a tatuagem deve conter pia com água corrente. É unânime entre os tatuadores antes de abrir estúdios: verificar qual público circula na área para atrair clientela⁹.

Uma das novidades com o estúdio de tatuagem é agregar outros produtos de consumo junto com o espaço. Em alguns dos lugares em que estive observei que havia a divisão do espaço comercial com outros profissionais da área como, por exemplo: do *designer*, de vestuário, de comidas e bar, etc. O estúdio tornou-se um espaço com diversas atividades interligadas ao público da tatuagem. Existem os eventos chamados de “*flash day*”. Estes são destinados ao trabalho com tatuagens consideradas menores e rápidas. Estas são as que vemos nos “quadros” expostos nas paredes dos estúdios. São desenhos geralmente de autoria do tatuador no estilo “*Old School*” e que atende a demanda de quem está de passagem pela região ou pelo estúdio, ou seja, que são feitas em uma sessão equivalente, ao máximo, uma hora e meia de trabalho. O que observei nesses eventos é que se juntam vários tatuadores de diversos estúdios em um evento maior, há bares, comidas, vestuários, artesanato, música, cervejas artesanais (não necessariamente tudo em um evento) e ali passam um dia comungando trabalho e experiências. Geralmente, estes eventos lotam de pessoas justamente pela tatuagem e preço serem menores. Embora, mais barato, a tatuagem ainda custa razoavelmente ao bolso: um flash, variando do tatuador, vai de 100 a 350 reais. O interessante destes eventos é que eles podem ser direcionados para um público específico, como, por exemplo, o evento “*Flash Day Dazminas*” voltado para as mulheres tatuadoras se reunirem em um mesmo evento na cidade de Uberlândia/MG com alguns “*stands*” voltados para o comércio de artesanatos, artes, roupas, acessórios, etc (produzidos por mulheres). O evento de “*flashes tattoos*” é uma releitura das tatuagens menores, rápidas e simples. De acordo com o site <http://alchemytattoo.com/>¹⁰, especializado em tatuagens, existem duas histórias. A primeira diz que estas tatuagens surgiram por necessidade

⁹ Acesso em junho de 2017: <http://revistapegn.globo.com/Como-abrir-uma-empresa/noticia/2016/05/como-abrir-um-estudio-de-tatuagem.html>.

¹⁰ Acesso em 22 de março de 2017: <http://alchemytattoo.com/>.

de rapidez. Os tatuadores inicialmente trabalhavam em fundos de barbearias e bares de maneira clandestina. Então, se a polícia aparecesse era mais fácil juntar todas as folhas e arrancá-las das paredes, sem danificar o desenho. Também existe a teoria de que os tatuadores, inicialmente instalados nos portos, deixavam estes trabalhos prontos para os marinheiros que aportavam rapidamente e saíam de viagem novamente. Ou seja: tatuagens menores para que desse tempo para fazê-las enquanto estavam em terra firme e já ficavam prontas, porque não dava para desenhar na hora, no papel, uma dançarina de Hula toda vez que algum marinheiro embriagado chegasse pedindo.

Em suma, quais são os estilos de tatuagens? Hoje em dia existem diversos tipos e técnicas. A chamada “*old school*” ou “tradicional” é o tipo pioneiro, possuem traços grossos, simples, cores fortes e primárias. São as tatuagens dos marinheiros e dos pioneiros que participaram da disseminação da cultura da tatuagem no final do século XIX e início do século XX. As tatuagens tradicionais ainda são bem procuradas e existem estúdios especializados neste tipo. Por conter traços grossos, cores fortes e por não ter detalhes que irão prejudicar a tatuagem no futuro, os tatuadores especializados neste tipo usam do argumento – e como *slogan* – que esse tipo de trabalho é a que dura, logo ela seria a única que duraria para sempre, sem romper os traços, borrar e ter que fazer retoques no futuro.

A “*new school*” é o desdobramento da tatuagem tradicional. Ainda possui traço grosso, as cores são vivas, mas já há variação maior na paleta de cores. O que difere a “*new*” da “*old*” é o motivo. Aquela é mais urbana, flertando com o *graffiti*. Outra vertente é a Sumi que utiliza a técnica oriental de tatuar com bambu e é extremamente detalhado e demorado o processo.

A *realista*, como o próprio nome já diz, dedica-se aos retratos de pessoas e cenas reais, nem precisa afirmar que este é um trabalho que precisa procurar um tatuador *expert*, porque senão o desenho definitivo não parecerá com o desejado. Têm a celta, tribal, oriental e maori. Estas remetem aos traços e signos característicos destas culturas.

Por falar em estilo cultural, temos a tatuagem “*chicana*”. O termo “*chicano*” é usado para designar os mexicanos ou descendentes que vivem nos Estados Unidos. O estilo dessas tatuagens tem muitos elementos “*street*”, bem urbano, com elementos marcantes “*gangster*”. Os desenhos se assemelham ao realismo, mas possuem seus próprios traços e características. Quem está nesse meio costuma dizer que tem um “*lifestyle*”¹¹, os costumes são: roupas largas,

¹¹ *Lifestyle*: estilo de vida. Geralmente comungado em grupos. Por exemplo, quem é do movimento hip hop tem uma “*lifestyle*” característica ao pertencimento deste grupo: gíria, vestimentas, música e comportamentos em geral que te identificam como pertencente ao grupo.

bicicletas e carros personalizados pelos próprios e meias até a canela (os carros no estilo “*Lowrider*” que são os rebaixados com a parte trazeira quase no chão e com sistema de suspensão a ar para, quando ativado, os carros se movimentarem para cima e para baixo). Tanto as bicicletas quanto os carros possuem cores vivas e extravagantes. As cores das tatuagens são preto, branco, cinza e sombreado, com letras que lembram as pichações das paredes de grandes centros urbanos. A história dos *chicanos* se assemelha com a dos grupos de gangues latinas que mencionarei adiante: são estadunidenses, filhos de imigrantes mexicanos, que chegaram aos Estados Unidos a partir dos anos de 1940, através de um acordo entre os países para ceder mão de obra (barata) ao país norte-americano. Essa história a gente já conhece: exploração, humilhação e marginalização dos mexicanos, legados às periferias e condições precárias, fazendo com que os jovens, descendentes dessa geração de trabalhadores se agrupassem de modo a comungarem entre si estas experiências e poderem se sentir pertencentes às suas culturas.

Encontramos também as tatuagens de cunho livre artístico. O tatuador usa a pele da pessoa literalmente como tela, não há um desenho *a priori* e nem um acerto do que será feito, a expressão é livre, o que sair é o que você vai ficar na pele. Expressão puramente fluída.

1.2 *Freak show*: as tatuagens adentram o circo.

É no século XIX que as tatuagens tornam-se atração pública na América e na Europa. Quem compunha esse circo? Os homens e mulheres tatuados se apresentavam juntamente com anões, bezerros de cinco pernas, esquimós, leopardos, gigantes, ou seja, todos os tipos que estavam na marginalidade da normatividade social. Existe o relato que o mais famoso tatuado dos circos da época era o Capitão grego Constantino. Ele tinha 388 tatuagens e gostava de atrelá-las a uma história sobre ter sido amarrado à força por uma tribo chinesa e tatuado por eles sem sua vontade. Muitos brancos tatuados gostavam de contar esse tipo de história nesta época. Mas, por quê? Existem estudos econômicos voltados ao fenômeno no século XIX que além de envolver a economia dos afetos e sentimentos, envolvia muito dinheiro neste ramo. Há apontamentos que um artista reconhecido desta modalidade ganhava um salário equivalente a de um jogador de futebol da atualidade.

Nas últimas duas décadas aumentaram os estudos, sobretudo em lugares de tradição dos *freaks shows* – que tem origem na Idade Média – e seus impactos no imaginário e na economia. Os *eventos* pertenciam ao rol de entretenimento familiar no século XIX e a queda e ascensão deste tipo de evento têm a ver com economia e moralidade. Mesmo que se encontrassem no auge os festivais, eram considerados degradantes e muito exploratório,

independente do fato de que alguns artistas ganhassem boas remunerações. Qual outra opção de vida que os artistas *freaks* tinham com suas “anomalias” numa sociedade “normativa”? Quase zero, a não ser a exploração por esses “empresários”, que angariavam o corpo diferente alheio, atribuía-lhe um significado, e transformava-o em entretenimento. É violento na medida em que percebemos a exploração, o riso, o nojo do outro, e a exibição para esses fins do corpo que não se encaixa na “normatividade” óbvia.

Nesse contexto, a exterioridade do corpo é o que importa. É o que você se apresenta. A impressão que, exteriormente, você passa. Os *Freaks Shows* tiveram sua ascensão e queda na Europa e na América do Norte – e a queda não quer dizer desaparecimento – e pensar os festivais de hoje é suscitar reflexões do nosso contemporâneo. O que são, hoje em dia, festivais de *Freak Show*? O *Freak* hoje “se faz” *Freak*. São pessoas cujos corpos são tatuados (não é regra), que se perfuram, se cortam se jogam em cacos de vidros, fazem arte com seu sangue, enfiam furadeiras nos narizes, enfiam objetos cortantes na pele, etc. Na maioria das vezes são pessoas que fazem os rituais de suspensão corporal em ganchos. Os espetáculos podem ser voltados para um grande público ou podem ser restritos a um pequeno grupo de amigos e os mais íntimos. Qual o significado desses espetáculos? Creio que ao expor seu corpo fora da normatividade e colocá-lo na linha tênue da morte choca os paradigmas do saudável e de manter o corpo dentro da ética e do cuidado de si moldados pelos fluxos estéticos. A representação da morte é algo que desestabiliza a sociedade. O *Freak show* é o show da sensação de morte.

Somos uma sociedade baseada nas sensações, nos sustentamos em padrões estéticos e consumimos com os olhos. Por sermos essa sociedade visual e sentimental, a indústria cultural nos presenteia com vasto *menu* de bombardeios emocionais, estimulantes e que nos satisfazem sensorialmente. Ela precisa necessariamente criar desejos e reforçá-los, colocar o corpo como objeto de conquista e de desejo. Doravante, somos bombardeados de inúmeros espetáculos, nós o somos, a sociedade é do espetáculo. “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação.” (DEBORD, p. 13, 2006)¹²

Sobre os *freak show's* contemporâneos, não é tão fácil encontrar profissionais do ramo, muito embora esteja aumentando nesta última década, mas podemos fazer uma descrição aqui sobre o que encontrar ao assistir um “show de horror”. Veremos homens e mulheres com

¹² DEBORD, G., *A Sociedade do Espetáculo*, Tradução de Estela dos Santos Abreu, Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.

implantes de *teflon* na testa, implante de chifres de silicone, implante de pregos na testa e nos braços, língua bi/trifurcada, lábios e lóbulos extremamente alargados, cabeças e rostos completamente tatuados. São modificações que não são realizadas por qualquer profissional e são comumente invasivas. Não obstante essas características, o *freak show* além de conter homens e mulheres inclusos nessa estética, contam com diversas *performances* que deixam qualquer um, desavisado ou não, extasiado e horrorizado. É um choque que vai da fascinação ao horror. São performances com motosserras a milímetros de peles e membros, com máquinas furadeiras adentrando orifícios corporais como boca, nariz e orelhas. São corpos que se chocam a cacos de vidros e objetos metálicos quentes. São agulhas enormes que atravessam as bochechas.

“O espetáculo apresenta-se como uma enorme positividade indiscutível e inacessível. Ele nada mais diz senão que o que aparece é bom, o que é bom aparece”. A atitude que ele exige por princípio é esta aceitação passiva que, na verdade, ela já obteve pela sua maneira de aparecer sem réplica, pelo seu monopólio da aparência”. (Ibidem p. 13)

Quando o outro está realizando sua *performance* com sangue, perfurações, serra elétricas e até mesmo os *freak shows* antigos com os homens e mulheres considerados estranhos, enfrentamos um conteúdo daquilo que nós mesmos lutamos para deixar quieto e parado dentro de nós. O que nos é estranho no outro é porque jaz em nós mesmo tal “estranheza”.

Arrisco a dizer que tantos os performistas como expectadores que procuram esses eventos têm as mesmas relações psíquicas e sensoriais catárticas, ou seja, partilham essa descarga de emoções. Creio que essas experiências sociais baseadas em estímulos sensoriais extremos permitem a estes indivíduos potencializarem o sentido de vida de cada um.

Outra reflexão: o nojo que esse tipo de apresentação causa e, a plateia, em estado catártico, goza e entra em estado de fascinação e horror. Essa característica do que choca e desperta tais sentidos é recorrente nestes espetáculos, inclusive, essas são as intenções ao enfiarem uma furadeira em funcionamento no nariz para uma plateia (ou não?). Asco, dor, náusea, nojo, superação, vislumbre e fascinação são sentimentos que se cruzam perante tais espetáculos, ao mesmo tempo em que o *performancer* se fura, se corta, traz a lembrança da dor e do corpo perecível, que morre, ele também traz o sentido da superação, já que aguenta firme todas as fincadas e iminências de rasgos irreversíveis. Ou, a própria iminência da morte.

A liberdade perante o corpo; a iminência de rasgá-lo significaria um rompimento, literalmente, com o ideal de corpo que esteja em voga? Seria para repetir nossa lembrança de

dor e de morte? Seria um espetáculo com requintes de sadomasoquismo e narcisismo¹³? Subversão? É uma apresentação artística com funções catárticas?

2.1. As mulheres tatuadas: dos *freaks shows* ao contemporâneo. Um corpo colorido para ser exibido e julgado

Embora o ambiente dos estúdios de tatuagens ainda seja majoritariamente masculino e com características por vezes sexistas e machistas, as mulheres sempre estiveram presentes com suas peles riscadas e tatuadas. Seja como tatuada ou como tatuadora a questão é que, profissionalmente, a visibilidade para elas é menor, salvo quando são procuradas por terem a “mão leve”¹⁴ ou por terem traços “delicados”. Isso não corresponde aos fatos, o que pode acontecer é que elas podem ser mais caprichosas e pacientes.

Desde o século XIX mulheres com corpos tatuados foram exibidas como um corpo interessante, ao mesmo tempo belo e bizarro. Qual a fronteira tênue entre o que nos causa estranhamento e o que nos fascina? É um corpo feminino e colorido para ser explorado. Um colorido projetado para ser curioso e ao mesmo tempo desejado. Porém, existe o estigma de que mulheres que se tatuam são mulheres fáceis, promíscuas ou prostitutas. Embora minhas observações no dia-a-dia indicassem outra coisa: muitas se tatuam para selarem romances ou amor aos filhos. Parece que somente assim é permitido: podem tatuar-se, desde que tenha a ver com o que o patriarcado espera, no caso, casamento e filhos. Coraçõezinhos, o “exame do pezinho”, a data do nascimento junto com o peso, centímetros do bebê que nasceu, tem também bonequinhos simbolizando os filhos, o coraçõezinho para o esposo. Tudo combinando perfeitamente com as exigências do meio. Essas tatuagens, inclusive, receberam a alcunha de “tatuagem de mãe”. Essa que é aceita e admirada pela sociedade que não quer se confrontar com a mulher transgressora.

Novamente, a indústria cultural é um dispositivo importante para a disseminação dos gostos e julgamentos sobre o corpo feminino tatuado, que é um esteriótipo forte, vibrátil e que incomoda. Basta uma procura rápida pelos buscadores da internet “mulheres tatuadas” e veremos um *menu* de julgamentos e artigos de reportagens com os dizeres “homens acham que

¹³ Há uma aproximação estética e de adereços entre a *body modification* e suas performances e os entusiastas do sadomasoquismo. É comum vermos tatuagens, piercings, cordas, roupas de vinil e transparências em ambos os grupos, segundo estudiosos os dois movimentos tiveram seus desenvolvimentos na mesma proporção e época: é a revolução do corpo e do sexo.

¹⁴ Usa-se o termo “mão leve” para designar tatuador que não enterra muito a agulha na pele para tatuar. E dizem que com tatuador “mão leve” a tatuagem dói menos. Creio que, na verdade, depende muito do lugar escolhido no corpo, do tipo de desenho e a técnica.

mulheres tatuadas são mais fáceis”¹⁵, ou então, “vejam fotos de tatuagens femininas e discretas”: estes discursos não cansam de delimitar regras aos corpos e comportamentos femininos. São máquinas e dispositivos que emitem fluxos de acordo com as exigências do capital e do patriarcado. Muitas delas acabam pautando suas escolhas baseadas nesses fluxos, pois ficam preocupadas com o julgamento da sociedade, já que a aceitação de tatuagens amorosas é mais frequente. As mulheres com esses tipos de trabalho são mais aceitas em ambientes corporativos porque agradam os olhares masculinos: um porta-retrato vivo do amor pela família e pelos filhos.

Nos últimos 30 anos, as tatuagens saíram dos portos, dos fundos das barbearias para o campo da legalização, porém, para quem? Mulheres ainda precisam “tomar cuidado” com “o que” tatuam e “onde” tatuam no corpo porque podem levar a alcunha de promíscuas; homens, pelo contrário, se tatuarem o pescoço, com grandes desenhos, são exemplos de virilidade. Aquele forte e viril, quase um guerreiro, que aturou horas de picadas e rasgadas em um lugar tão difícil de tatuar: o pescoço.

Ainda sobre maternidade e gravidez, a indústria cultural faz da mentalidade das mulheres um depósito de cobranças normativas infundáveis: se, por um lado, a maternidade é bem quista e as tatuagens aceitas são para celebrá-la; o corpo, este que se modificou após passar por uma gestação, não pode passar por mudanças drásticas consideradas não atraentes pelo padrão estético vigente: estrias, flacidez, celulites, etc. A tatuagem, nesse caso, entra como dispositivo de opressão à liberdade do corpo feminino: serve como sugestão para cobrir os considerados “excessos” da gravidez, afinal só deu estria, celulite e flacidez naquela mulher que não se cuidou o suficiente durante a gestação. Ela entra como artifício para trazer erotismo e desejo “de volta” ao corpo que suportou a gravidez, mas que não está de acordo com os adrões estéticos da indústria cultural. Lembrando que não são somente os homens julgam os corpos tatuados, mas as próprias fazem julgamentos aleatórios sobre os mesmos femininos desenhados. Mas, essa sugestão do uso de tatuagem para cobrir marcas nos corpos femininos, pode aparecer como uma coisa positiva: muitas mulheres tatuadoras no Brasil oferecem seus trabalhos para enfeitar o peito da mulher, e sua cicatriz, que passou por uma mastectomia por causa de um câncer de mama. Nesse caso, pode entrar como um signo importante para a devolução da autoestima à mulher que passa por um processo tão traumático como o tratamento desta doença.

¹⁵ Acesso abril de 2017: <http://super.abril.com.br/blog/cienciamaluca/homens-acham-que-mulheres-tatuadas-sao-mais-faceis/>.

Esse estigma entre mulheres e tatuagens advém da ideia de que até meados do século XX, a prática era associada aos marinheiros, às prostitutas, às artistas de circo de *freak show*, aos transeuntes das áreas boêmias e, nos anos de 1960, aos jovens dissidentes. Imaginem se a imagem idealizada da doçura, da maternidade e do equilíbrio feminino poderia ser associada ao ato transgressor de tatuar-se?

As mulheres sofrem de problemas maiores nos estúdios: a falta de uma sala exclusiva para tatuagens mais íntimas onde será preciso que fiquem seminuas para a feitura. Geralmente, trabalhos feitos em virilhas, seios, costas e barriga exigem que partes do corpo fiquem expostas. Não há exatamente um cuidado para a não exposição desses corpos, embora alguns estúdios já estejam providenciando uma ala reservada, pois em alguns locais a circulação de pessoas na área da feitura da tatuagem é grande, mesmo não sendo permitido.

É normal que as mulheres vão ao estúdio de tatuagem acompanhadas por alguém, como se fosse para protegê-las dos olhares e, inclusive, de más escolhas. Observei algumas nos estúdios acompanhadas pelas mães, irmãs ou por maridos/namorados. Até na escolha dos desenhos, do lugar, é como se a mulher não pudesse escolher sozinha. E quando acompanhadas pela mãe parecem que estão em um salão de beleza e que as tatuagens são mais um dos adornos de beleza. Só faltou a pergunta celebre dos salões de cabeleireiro: “mas, você vai fazer esse corte de cabelo curto? Seu marido vai gostar?”. Corpos femininos incansavelmente controlados.

É estranha essa relação de tatuador, tatuagem e corpo feminino, pois até filmes pornográficos, simulando “tatuador x cliente”, estão disponíveis aos montes em sites especializados. A indústria pornográfica alimenta constantemente a objetificação, a vigilância/controle e a punição ao corpo feminino. Que é um ataque à sua liberdade e às escolhas das mulheres. Homens são tão acostumados com essa relação que encontramos, cristalizadas, opiniões de que mulheres que possuem tatuagens são mais “fáceis” em relação ao sexo: “mulheres tatuadas topam sexo mais fácil que as outras”¹⁶.

Um exemplo: foi por causa de uma tatuagem que um homem, chamado pela mídia de “marido”, recentemente espancou sua companheira por confundi-la com uma atriz pornô, pelo simples fato de possuírem uma tatuagem semelhante e no mesmo local do corpo. O indivíduo assistia a um filme pornográfico enquanto a companheira dormia e a atriz em questão possuía uma marca no braço que se assemelhava à da esposa. Esse detalhe foi suficiente para que o ele a acordasse, espancando-a e fazendo com que ela assumisse que fazia filmes pornôs. A atriz

¹⁶ A matéria é de 2013, mas pertinente. <http://super.abril.com.br/blog/cienciamaluca/homens-acham-que-mulheres-tatuadas-sao-mais-faceis/>.

não era ela e para que escapasse de ser morta pelo “marido” jogou-se da janela do apartamento sofrendo inúmeras fraturas e está na iminência de perder os movimentos das pernas¹⁷.

O corpo feminino é usado como noção de representatividade sobre o que é ser “o feminino”. Nesse sentido, os fluxos das máquinas desejantes e dos dispositivos de controle miram sobre nós e sobre nossa performatividade para nos induzir a agir de acordo com o que patriarcado quer. Figuras dóceis, frágeis, infantis, sedutoras, dissimuladas e meigas. A questão é que até os estúdios de tatuagens, revistas, almanaques e sites especializados contribuem, e muito, com a manutenção desse paradigma.

Basta fazer uma busca na internet sobre “mulheres tatuadas”. Majoritariamente são voltados para julgamentos sobre o corpo feminino tatuado, outros, são listas de “belas mulheres tatuadas”, e ainda existem os que afirmam ser de “mulher para mulher” que dão “dicas” de como tatuar-se sem ser julgada. “A escolha do desenho” (dicas para que as mulheres peçam conselhos aos maridos, namorados, mães e pais para que não façam uma escolha infeliz sobre o desenho a ser tatuado), “local credenciado”, e etc. O controle precisa ser garantido: pode-se imaginar o quão subversivo se mulheres pudessem fazer suas escolhas livremente sobre seus próprios corpos?

Mas, esse pêndulo que varia entre beleza e incômodo, ao pensarmos a relação entre mulheres e tatuagens, já vem desde o século XIX, onde elas tatuadas eram expostas em circos de *freak show* com mais frequência do que homens. O corpo da mulher angariava público repleto de curiosidade e de desejo por aqueles tipos desenhados e que, aparentemente, poderiam suportar tudo, já que aguentou horas e horas de agulhas para cobri-lo. Muitas ficaram famosas como “*Tattooed Lady*”. Nem toda a história da tatuagem e mulheres é feita de julgamentos negativos. A primeira mulher tatuadora que temos notícia na História é Maud Wagner, que juntamente com seu marido, nos Estados Unidos no ano de 1907, expressava-se através de seus desenhos a fortaleza da existência de uma figura imponente diante de um cenário caótico para as mulheres, este que impedia, inclusive, o direito ao voto. Imaginar o rompimento de paradigma de Maud Wagner não é difícil tendo em vista a tessitura da sociedade norte americana pautada na ideia de que tatuagem era coisa de marinheiro e prostitutas. Por amor à arte transferiu seus conhecimentos artísticos para a filha Lovetta Wagner, que também se tornou tatuadora. Wagner faleceu idosa, aos 83 anos, em 1961, sem que pudesse ver seu

¹⁷ Acesso em junho de 2017: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/agredida-por-marido-que-confundiu-com-atriz-porno-mulher-se-joga-de-predio-no-df-21429134.html>.

trabalho romper com mais preconceitos, e foi justamente a partir da década de 1960 que o cenário da *tattoo* começou a arejar novos devires, novos desejos, novas ideias¹⁸.

Por outro lado, algumas mulheres no século XIX eram tatuadas à força para que pudessem virar atração nos circos de entretenimento *Freak Show* ou estavam passando, juntamente com seus maridos/namorados tatuadores, dificuldades financeiras e acabavam se rendendo para que angariassem dinheiro com o entretenimento à custa de seus corpos tatuados. Segundo Leusa Araújo (2005), com a entrada das mulheres tatuadas nos circos e espetáculos, final do século XIX, início do século XX, trouxe mais beleza do que choque. A lista de nomes que ficaram famosas: La Belle Irene, Edith Burchett, Artoria Gibbons, Miss Stella. A mais conhecida foi Betty Broadbent, conhecida como *Lady Tattoo*, que começou a sua carreira no final dos anos de 1920, no *Ringling Bros. Barnum & Bailey Circus*, e exibiu-se até 1967.

Essas pessoas, embora por contextos diferentes, romperam com fluxos de preconceitos e proporcionaram para as mulheres das gerações seguintes, a possibilidade de explorar o campo profissional da tatuagem e o universo relacionado a ela. Diante das perspectivas e julgamentos ao corpo feminino, cabe a nós, dar rumos e direcionamentos livres aos nossos desejos, principalmente quanto ao controle de nossos corpos. O cuidado de si primeiro, a escolha para si, para depois lidar com o fora, com o que nos é externo. Independente da forma em que julgam o feminino tatuado deve-se criar para nossos corpos uma maneira de existir positiva e vibrátil sem que fluxos e agenciamentos de controle nos tirem os domínios e a liberdade do devir-mulher.

Figura 1: Cartaz convidando para apreciação da apresentação de mulher tatuada

¹⁸ MIFFLIN, Margot. “Bodies of Subversion: A Secret History of Woman and Tattoo”. Power House Books, 2013.



Fonte: Página bmezine.com – Encyclopedia.¹⁹

Figura 2: Edith Burchett

¹⁹ Disponível em: <https://wiki.bme.com/index.php?title=File:Labelleirene.jpg>. Acesso em junho 2017.



My dear wife, Edith, was my best model.

Fonte: Página bmezine.com – Encyclopedia²⁰

²⁰ Disponível em: <https://wiki.bme.com/index.php?title=File:Edithburchett1.jpg>. Acesso junho de 2017.

Figura 3: Artoria Gibbons



Fonte: American National Biography Online October 2008 Update.²¹

1.3 Tatuagens: marcas de crime e castigo

A tatuagem carrega estigmas que foram construídos e reforçados historicamente. Entretanto, o corpo quando tocado sem a permissão de quem o habita é constituído como

²¹ Disponível em: <http://www.anb.org/articles/20/20-01906.html>; Acesso junho de 2017.

violência. Por quê? Porque se configura como injúria, que é o ato de golpear verbal, moral e fisicamente. O ato de injuriar é ofender e insultar a dignidade do outro. Segundo a autora Célia Maria Antonacci Ramos (2006):

A injúria procede do que é injusto. E, injusto é o que não é justo, é o que não tem fundamento, justificativa. Ato de hostilidade, a injúria desonra, despersonaliza, humilha e nega a dignidade de alguém, o respeito por alguém. Mas a dignidade não é percebida e vivenciada igualmente por todos, está enraizada nas construções sociais a que pertencemos. (RAMOS, p. 28, 20016).

Além de injúria, a arrogância perante o outro também perpassa pelo campo da cultura, da política e do econômico. Ela induz à polarização e radicalização de posições de modo a acentuar relações de poder, domínio e controle. O outro, nestas condições, é reduzido ao mesmo tempo ao individualismo e à massificação de maneira a ter sua identidade anulada, controlada ou impressa em si uma que não lhe convém. Tais sentimentos agenciados pelo poder são combatidos, geralmente pela ética, pela moral, da invocação ao respeito, da dignidade de todo e qualquer indivíduo. (Yves Déloye. 2013). Neste caso, são formas severas de autoridade.

Uma das maneiras que a arrogância e a injúria exercitam o poder nos corpos do humilhado – daquele que está sob o poder de outrem por inteiro, do corpo, dos sentimentos, da dignidade, da identidade, da subjetividade, etc. – foi com tatuagens.

Como elas foram usadas para humilhar, injuriar, estigmatizar? Através de punições relacionadas ao crime ou também para injuriar o indivíduo que não pertence a um determinado grupo. No caso de marcas relacionadas ao crime, a intenção é de marcar o corpo do criminoso permanentemente, de maneira que a sociedade consiga identificá-lo como tal.

Quando nos referimos à injúria, em ter o corpo marcado contra nossa vontade, não poderia nos passar despercebidos os casos dos judeus, e outros (homossexuais, ciganos, oponentes políticos, etc.), que foram prisioneiros nos campos de concentração e extermínios alemães durante a Segunda Guerra Mundial. De acordo com a pesquisadora do tema Célia Antonacci Ramos,²² Primo Levi relata com detalhes esse processo de tatuar os prisioneiros: era rápido, não durava mais que um minuto, mas o processo em si das picadas era lento, como se a pessoa que estava praticando a injúria estivesse escrevendo em um caderno. A prática se assemelhava aos matadouros de animais: aqueles que ali estavam e fossem tatuados, no mesmo instante já não tinham um nome e nem pertenciam a uma família, eram animais que estavam enumerados, prontos para o abate.

²² RAMOS, Célia Maria Antonacci. As injúrias nazistas: “Violência inútil”. In: As nazi-tatuagens: Inscrições ou injúrias no corpo humano?; UDESC; p.31; 2006.

Nestas circunstâncias, a dor física, que é causada pelas agulhas, quase não existe. A dor da humilhação, a marca do estigma que exclui e quer banir do mundo humano, é bem maior. Tatuavam-se números que simbolizavam poder e domínio daqueles corpos e vidas. O inferno de Dante já era o protótipo dos campos de concentração e extermínio: “deixai, ó vós que entraís toda a sua esperança”. E toda sua história, consequentemente, toda sua subjetividade.

Entretanto, a humilhação dos números na pele se exacerba na medida em que os corpos e aquelas vidas já estavam destroçados pela mágoa, vergonha e maneira que eram transportados, separados, examinados. Tinham os corpos invadidos por exames vexatórios, pela depilação forçada, raspagem dos cabelos e pela retirada de seu lar e separação dos entes queridos. Todos os músculos já estavam tensionados, as agulhas que ali o feriam operavam uma dor que infligia o corpo e, também a alma e a condição humana. Obviamente, a dor não escapa do campo da individualidade, das sensibilidades e subjetividades. Em cada um dói diferente. Cada qual, em seu sistema nervoso, que são configurados de maneiras distintas pelos processos de subjetivações. A dor não pode ser medida. Mas, sabemos que deste tipo, humilha, injúria e é aniquiladora.

Para além dessas questões, o ato das nazi-tatuagens também englobava as sensibilidades de peles diferentes, a ausência de higienização e esterilização dos materiais. Segundo uma das entrevistadas de Ramos sobreviventes dos campos:

Para fazer uma tatuagem: um porta-pena, no lugar de uma pena, um pequeno alfinete plantado ao contrário: há então uma bola, uma bola bem pequena. Eles molhavam a bola na tinta, como uma pena e faziam os buracos. Um número inacreditável. Isso se vem muito bem. Você tem vinte buracos para fazer um algarismo. Se você tem seis algarismos, cem, cento e vinte, cento e cinquenta buracos! Em alguns sangrava porque eles tinham a pele muito dura. Precisava muita força para furar a pele com aquela bola. Alguns morreram pelas infecções causadas pela tatuagem. Você pode imaginar o quanto isso era doloroso! Não era uma perda de personalidade, era mesmo uma prova. (RAMOS, p.65,2006).

Os soldados nazistas também tinham seus corpos tatuados, mas ao contrário dos prisioneiros, as tatuagens seriam para facilitar os salvamentos de suas vidas. Eles tinham seus tipos sanguíneos estampados na pele, para que, feridos em combate, fosse fácil de localizar. Em contrapartida, com a queda do regime nazista, era fácil de identifica-los e depois puni-los pelas atrocidades nos julgamentos pós-guerra. Quando pensamos no método de enumeração dos judeus, a certeza que temos é que, além de injuriar, humilhar, controlar as pessoas através dessa violência, ele também os desestabilizava moralmente. A tatuagem, segundo os códigos judaicos, é proibida. Além de ver sua vida aniquilada, assistindo ao horror de seus familiares sendo

maltratados e forçados a morrerem em câmaras de gás, tinha-se o corpo perfurado, marcado. Violentamente.

Mas, tatuagem e castigo também andaram juntos em outros momentos. Segundo Leusa Araújo,²³ na Grécia antiga, os escravos fugitivos ostentavam em suas testas os seguintes dizeres: “*Pare-me, sou um fugitivo*”. Os romanos também tinham este hábito: os gladiadores que eram prisioneiros ostentavam em suas testas nas arenas, a marca dos crimes que cometeram. Os escravos tinham seus corpos marcados com o nome dos donos. Muitos tentavam se livrar da pele marcada, mas era inútil.

Existem relatos que os soldados que se recusavam a servir na Primeira Guerra Mundial (1914- 1918) eram punidos com a letra “D” de *desertores*, no braço. Nos presídios é comum se encontrar tatuagens que discriminam, inclusive, o tipo de crime que a pessoa cometeu. Nas prisões brasileiras, e em várias outras, os métodos de fazê-las na pele, são bem rústicos: escova de dente, agulha, motor de barbeador e tinta de caneta. Estas condições insalubres trazem consigo doenças contagiosas como hepatite C e AIDS.

Tatuagem e crime estão intimamente ligados às gangues criminosas na América Central, em Los Angeles e em outros locais que possuem vínculo com esses grupos. A gangue conhecida como *Mara Salvatrucha* (El Salvador) tem sua origem nas guerras civis que assolavam o país e que culminou na emigração de el salvadorenhos para Los Angeles, nos Estados Unidos. Quando chegaram, nos anos de 1970/80, muitos deles eram hostilizados e assassinados por grupos locais. As gangues, conhecidas como “*Mara*” (grupos), têm origem nesse contexto: forma de resistir, ocupar e intimidar pelo terror. O grupo *Mara 18* (ou *Barrio 18, Calle 18*), também em Los Angeles, é composto por imigrantes mexicanos e é ainda mais antiga que a *Mara Salvatrucha*. A *Mara 18* tem sua origem nos anos de 1960 e reuniam descendentes e imigrantes de mexicanos para proteção. Estas são apenas duas das mais conhecidas, mas existem diversas com códigos de comportamento, ética e pertencimento. Uma delas é a tatuagem. Essas gangues as usam para reconhecimento entre eles e para o seu ritual de iniciação. O número 13 aparece frequentemente tatuado nos membros da *Mara Salvatrucha* e o número 18 nos membros da *Barrio 18*. Geralmente estes signos são marcados nos rostos²⁴.

²³ ARAUJO, Leusa. Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2005.p. 32- 33.

²⁴ FAYET JÚNIOR, Ney; FERREIRA, Martha da Costa. O fenômeno *marero* na América Central: uma abordagem criminológica de seus pressupostos existenciais. Porto Alegre: Núria Fabris Editora, 2012.

As gangues de Los Angeles estão sendo bastante estudadas nos Estados Unidos na contemporaneidade, são imigrantes que não foram bem recebidos pela promessa de bem-estar social norte americana. Outro fator considerado é a pobreza, inclusive, levou estudiosos do tema a afirmarem que a busca desses jovens não é exatamente uma identidade social, porque todos já a possuem, mas é a promessa da oportunidade econômica e o que ela permite para esses jovens possuírem: comprar uma identidade e ostentá-la. Inclusive, essa lógica permeia muitas formações de grupos, gangues e milícias em grande parte do globo terrestre. (JUNIOR, FERREIRA, p. 10, 2011)

É uma questão que é inerente à sociedade capitalista. Existem muitas visões negativas destes tipos de agrupamentos, inclusive a que delega a esses integrantes a falta de inteligência, quando na verdade procuram ter comportamentos desviantes (como tatuarem os corpos todos, inclusive, os rostos e cabeças) para reafirmarem ou, simplesmente, negarem determinados estigmas. Somente aquele que é estigmatizado pela sociedade pode dizer sobre as dores e consequências disto. Existem outros estudos, na verdade, que contrariam esta tese de ausência cognitiva nestes integrantes de gangues, justamente pelo fato de existirem há anos, nunca serem capturados ou extintos e por terem mecanismos de burlar sistemas e o governo. As maras são, além de tudo, *organizações*, pois possuem mecanismos de controle e resistência. É normal atribuírem às estes grupos o status da “vagabundagem” e da “vadiagem” aplicando conclusões que o excesso de tempo leva as pessoas à perversidade em seus atos, quando na verdade sabemos que se trata da falta de políticas públicas que atingem as periferias pobres. Este é um problema mundial, onde há pobreza e ausência do papel do Estado, existem jovens que escolhem as opções que têm e muitas vezes é o crime organizado. Vale lembrar que essas formações de gangues estadunidenses possuem históricos desde o século XVIII, mas as que eu me refiro, por causa dos usos das tatuagens como elemento que as distinguem, são as de origens latino-americanas.

Outra perspectiva dessas formações de gangues, principalmente a partir dos anos de 1990, é que os jovens viram seus pais e avós, imigrantes, vindos trinta ou vinte anos atrás para a região, trabalharem e serem massacrados pelas indústrias fabris. Elas seriam uma ponte para prolongar a entrada dos mais jovens neste tipo de trabalho que repudiam. A maioria viu seus familiares definharem com jornadas exaustivas de trabalho. As tatuagens nestes grupos aparecem como elemento demarcador dos membros das facções, assim como a territorialidade, a origem ou o bairro em que moram. O Estado da Califórnia sempre foi o alvo de fluxos migratórios, entretanto, o lado obscuro disso é que por detrás das promessas de emprego e

melhoria de vida vêm os subempregos, o preconceito, o isolamento e a segregação. O resultado disso são políticas públicas negativas que oferecem apenas a deportação ou o encarceramento.

Entretanto, existem alguns estudiosos dessas gangues conhecidas como “*maras*” que afirmam que certas condutas simbólicas, como a tatuagem, vêm perdendo força, porque além de serem identificáveis (além da intimidação), acabava estigmatizando o membro ou o *marero*²⁵, que por algum motivo optava em sair do grupo:

Em especial, as tatuagens, muitas delas nas faces, que com sua permanência e visibilidade representavam o comprometimento vitalício do “*marero*” com seu agrupamento, foram sendo minimizadas. As marcas corporais terminam, ainda, por constituir um estigma severo que impede a reintegração dos *mareros* à sociedade. Organizações sem fins lucrativos, como a Homies Unidos, que atua em El Salvador e em Los Angeles, oferecem aos ex-*mareros* programas de remoção de tatuagens para garantir-lhes uma oportunidade de reintegrar-se socialmente³³. Sem embargo, uma vez dentro do grupo, abandonar a *mara* não é tarefa simples. (JUNIOR, FERREIRA, p. 13, 2011).

A ligação da tatuagem com crime e castigo perdura até os dias de hoje. Recentemente noticiou-se o caso de um adolescente viciado em drogas e com perturbações visíveis mentais que tentou o furto de uma bicicleta em São Bernardo do Campo, ABC paulista, para, provavelmente, suprir sua necessidade de drogas, e que foi pego por um suposto tatuador. Ele foi capturado, amarrado, torturado e teve tatuado em sua testa: “*Eu sou ladrão e vacilão*”.²⁶ Teve um vídeo gravado com essa humilhação e injúria e “viralizou” nas redes sociais. O mais assustador, diante desse ato de barbárie e crueldade é o apoio em massa que o “justiceiro” obteve em redes sociais. Eu, enquanto estudiosa do tema, fiz uma observação reprovando essa atitude em minha página de rede social, tive respostas de apoio e outras me condenando, inclusive, mandaram levar o “ladrão” para casa para que ele roubasse minha comida e me estuprasse.

Não preciso nem dizer mais nada para mensurar o quanto se impõe repensarmos os nossos dispositivos sociais e culturais e a violência presente nas autodenominadas “redes sociais”. Também, fica claro o conservadorismo, o fascismo e atitudes que ferem o direito do outro no mundo da modificação corporal. Existem muitos discursos provenientes destes grupos sobre liberdade do corpo e expressão, mas também existem ranços de atitudes extremistas e preconceituosas. Os membros da Yakuza têm como marca principal as tatuagens, que geralmente tomam as costas e até mesmo corpos inteiros, com temas orientais e dragões. As mulheres começaram a serem aceitas na organização a partir dos anos de 1990, como ocorreu,

²⁵ Marero: termo que indica os membros das gangues “*Maras*”.

²⁶ <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/tatuador-e-preso-por-tortura-ap. ghtml>

por exemplo, com Shoko Tendo, conhecida como a “princesa da Yakuza”, filha de um chefe, consequentemente, foi obrigada a atuar na máfia pelo pai e tem o corpo todo marcado por conta dos costumes e tradição da organização.

Os grupos Yakuza surgiram no Japão feudal e eram os responsáveis pelos jogos de azar, prostituição, agiotagem, tráfico de drogas, cobranças e proteções, e demais atividades comuns a uma organização mafiosa. Eles adquiriram o hábito de “fechar” o corpo com tatuagens para esconderem as feitas por crimes e punições – como uma forma de camuflagem. Neste processo, quem escolhe é o tatuador, conforme a personalidade de cada um – isso significa geralmente que o profissional deva conhecer bem a família e a pessoa que será tatuada para confeccionar a sua “segunda pele” ²⁷.

1.4 Gêneros, corpos e influência midiática no tatuar-se: por uma semiótica crítica de análise.

Como as tatuagens são, hoje, as modificações corporais mais conhecidas e aceitas em boa parte do mundo, elas também têm seu lugar de circulação nas grandes e pequenas mídias. Entretanto, dizer que tem seu espaço na mídia não implica dizer que ela está isenta de preconceitos e juízos de valor. Conforme muda o cenário e as tramas do político, mudam as visões e papéis das tatuagens. Mas, o que é inegável é que o sistema capitalista percebeu nelas seu alto potencial lucrativo e, de certa maneira, o trouxe para seus desígnios, colocando-a no jogo do mercado e da rentabilidade. A tatuagem sai das páginas policiais para estreitar em campanhas publicitárias, *outdoors*, capas de revistas, erotização do corpo (que neste contexto é um sistema caro) e para entrar na engrenagem dos dispositivos e das máquinas desejantes mercadológicas.

Como localizar fios caóticos de realidade e sentimentos nas tatuagens nos corpos e nos meios de circulação da indústria cultural? O corpo entendido enquanto suporte de significações de si oferece a oportunidade de análise do “dar sentido ao corpo”. Para algumas vertentes de pensamento, simboliza um retorno ao primitivo, à memória primeira, *biocósmica*. Diferente desse aspecto etnográfico, as tatuagens contemporâneas expressam um grau elevado de subjetividade: escolhe-se o que quer marcar-se, sangra-se pautada numa escolha orientada por afetos e desejos. Por outro lado, conseguimos fazer escolher livres sem um repertório possível de escolhas?

²⁷ TAKIGUTI-UNIFESP, Karina Ayumi Ekami. A Imagem Máfia: uma análise sobre as tatuagens da yakuza. Disponível em www.academia.edu. Acesso: junho de 2017.

O dictames da “moda” e da indústria cultural que circulam regem em parte estas escolhas. Um aspecto que encontrei durante o trabalho de campo aponta este caminho: a maioria dos tatuadores faz menção sobre a escolha dos desenhos que são pautadas naquilo que está circulando na internet, chega-se com um desenho escolhido e pede-se para fazer igual. Falaremos de semiótica porque é a análise dos signos na vida social.²⁸ E este é o terreno fértil por onde estamos caminhando para entender os afetos, o desejo, as memórias e o que emana desses signos inseridos nas peles.

Por outro lado, este corpo que é marcado, desconhecemos em sua completa potencialidade. Isso implica dizer que estamos um pouco alienados sobre as práticas e funcionalidades de nossos corpos na praticidade da vida, fora da moralização criada a partir dos valores exteriores considerados superiores. Ou seja, no máximo nos conhecemos a partir do que vem do “fora”. Estamos tão acostumados a falar sobre “corpos e afetos”, mas não sabemos exatamente de quais tipos de afecções se trata e como eles afetam cada indivíduo. Toda experiência e todo ser é uma subjetividade que é única. Por mais que haja um esforço para entendimento destes processos jamais ele será compreendido de maneira integral. Costuma-se entender e generalizar a espécie humana como *homo sapiens* ou como animal racional, mas cada subjetividade e existência são afetadas de uma maneira peculiar variando de acordo com as diferenças culturais e sociais, de classe, identidade de gênero e outras instâncias que nos afetam diariamente sem interrupções. Como afirmei acima: impossível localizar estes afetos integralmente, mas é possível traçarmos pontualmente alguns delineamentos.

Como não conseguimos esmiuçar em detalhes as potências de afetar e ser afetado, ao menos compreender certas paisagens singulares, já que a contemporaneidade enaltece o acaso e o caos dos encontros e não nos é possível prever o que acontecerá e qual será a profundidade da *afecção*. Esse encontro entre nossos afetos e o poder externo de afetar é o que Deleuze chama de “chocar”. Ora, quem se tatua não estaria transitando entre essa noção de chocar? Muito raramente alguém faz uma tatuagem para esconder, a não ser que a pessoa tenha uma família conservadora e busca escolher lugares mais discretos para tatuar, que as roupas irão cobrir, é o famoso “*para minha vó não ver*”.

Quando entrevistei o perfurador de *piercings* Ivan (Fritex, esse é o apelido que ele pede para ser chamado)²⁹ com 23 anos, ele ostentava diversas tatuagens em suas pernas e corpo

²⁸ Lara, Marilda Lopes Gínez. Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias. Ci. Inf., Brasília, v. 22, n. 3, p. 223-226, set./dez. 1993.

²⁹ FRITEX, Ivan. Agosto de 2016. Estúdio de tatuagem “Sala 3”. Entrevista captada através de uma “handycam” – câmera gravadora de mão.

como, por exemplo, uma personagem de humor famosa na rede social *facebook* chamada “Irmã Zuleide”³⁰. Ele contou-me que frequenta a igreja evangélica, mas é uma que possui mais abertura quanto à diversidade das pessoas, mas sempre com o lema do “coração em Cristo”. Provavelmente, Fritex tenha sido influenciado diretamente pelas ideias que são veiculadas pela indústria cultural na escolha desse personagem fictício para marcar sua pele; por outro lado, ressalta-se a incoerência de sua escolha, já que é ativamente religioso e fez no corpo uma ode para essa personagem que satiriza, justamente, suas crenças religiosas. Fios caóticos de subjetividade e escolhas. Quando comecei a entrevista com ele e pedi para que mostrasse suas tatuagens e pudesse localizar-me minimamente nesse emaranhado de subjetividade, a que ele mais ansiava mostrar era, justamente, a irmã Zuleide. Procurava chocar. Percebi uma dobra e uma desdobra nessa escolha: uma mensagem que indicava sua inclinação para ao evangelho, mas com o desprendimento às opiniões alheias. Ele considera-se livre para estar tatuado e para perfurar corpos, assim como procura respeitar as escolhas dos outros sem moralizá-las em todos os instantes. Quando perguntei ao Ivan sobre o porquê da personagem, ele apenas riu e disse que gostava dela. Todos no estúdio em que estava nesse momento salientaram a “loucura” do Ivan e riram demasiadamente. Ele consegue um efeito com essas tatuagens. Ele nos afetou, assim como foi afetado. Porém, creio que no futuro ele a cobrirá, pois reparei que tatuagem desenho é simples, sem muitos detalhes e pequeno. Mas, ele o escolheu de acordo com os dispositivos midiáticos. Reitero, assim, a influência direta das forças do capitalismo intrínseco ao interesse da indústria cultural nas escolhas das tatuagens.

Em *Mil Platôs* (1995) G. Deleuze e F. Guattari afirmaram “A linguagem é caso de política antes de ser caso de linguística” (1995, p. 97), ou seja, a preocupação aqui é com a relação dos signos no seio social, da vida enquanto critério fundante da imanência. A tatuagem sobreviveu ao longo de cinco mil anos e a alguns dispositivos que a modelaram entrelaçando movimentos graduais de desenvolvimentos, de explosão cultural e outros acontecimentos fronteiriços ou nucleares. O corpo, obviamente, é o espaço semiótico. A tatuagem procura distinguir um sujeito na coletividade, mas identifica coletividades entre si: nesse sentido, é um dispositivo identitário.

A semiótica tem seu desenvolvimento a partir do século XX³¹, dividida em três fases: descoberta, fase de modelos e crítica – pós-estruturalista. Sua primeira fase contempla a ideia

³⁰ Irmã Zuleide é uma personagem fictícia criada para satirizar o mundo gospel com mensagens irônicas que brincam com a moralidade evangélica.

³¹ Estudos semióticos já foram construídos desde Platão, mas Charles Sanders Peirce (1839-1914) e Ferdinand de Saussure (1857-1913) são os pensadores que deixaram heranças profícuas sobre o assunto.

de que não há pensamento sem signo, aumentando razoavelmente a capacidade de entender sistemas verbais e não verbais da comunicação humana e de tudo que engloba o mundo e suas relações. Na segunda fase:

A segunda fase – a dos modelos e classificações – corresponde à institucionalização da disciplina. Associa-se às neurociências, à cibernética, às ciências da informação e informáticas, à lógica e à filosofia. Sua produtividade deriva dessas associações: ao oferecer um modelo lógico e formal, subsidia o desenvolvimento das ciências especiais configurando uma das mais importantes experiências transdisciplinares do século XX. Foi esta semiótica proposta por Peirce que nos oportunizou operar sistemicamente com a interdisciplinaridade. Mais: a semiótica de Peirce tem em seu fundamento o princípio transdisciplinar: ao operar com diferentes níveis formais de abstração, esta semiótica articula, na semiose, diferentes ciências, da matemática à metafísica, passando pela estética, a ética e a lógica. (SILVA, ARAUJO, p. 133, 2015).

Na tradição europeia ligou-se à literatura, mitologia, linguística, antropologia, psicanálise, sociologia e aos estudos da cultura e da comunicação. Mas, o que acontece nesses primeiros momentos da semiótica? Os modelos dela moldaram o acontecimento, a dimensão própria da linguagem política. Com a dita “virada linguística” dos anos 1970, construindo a máxima de que linguagem é um caso político antes de ser fenômeno de linguística, J. Derrida, G. Deleuze e F. Guattari concebem a terceira fase – crítica – dos estudos semióticos:

Foi em 1966 que Jacques Derrida apresentou o seu ensaio “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas” no Colóquio Internacional sobre Linguagens Críticas e Ciências do Homem, na Universidade Johns Hopkins. Ali, o filósofo desconstrói por dentro o estruturalismo submetendo-o às mesmas críticas que o próprio estruturalismo havia praticado. Para Derrida, o ato da desconstrução pretendia recolocar o estruturalismo na direção do jogo, talvez a mais adequada para os propósitos políticos que se insinuavam nos anos 60. Logo, o pós-estruturalismo se configura não apenas como aquilo que vem depois do estruturalismo, mas, sobretudo como aquilo que o desconstrói por dentro. (SILVA, ARAUJO, p. 135, 2015).

Essa fase da semiótica, cunhada de semiologia crítica, avançou graças aos pensamentos e reflexões de Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Michel Foucault, Bruno Latour, Alain Badiou, Antonio Negri e Félix Guattari.³² Estes autores contemplam a maneira “saussuriana” de vislumbrar a semiótica no seio social. Onde há o deslocamento das diferenças de uma semiótica tradicional para a crítica? Em três aspectos: o das materialidades, do acontecimento e das micropolíticas. Falar sobre as “materialidades da comunicação” remete às obras de Hans Ulrich Gumbrecht e Marshall McLuhan, ao materialismo histórico marxista, à

³² SILVA, A. ARAUJO, A. Semiótica crítica: materialidades, acontecimento e micropolíticas. In: Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 132-145, set./dez. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201534.132-145>.

teoria literária de Gumbrecht, e a teoria dos meios (Pierce), aos fundamentos básicos do estruturalismo, além das questões da imanência – tanto ao que tange ao estrutural quanto ao vital – apontados por G. Deleuze em “Imanência, uma vida”.³³

Logo, o que torna desafiante para os que se debruçam sobre a semiótica crítica, é justamente ampliar o conceito de materialidade entrelaçado com os princípios de imanência. É por essa razão, inclusive, que reivindicam estes estudos, trazendo para análise questões relativas à criação e ao imprevisto, sobretudo. Criação e imprevisibilidade são, nesta perspectiva, fatores fundamentais para que se compreenda a ação comunicativa em maior escala. Doravante, a estrutura é mais que o “possível” – cujas regras caberiam ao semiólogo descrever –; ela, na verdade, é um virtual que atualiza tanto a estrutura “possível” quanto os signos que se manifestam. Com esse raciocínio é possível afirmar que há materialidade, então, no jogo virtual.

Destarte, a importância é demonstrar que a máquina abstrata não se reduz a esse “possível” das estruturas, muito menos somente às formas realizadas dos objetos e/ou de sujeitos, mas ressalta a potência de um virtual explorando línguas menores, miúdas, devires que não são ouvidos e desterritorializações. O signo em Deleuze é o que empurra o pensar. Ele é a força impulsora e violenta da imanência: quando encontramos tal força, intensificam-se nossas faculdades trazendo tormento ao mar calmo e harmonioso do pensamento. O signo nos força a pensar:

(...) seja o exercício natural de uma faculdade, que esta faculdade tenha uma boa natureza e uma boa vontade, isto não se pode entender de fato. “Todo mundo” sabe que, de fato, os homens pensam raramente e o fazem mais sob um choque do que no êlã de um gosto. E a célebre frase de Descartes, segundo a qual o bom senso (a potência de pensar) é a coisa do mundo melhor repartida, é apenas um velho gracejo, pois consiste em lembrar que os homens lamentam, a rigor, a falta de memória, de imaginação ou mesmo de ouvido, mas se sentem sempre muito bem-dotados do ponto de vista da inteligência e do pensamento (DELEUZE, pg. 131. 2006).

O signo, para Deleuze, retoma os pensamentos de seu filósofo dileto: Espinosa. Esta questão confere a diferença intrínseca do conceito de signo em Deleuze: é um efeito corporal, diz respeito às percepções e sensações, assim a inteligência é invocada e intensificada em funções de “afecções”. Somos a todo o momento interpelados por encontros, por todos os lados e direções. Deleuze afirma que os encontros e a experiência dos signos são uma experiência de afetos. Nosso sentir é diretamente *afectado* por essa força bruta das relações. É no sentido dessa

³³ DELEUZE, G. A imanência, uma vida. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero11/xiii.html>. Acesso em junho. 2017.

relação que nasce a sensibilidade e a variação dessa força pode tender tanto para aumentar nossa potência de vida quanto pode torná-las menos capazes. Não são todos os encontros que potencializam nossa existência, neste encontro há a reconfiguração e criação, evidente, de novas relações que transformam nossas relações anteriores, também podemos perceber nossa força de sentir reduzida e, por consequência, nossa capacidade de perceber e pensar. Signos de aumento de potência e de diminuição não se equivalem, mas são ambos, afectos. Pois bem, se os signos interferem intimamente na estratégia de abertura do pensamento, a potência dos afectos (modos de sentir diversos) e das percepções – que também são diferentes –, então, estas novas experiências nos permitem refletir sobre os próprios signos.

O corpo possui uma historicidade. A tatuagem também. Ela é/já foi perseguida, sentença de morte, resistência, objeto de inclusão e exclusão, símbolo de bravura, insígnia de marginalidade, sentença de morte, amuleto de proteção, rito de passagem, simulacro de roupa; simbolizou/simboliza luto, atestado de nascimento, documento de identidade, autobiografia, traço de cultura, status, beleza, símbolo de sensualidade. Ou seja, a tatuagem não engendra apenas técnicas corporais, mas possui em si um conjunto de historicidades nos quais os sujeitos se produzem e são produzidos (LE BRETON, 2004). São signos poderosos. Com o advento da tecnologia e de sua subordinação aos desígnios econômicos, associados à constante necessidade de trocas de informações, forjou-se um ambiente favorável para que os meios de comunicação e mídia crescessem de forma a tomar lugar central e influente na sociedade. Indubitavelmente, como vimos discutindo, interfere quase que diretamente nas produções de subjetividades contemporâneas, apontando modelos ideias de corpos, de símbolos corpóreos e estilos de vida. Um supermercado de “*lifestyles*”. Apresentam e fazem circular, inclusive, os modelos e ideias de tatuagens.

Não obstante, as normas sociais são entrelaçadas com mecanismos de controle, correção e vigilância que direcionam a vida e nossos corpos para o sentido daquilo que é enunciado como “normal” e “anormal”. São fluxos que nos adequam à ordem sociocultural. Segundo Deleuze, somos máquinas desejanças. E não é somente no sentido metafórico, é literal. Somos máquinas acopladas em outras máquinas, interpelados por fluxos, tudo em nós cria, corta, separa, absorve e etc. Estamos em constante processo de trocas comunicativas e, literalmente, significativas. Em *Anti-Édipo*, Deleuze e Guattari afirmam categoricamente: nosso corpo é uma usina.³⁴ Como, para estes autores, as relações e subjetividades são

³⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995a. v. 1. p.8.

movimentos e fluxos constantes, nós também o somos. Juntamo-nos a estes fluxos, produzimos como átomos, formando moléculas que se sobrepõem, decompõem, justapõem. Estamos nestes fluxos e produzimo-los, também. Este movimento é sempre de expansão, sedimentando-se por cima, algo engolindo outro algo. Pode parecer muito confuso, mas é nessa premissa que Deleuze e Guattari desconstruem o princípio da identidade. Estas partículas moleculares se juntam e formam coisas, elas adquirem ordem e a capacidade de manter-se. Aqui é onde nos encontramos: as máquinas desejanter criam o organismo – o corpo é um elemento dentro dessa máquina social.

O sujeito, segundo Deleuze, este que carrega os símbolos a ser analisado – as tatuagens – não está incutido no conceito de identidade, mas na compreensão da dimensão do corpo. E são suscitados por dois conceitos: longitude e latitude. Escreve:

Tomando emprestados termos da Idade Média, ou então, da geografia, nós o definiremos por longitude e latitude. Um corpo pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma ideia, pode ser um corpus linguístico, pode ser um corpo social, uma coletividade. Entendemos por longitude de um corpo qualquer conjunto das relações de velocidade e de lentidão, de repouso e de movimento, entre partículas que o compõem desse ponto de vista, isto é, entre elementos não formados. Entendemos por latitude o conjunto dos afetos que preenchem um corpo a cada momento, isto é, os estados intensivos (DELEUZE, 2002, p.132).

Para Rolnik e Guattari, em *Micropolítica – Cartografias do Desejo* (1996, p. 16), o que caracteriza o modo de produção “capitalístico³⁵” é que ele não funciona somente na engrenagem dos valores de troca, valores estes que são intrinsecamente ligados à ordem do capital. Ele funciona também através de um modo de controle de subjetivação: denominado por eles de “cultura de equivalência” ou de “sistemas de equivalência na esfera da cultura”. Nesta perspectiva, o capital funciona como complemento à cultura enquanto equivalência. A lógica seria a seguinte: o capital ocupa-se da sujeição econômica; e a cultura, da sujeição subjetiva. “É a própria essência do lucro capitalista que não se reduz ao campo da mais-valia econômica: ela está também na tomada de poder de subjetividade.” (ROLNIK; GUATTARI, 1996, pg. 16).

Segundo Rolnik, a cultura de massa produz indivíduos, no sentido literal do termo: indivíduos normalizados, articulados uns com os outros em um sistema hierárquico, de valores

³⁵ Manterei o sufixo “ístico” no termo como Guattari. Ele defende a ideia de que além do termo capitalismo compreender as sociedades que são regidas por este sistema é necessário um termo que se refira aos setores do “Terceiro Mundo” ou como ele chama de “capitalismo periférico”. Engloba também países que estavam/estão arregimentados pelo socialismo – países do Leste Europeu - que viviam a base de um regime de dependência e contra dependência do capitalismo.

e submissão. Mas, são sistemas de submissão dissimulados. É justamente uma produção de subjetividades. Quando aponto que a indústria cultural tem um papel fundamental na subjetivação do processo de tatuar-se é porque ela praticamente tem ditado há décadas as regras: as pessoas vão até os estúdios de tatuagem, como observei em muitos casos enquanto estive em campo, já com os desenhos pré-determinados, escolhidos, a cópia de outro. Abrem seus celulares e dizem “*quero exatamente assim, quanto sai?*”. Interessante notar as expressões dos tatuadores. Existe um problema aí que é da ordem mercadológica, na medida em que eles têm seus traços e técnicas características de seus trabalhos, não podem negá-los, porque as tatuagens garantem a subsistência deles e da família. Mas, a decepção é nítida. Existe um ruído aí na relação tatuador/cliente, o processo de construção do “fazer-se” tatuado já está ditado pela regra do socialmente aceito, ou seja, as mídias, como revistas e redes sociais, ditam, às vezes, regras quanto às tatuagens.

No estúdio “Alucinação”,³⁶ quando fui filmar/entrevistar o tatuador Alex Rodrigues, encontrei um casal de amigos tatuando. Conversei primeiramente com Vinicius, 18 anos. Estava acompanhado de Carla,³⁷ 15 anos. Carla, embora menor de idade, estava fazendo sua tatuagem. Ela estava tatuando sem a permissão da família.

Tatuagens são interpeladas por desejos, afetos, memórias, significações e experiências que são (re)atualizadas a cada etapa da vida e o risco de arrependimento de uma feita na tenra adolescência é grande. Ela e Vinicius estavam fazendo uma tatuagem para celebrarem a amizade: ambos faziam nos braços um diamante que simbolizava a amizade entre eles. Vinicius fez duas no dia: o diamante e uma frase de uma música.

Questionei Vinicius sobre a frase da música que diz “*Nunca foi sorte, sempre foi Deus*”. Ele me respondeu que seu desejo em tê-la correspondia ao fato de ter visto na internet e que muitas pessoas também a tinham e corroborou para que ele também a quisesse “*tatuei porque todo mundo tem, aí pensei: também quero!*”. Ele realizava um desejo em também ter algo que está em voga. Seu desejo é estar na moda, mas ela é fluída e não percebi nenhuma reflexão de Vinicius em relação a seus sentimentos quando a moda passasse. Pode ser que seja uma reação justamente à fluidez, pois tem consciência que será para sempre. A satisfação imediata de seus desejos era o que contava no momento. Às vezes ele pode dar outro sentido para ela com o tempo e por ser uma tatuagem pequena poderá cobrir também. Ou pode escolher viver para

³⁶ RODRIGUES, Alex. Estúdio Alucinação. Uberlândia. Junho de 2016. Entrevista captada com “handycam” – filmadora portátil.

³⁷ Nome fictício. A entrevistada é menor de idade.

sempre com ela, a questão é que há o desmoronamento subjetivo do que você era antes da tatuagem e você se desdobra, literalmente, em outro eu, um eu ressignificado:

Os antigos territórios do Ego, da família, da profissão, da religião, da etnia etc., desfazem-se uns após os outros. Não existe mais nada evidente no registro do desejo. É porque o inconsciente moderno é constantemente manipulado pelos meios de comunicação, pelos Equipamentos Coletivos, pelos especialistas de todo tipo, que não podemos nos contentar hoje em defini-lo simplesmente em termos de entidade intrapsíquica como fazia Freud na época em que elaborou suas diversas tópicas (GUATTARI, 1985, p. 167)³⁸.

Não obstante, muitos sites voltados para o assunto, como o brasileiro “Mundo das tatuagens”³⁹ possuem um local de busca, um filtro, onde é possível filtrar a procura pelas tatuagens de acordo com interesse pré-determinados: fotos, *cover ups*⁴⁰, desenhos, significados. Em outro lugar o filtro oferece opções como “tatuagens femininas” “tatuagens masculinas” e “ambos os sexos”. Existe também a possibilidade de filtrar pelo local do corpo que deseja tatuar: barriga, atrás da orelha, braços e costas, costela, coxa, dedo, mão, nuca, ombro, panturrilha, pé, peito, perna, pescoço, pulso, tornozelo e virilha. Ou seja, especificam-se os lugares e “o quê” exatamente tatuar; além disso, o dispositivo as separa de acordo com a normatização de gêneros: “tatuagens masculinas” x “tatuagens femininas”. Segundo Butler: “O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado”, [...] tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos”⁴¹.

Da mesma maneira que as questões de gêneros normativos aprisionam o indivíduo na binaridade homem versus mulher e masculino versus feminino, sem entender as complexas relações sócio-históricas intrínsecas neste processo, as mídias voltadas à cultura da tatuagem estão longe de superar essa dicotomia, ao contrário, atuam no sentido de reforçá-la. Ainda existe muito caminho para a compreensão da performatividade de gênero e suas relações com o corpo que incluem, sobretudo, as escolhas que fazemos sobre ele. As mulheres querem liberdade para

³⁸ GUATTARI, F. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo* Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 167.

³⁹ <https://mundodastatuagens.com.br/>. Acesso em 03/04/2017.

⁴⁰ Usa-se o termo “*cover up*”, literalmente “cobrir”, quando se procura tatuagens para cobrir alguma já feita que não transmita mais sensações prazerosas ou acione memórias indesejadas. Pode-se também cobrir tatuagem quando a estética dela com o passar dos anos já não agrada e estão com traços abertos, borões, desbotamentos, etc. Entretanto, existem alguns cuidados, pois a tatuagem nova, feita por cima, precisa, obviamente, cobrir a anterior, logo, o desenho terá que ser maior, os tons mais escuros e alguns traços da tatuagem anterior pode aparecer. Existe uma diferença em tatuar sobre uma pele sem uma tatuagem e sobre a pele onde já exista uma: a cicatrização será diferente. As linhas da nova tatuagem deverão aproveitar as linhas antigas, devem-se definir os pontos de luz e matizar os tons mais frios como azul ou verde.

⁴¹ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 25

seus corpos, nada que dite as regras para sua função, que é política e em direção ao devir-mulher. Segundo Haraway, “feministas-ciborgues têm que argumentar que ‘nós’ não queremos mais nenhuma matriz identitária natural e que nenhuma construção é uma construção totalizante”⁴².

Quando refiro à performatividade de gênero, busco em J. Butler o arcabouço necessário para a compreensão.⁴³ Segundo a autora, somos submetidos compulsoriamente a direções heteronormativas assim que se distingue o sexo biológico do bebe na barriga da mãe: se possuir um pênis será um homem; e assim, por questões reprodutivas, econômicas e sociais, a criança será induzida a se comportar como um homem com todo o aparato simbólico e moral que está incluso na performatividade de “ser homem”. E assim também é com o bebê que possui uma vagina. Para subverter essa ordem é necessário desfazer as amarras estabelecidas entre sexo, gênero e desejo. Existe uma maquinaria responsável por sustentar esses signos que geram essa performatividade (Butler, 2003) e quando digo que existe um problema nesses sites que, além de encerrarem os gêneros na binaridade, contribuem para o rol do controle quanto às nossas escolhas, confundindo e limitando nosso sexo, nosso gênero e manejando nossos desejos. Raramente alguém atenta para esses detalhes, visto que muitas pessoas, que entraram nos estúdios em que estive, estavam com os desenhos retirados da internet, ou seja, definidos por estes dispositivos. Quanto a estas tecnologias de informação e seus poderes sobre corpos femininos:

As tecnologias da comunicação dependem da eletrônica. Os estados modernos, as corporações multinacionais, o poder militar, os aparatos dos estados de bem-estar, os sistemas de satélite, os processos políticos, a fabricação de nossas imaginações, os sistemas de controle do trabalho, as construções médicas de nossos corpos, a pornografia comercial, a divisão internacional do trabalho e o evangelismo religioso dependem, estreitamente, da eletrônica. (Haraway, 2000, p. 66).

Esta, aliás, é uma questão cara quanto ao processo de desconstrução⁴⁴ de gênero e do machismo. Não são em todos os estúdios, mas apenas em alguns, onde o movimento de pessoas é majoritariamente de homens heterossexuais (tanto de profissionais, quanto de clientes) que existe a neblina densa das piadas sexistas, machistas e até homofóbicas. Por outro lado, não é

⁴² HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. in *Antropologia do Ciborgue*. As vertigens do pós-humano. (org, Tomaz Tadeu). Belo Horizonte: Autêntica editora, 2000.

⁴³ BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.p. 25 - 55.

⁴⁴Desconstrução no sentido de “decomposição” de Jacques Derrida. Costuma-se atribuir o termo à “demolição”, mas é equivocado, tendo em vista que não se destrói o que está ali, intacto, dentro dos cânones interpretativos que já foram, outrora, comuns, mas “sair fora deles”, desconstruí-los.

de espantar o exemplo do site “Almanaque Digital de Tatuagens”.⁴⁵ Trata-se de um site brasileiro bem organizado com todas as revistas da marca “Almanaque Digital de Tatuagens” em formato digital disponíveis para download ou apenas visualizações. Possui galeria de tatuagens com os maiores tatuadores do mundo e suas especialidades. Mas, o que impressiona são as capas das revistas. Ao acessar a galeria, nos deparamos com as capas dos almanaques digitalizados todas coloridas, com chamadas de entrevistas com grandes tatuadores, vendas de produtos que tem relação com o mundo da tatuagem, propaganda de marcas de tinta, etc., Mas, existe uma questão: salta aos olhos de qualquer um o uso do corpo da mulher, sensualizado e tatuado para as capas.

São mulheres seminuas, em poses *sexys* com tatuagens e cabelos diferentes. O apelo é claro: hipersexualização do corpo feminino para vender esta arte e técnica. Digo vender porque a arte está ali como bem de consumo, desejada e comprada. Imitada. Homens aparecem raramente nas capas; quando aparecem, são representados vestidos, sérios, reflexivos e reproduzindo padrões de virilidade. Em outra capa, é estampado um casal heteronormativo: a mulher aparece seminua e ele tampa seus seios com um teclado de computador com uma expressão na face que sugere o texto “meu deus, uma mulher (a minha) nua, ”. Mas, o que mais surpreende é que enquanto homens raramente aparecem nas capas, as mulheres são frequentes e aparecem mesmo das pernas para baixo, com a calcinha abaixada.

Figura 4: Capas das revistas digitalizadas do acervo do Almanaque Digital de tatuagem



⁴⁵ <http://www.almanaquedigital.com.br/wp/>



Fonte: Página do acervo digital de revistas do Almanaque Digital de tatuagem.⁴⁶

Nem surpreende, tendo em vista que a sociedade é culturalmente separada entre homem e mulher e essa cultura distribui signos e significados que sustentam esse binarismo. Desde crianças somos culturalmente educados para direcionar nossos desejos nesse duplo arquétipo “homem e mulher”, ou seja, somos condicionados a adotar e escolher o gênero dentre os que são socialmente atribuídos a nós, e que são heteronormativos. É nos apropriando das categorias de gêneros que nos apresentamos ao mundo e somos socialmente reconhecidos, mas sabemos que essa questão binária de gênero, embora reforçada a todo instante por dispositivos culturais, tem sofrido, duras críticas de intelectuais, pesquisadores e militantes envolvidos em movimentos sociais a favor do não binarismo e a favor da liberdade/respeito/visibilidade.

Considero importante a posição da mídia e suas produções como dispositivo semiótico nas formações subjetivas, assim como Guattari afirma em “Caosmose: Um novo paradigma estético”:

Devem-se tomar as produções semióticas dos mass média, da informática, da telemática, da robótica, etc. (...) fora da subjetividade psicológica? Penso que não. Do mesmo modo que as máquinas sociais que podem ser classificadas na rubrica geral de Equipamentos Coletivos, as máquinas tecnológicas de informação e de comunicação operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes. (GUATTARI, p14, 1998).

A problemática e, consequentemente, a confusão dos gêneros no mundo das tatuagens não existe somente nos veículos midiáticos. Nos quatro estúdios em que estive, encontrei apenas uma mulher tatuadora. Outra constatação da pesquisa é que os desenhos disponíveis são

⁴⁶ <http://www.almanaquedigital.com.br/wp/almanaque-digital-de-tatuagem/>. Acesso abril de 2017.

mais para o público masculino. No estúdio do *shopping* a recepcionista era mulher, o outro gay. Este me cedeu entrevista, mas não quis ser identificado e nem filmado.⁴⁷

Quando uma revista ou site, ou qualquer outro dispositivo, indicam categorias como as de “tatuagens femininas”, perfilam-se perguntas: quem fez as escolhas? As mulheres opinaram sobre esses gostos? Foram mesmo mulheres que apontaram essas escolhas ou foram homens que escolheram baseados em seus gostos e desejos?

. Estes tipos de comportamentos e escolhas fazem com que, apropriando-nos de Bordieu (20013), as diferenças culturais entre gêneros estejam impressas nos corpos, segunda a noção de *habitus*. O *habitus* é o corpo construído pela sociedade e pela cultura, ou melhor, por uma lei social que é incorporada. O corpo é o que aponta as diferenças sexuais, não por sua condição biológica, mas sobre como ele é socialmente construído. Por isso a liberdade em construí-lo é tão importante perante a imposição de setores conservadores sobre a imputação do sexo biológico em detrimento da construção subjetiva dele.

Concebo o conceito de *habitus* como um instrumento conceptual que me auxilia pensar a relação, a mediação entre os condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos. Trata-se de um conceito que, embora seja visto como um sistema engendrado no passado e orientando para uma ação no presente, ainda é um sistema em constante reformulação. *Habitus* não é destino. *Habitus* é uma noção que me auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente. *Habitus* como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas. Embora controvertida,³ creio que a teoria do *habitus* me habilita a pensar o processo de constituição das identidades sociais no mundo contemporâneo. (SETTON, 2002, p. 61)⁴⁸

Nessa lógica, a agressividade e a virilidade são atributos sócio-culturais masculinos e, logo, a construção dos desenhos para a tatuagem feminina devem versar exatamente o contrário. Criar uma linha de fuga para se desviar desses dispositivos de controle já é um grande passo em relação a desmanchar as teias do que o patriarcalismo deseja: corpos de mulheres com desenhos delicados e hipersexualizados. Tatuagens são para adornar e fazer ver as curvas femininas. Elas tatuam muito a região da nuca, os homens tatuam mais os braços perto do bíceps. Os lugares do corpo em que foram escolhidos para tatuar também indica qual mensagem a pessoa quer passar. Não nos parece fortuito que, hoje, os homens desejem tatuar os bíceps, mesmo eles sendo pequenos.

⁴⁷ Detalharei no próximo capítulo.

⁴⁸ Setton, Maria da Graça Jacintho. (2002). A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. Revista Brasileira de Educação, (20), 60-70. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000200005>

Em relação à dor, parece haver uma regra, igualmente inscrita na normatividade de gênero: homens não podem sentir dor. Isto é coisa de mulher que costuma procurar tatuadores conhecidos como “mão leve”. Não vi nada que corrobore esse estereótipo cultural, muito embora a frequência delas nos lugares em que estive foi baixa.

A tatuagem é um signo que complementa a diferenciação de gêneros, embora essa fronteira esteja cada vez mais se rompendo. Quando estava procurando emprego em uma clínica de estética corporal na cidade de Uberlândia, obtive como resposta a seguinte pergunta: “*você tem tatuagens na face? A empresa não é de contratar gente tatuada, mas posso dar um jeito se você não tiver tatuagem na face*”. Nem compareci à entrevista. O “fora” dita regras sobre o que é aceitável para as tatuagens e para o corpo feminino. Mas, ainda bem que sempre onde há poder, há resistência, linhas de fuga, desvios rizomáticos e que servem para cada vez mais direcionar o desejo para as égides do revolucionário. Tomamos o corpo e a tatuagem como elemento semiótico no qual as experiências subjetivas podem ser comunicadas. É na relação com o outro e também no que vemos, percebemos e sentimos que juntamos signos que irão traduzir os afetos e experiências subjetivas que serão transcritas na pele.

SEGUNDO RIZOMA: CARTOGRAFIA DO DESEJO: TATUAGENS E SUBJETIVIDADES

2.1 Cartografias: experiências preliminares do trabalho de campo

Esta pesquisa foi calcada na experimentação do real. Não somente na experimentação desse real como na participação e intervenção dele. Não apenas analisei os desejos dos outros e suas subjetividades, mas como também desejei, criei agenciamentos e respondi a estímulos sensoriais. Para além de captar as outras tatuagens, as outras subjetivações e os outros desejos, também os presenciei e os construí. A pesquisa de campo exigiu de mim dias de andanças, de “nãos” e “sins”, situações de extrema alegria, mas também de decepção e desapontamento, afinal, quem não está sujeito?

Foram dias inesquecíveis e só tenho a agradecer pela construção conjunta que foi permitido graças à disposição das pessoas em colaborar. Cada dia era uma nova experiência e espero, que assim como eu, todos tenham experimentado e vivido sensações inesquecíveis, pois, todo encontro gera novas perspectivas, novos “fazer-se” e “subjetivar-se” e é com o encontro do outro que isso é possível. Então, além da construção subjetiva entre os tatuadores e tatuados, houve nossa construção conjunta, porque durante o trabalho de campo trocamos experiências e afetos de todos os tipos, afinal eu passava o dia em diversos estúdios de tatuagens e um dia é relativamente longo para a interação. Claro que nem tudo foi perfeito, sempre há as dificuldades, aliás, é uma pesquisa que dependia de minha interação e nem todos responderam de maneira afirmativa aos meus contatos. Não posso deixar de relatar, também, os pontos negativos, não foram maiores que os positivos, mas antes de nos demorar nos positivos vou relatar algumas experiências não tão agradáveis que contribuíram, inclusive, para várias conclusões e para mudar alguns rumos e perspectivas dessa pesquisa. Como o método de pesquisa cartográfico não possui uma espécie de roteiro fixo para a investigação de campo, cada vez que se adentra um estúdio de tatuagem diferente e/ou entrevista pessoas diferentes, há a necessidade de “sentir” o ambiente, primeiramente. Ter as impressões do local, refletir a respeito dele e daquelas pessoas. A partir dessas percepções elaborei as perguntas e ajustei meu comportamento de acordo. Todos os dias poderia encontrar algo novo. Também percebi que preciso melhorar minha timidez.

Óbvio que nem sempre me senti à vontade, pois o estúdio é um local de trabalho e, de início, sempre temos a sensação que estamos atrapalhando ou interferindo de maneira negativa nos trabalhos dos tatuadores. Então, a sensação, às vezes, foi de “pisar em ovos”, demandando esforço e sabedoria para adentrar naquele local, inclusive, para poder voltar, porque retornei mais de uma vez em cada estúdio.

Meu primeiro contato com um local de trabalho para marcar entrevistas já trouxe situações desagradáveis. O primeiro que contatei foi o qual eu costumava me tatuar e o fiz justamente por este motivo. Eu tatuava lá, de todas as minhas tatuagens, quatro foram feitas nele. Lá trabalham dois tatuadores, hábito normal entre eles: mais de um tatuador se juntar para arcar com as despesas e dividirem o espaço. Sempre fui tratada muito bem lá e gostava do tatuador em questão porque sempre construímos uma relação boa quando o assunto era elaborar minhas tatuagens. Como não gosto de pegar desenhos prontos, pois, minhas tatuagens têm significados marcantes, ele sempre compreendia bem meus anseios e respondia de maneira muito positiva aos meus desejos. Quando é assim, geralmente, construímos uma relação estreita com o tatuador e acabamos fazendo mais tatuagens com ele. Uma relação de confiança se estreita. Pois bem, é nesse contexto que me senti à vontade de escolher este estúdio primeiramente para minha pesquisa.

O primeiro contato sucedeu-se normalmente. Ele me respondeu e marcamos a entrevista. Porém, faltava me confirmar o dia, exatamente. O retorno demorou e resolvi averiguar e reforçar o convite. O tatuador em questão disse que estava doente e que eu teria que esperar melhorar. Assim sendo, esperei alguns dias e retornei o contato. Quando foi de manhã, no dia seguinte, fui acessar minhas mensagens das redes sociais, onde entrava em contato com ele e havia a mensagem da esposa dele, ameaçando-me. Ela alegou que havia muito intimidade entre nós e que eu não deveria tratá-lo de tal maneira, pois ele era um homem casado e ela estava esperando um filho. Neste dia tive a certeza, que entre as ofensas proferidas em questão, não havia só uma reprovação subjetiva dela perante meu comportamento, e sim a interferência e a dúvida quanto à seriedade de meu trabalho. Recebi, inclusive, ameaças sobre “perseguir-me” no período da noite na universidade.

Neste dia tive a certeza que meu trabalho seria árduo e cheio de obstáculos. Por quê? Porque não só se pesquisa o ambiente do estúdio de tatuagem, mas percebe que eles são interpelados por costumes e hábitos da cultura local e que refletem na construção subjetiva daquele lugar. Evidente que exclui o estúdio de meu circuito de gravações e experimentações. São questões que me fizeram refletir sobre os usos e práticas dos costumes que permeiam os lugares e me fez questionar, inclusive, meu comportamento enquanto pesquisadora. Qual postura adotar em um lugar onde mulheres te estranham porque acham que você está naquele espaço para rivalizarem com elas, ou até mesmo que postura tomar, em estúdios que o ambiente é tão plural, com tantas pessoas, que acabam acontecendo piadas machistas, sexistas e homofóbicas? E acontece! Confesso que não esperava, por uma questão até ingênua, esse tipo de comportamento presente nestes lugares. É um estúdio de tatuagem. A tatuagem ainda é bem

estigmatizada pela sociedade, porém, existem as que são socialmente aceitas e outras não. Acreditava ingenuamente que seria um lugar que não deveria estar perpassado por preconceitos como machismo, sexismo, homofobia, lesbofobia, etc. Houve um episódio que o tatuador respondeu ao meu convite de maneira negativa porque a namorada não poderia estar presente no dia da entrevista. Eu não precisava da presença dela na pesquisa, mas, de acordo com a lógica, ela deveria estar ali, talvez para nos vigiar. Isso contribuiu para meus cuidados nos demais estúdios, porque não sabia mais o que poderia encontrar.

Antes de discutirmos os estúdios e as entrevistas envolvidas nessa pesquisa, proponho levantarmos discussões a respeito do método cartográfico para que possamos compreender melhor a maneira que esta pesquisa foi feita e quais reflexões suscitaram.

2.2. Sobre o método: pistas da cartografia

Costuma-se dizer “pistas” do método cartográfico. Faz-se menção a esse termo porque não existem regras para o pesquisador-cartógrafo sair a campo. Como é uma pesquisa calcada no empírico, não tem um plano estratégico, aliás, existe, mas modificá-lo no caminho sempre é possível. A falta de um rigoroso roteiro para “ir a campo” não é um problema, porque se considera o real não previsível, as pessoas não são previsíveis e as experiências também não. Entretanto, não quer dizer que não existe um rigor científico no método: isso implica dizer, na verdade, que há uma flexibilidade na forma de análise crítica. A cartografia social, então, abarca que tipos de objetos? Mais que um mapeamento físico, ela localiza movimentos, relações de jogos de poder, enfrentamento entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modo de subjetivação, de objetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistências e liberdade. Maneiras diversas de afetações, através dos signos da tatuagem. Cartografar:

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. (DELEUZE&GUATTARI, 1995, p. 22).

Por tratar destas questões, a ida ao campo difere: a observação crítica também deve ser direcionada nas estratégias do político. Afirmar isso implica dizer que o “olhar crítico” do pesquisador deva descrever ao analisar relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição dos dispositivos, enunciados, apontar linhas de fuga, resistência e procurar perceber a estrutura maquinica que gere nossos desejos. Fazer esse diagrama do real equivale a expor as relações de poder, não aquelas estritamente ligadas ao institucionalizado, mas dar

visibilidade às relações de poderes capilares da micropolítica. Geralmente, o cartógrafo se depara com um lugar a ser observado que, geralmente, não lhe é familiar. No meu caso, um estúdio de tatuagem me é comum, e está aí a justificativa de escolher pontos de trabalho de pessoas em que não conhecia antes e que nem nunca estive. Até o problema que tive de início com a pesquisa parece que foi para me tirar da zona de conforto e ir experimentar e orientar o estudo para outros lugares, completamente desconhecidos para mim.

Ter um objeto a ser cartografado é comprometer-se ética e politicamente com o trabalho. É um modo fundamentado nos pensamentos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, que pressupõe uma leitura esquizoanalítica da realidade, ou seja, implicando ao pesquisador religar a pesquisa com a vida, com o social, com a história e geografia. Então, foi o que eu fiz: saí de meu local de estudos e fui até os lugares comuns dos tatuadores e tatuagens, mais precisamente, estúdios e lugares de sociabilidade, como, por exemplo, eventos. Há quem diga que este método é considerado “pós-moderno”, um flerte, talvez, mas não totalmente, já que até mesmo Foucault, que encabeçou primeiramente as reflexões sobre a cartografia social, não acredita em pós-modernidade, já que ainda estamos sob os ditames da *episteme racionalista moderna*.

A cartografia, assim como geográfica, também mapeia paisagens, entretanto, as cartografadas por este método são as psicossociais: mundos que se criam para que possamos exercer nossos afetos contemporâneos. Eles me interessam, sobretudo, o desejo. Nossos desejos transpiram urgências, incandescências, vertigens, prazeres, ou seja, apontam as intensidades de nosso tempo. Dentro deste contexto, o cartógrafo está interessado, sobretudo, nas formações do desejo no campo social e como ele é direcionado. Observar subjetividades:

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação, se semiotização – ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica – não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microsociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim, sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagens, de valor, de modos de memorização e de produção ideica, sistemas de inibição e de automatismo, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.). (GUATTARI E ROLNIK, 1999. p.31)⁴⁹.

⁴⁹ GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Micropolítica: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1999.

Cartografar entrelaça-se intimamente com as marcas literais e de memória. Cada ida a algum lugar, cada pessoa, histórias, tatuagens que vi, estão imersas nos variados planos: do óbvio, do visível, do invisível, das linhas de fuga, do devir, e do desejo. Do improvável, do político, do estético. E do fugaz, ou de resistência à fugacidade, também.

Como pesquisa é algo intrigante e estamos sujeitos às intempéries e satisfações dos momentos, sempre estamos sujeitos, também, aos imprevistos. Os estúdios que visitei foram planejados, mas também, organizados durante o processo, já que sempre há algum lugar ou alguém que lhe indicam durante entrevistas e visitas. Ir para a pesquisa é ir em direção a caminhos não seguros, terrenos minados e naufrágios. Mas, também de riqueza, construção e relações salutareis subjetivas. Perambular por esses locais e pelas peles e corpos tatuados foi um trabalho de “buscar”. Segundo Virginia Kastrup e Eduardo Passos:

Ter um mundo às mãos é comprometer-se ética e politicamente no ato do conhecimento. É intervir sobre a realidade. É transformá-la para conhecê-la. Há uma dimensão da realidade em que ela se apresenta como processo de criação, como *poiesis*, o que faz com que, em um mesmo movimento, conhecê-la seja participar de seu processo de construção. O acesso à dimensão processual dos fenômenos que investigamos indica, ao mesmo tempo, o acesso a um plano comum entre sujeito e objeto, entre nós e eles, assim como entre nós mesmos e eles mesmos. O acessar esse plano comum é o movimento que sustenta a construção de um mundo comum e heterogêneo. (KASTRUP; PASSOS, 2013).

Falar sobre a ida ao campo de pesquisa, nos estúdios, das conversas com pessoas tatuadas e idas aos eventos é intrigante, pois, como fui uma pesquisadora participativa – fiz duas tatuagens em dois estúdios diferentes durante as pesquisas – há uma mistura e cruzamentos de agenciamentos diferentes. Ora fui pesquisadora/entrevistadora, em outro momento pesquisadora/participativa. Questionei sobre os desejos e as motivações e, de certa maneira, acompanhei a construção subjetiva entre quem deseja a tatuagem e o tatuador. Também, construí relações naquele lugar, com o profissional, também direcionei desejos e fui afetada. Experiências únicas. Como diz Suely Rolnik na apresentação de sua obra com Felix Guattari “Micropolítica – Cartografia do Desejo”:

Forma-se um primeiro agenciamento que, a partir de então, começa a cruzar outras trajetórias: novos agenciamentos se põem a funcionar. Impossível dizer quem é quem nisso tudo, pois cada um que se conectava a essa aventura imprimia a ela um novo sentido. E assim foi sendo a viagem. Assim também foi se fazendo o livro. (ROLNIK; GUATTARI, 1996, pg. 13).

E assim, esta dissertação também foi construída. Neste emaranhado de subjetividades e subjetivações.

Quando refletimos sobre tatuagem, corpo e subjetividades, em “*Assim falou Zarathustra*”, Nietzsche dilui a dicotomia corpo/alma. O primeiro em si já é uma grande razão, uma multiplicidade com um único sentido, ele é guerra e paz, o rebanho e o pastor:

O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um único sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento de teu corpo é, também, a tua pequena razão, meu irmão, à qual chamas “espírito”, pequeno instrumento e brinquedo da tua grande razão. “Eu” – dizes; e ufanas-te desta palavra. Mas ainda maior – no que não queres acreditar – é o teu corpo e a sua grande razão: esta não diz eu, mas faz o eu. Aquilo que teus sentidos experimentam, aquilo que o espírito conhece, nunca tem seu fim em si mesmo. [...] Instrumentos e brinquedos, são os sentidos e o espírito; atrás deles achase, ainda, o ser próprio. O ser próprio procura também com os olhos dos sentidos, escuta também com os ouvidos do espírito. [...] Atrás de teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, achase um soberano poderoso, um sábio desconhecido — e chama-se o ser próprio. Mora no teu corpo, é o teu corpo. (Nietzsche, 1966, p. 51).

O cartógrafo, enquanto analista do desejo, evoca a concepção que analisá-lo é, necessariamente, analisar as linhas de fuga, as *esquizo*, por onde se desmancham territórios. Quando dizemos que eles se desmancham e formam-se outros, captamos as ruínas e alicerces que se solidificam, ou que se decompõem. Na medida em que uma pessoa que faz a tatuagem, o faz escondida da família, menor de idade, frequentadora de igreja cristã, ela está se desterritorializando, traçando linhas de fuga, comunicando-se de acordo com seus anseios. Ela age no sentido de romper a estrutura esperada do comportamento cristão – por exemplo, família, corpo, moral –, mas, rizomaticamente, estabelece outra teia de conexão, com sua subjetividade, com o amigo, por exemplo, ambos subjetivam, trocam experiências sedimentares. Quando estabelecem fidelidade navalhada na carne, ao fazer a tatuagem que sela a amizade, estão comungando outros signos, desejos e sentimentos que se expressam fora do território familiar. Que o desmancham, inclusive, mas que estabelecem outros.

Pensando na escolha do diamante para selar a amizade, um signo que está em voga para tatuar, procurando os significados na *internet*, por exemplo, os sites que são voltados para os significados começam a explicar através da origem da palavra “diamante” – junção de duas palavras gregas “*adamas*” que significa invencível e “*diaphanes*” que significa transparente. É o material mais resistente do planeta e é uma pedra preciosa. Embora esteja na moda tatuá-los, ela é carregada de sentidos. Pode-se fazer a leitura que seja uma amizade transparente, resistente, preciosa, que transcende o território doméstico, por exemplo. Porém, o desenho de diamante também aparece muito nos grupos de *rap* e de *funk* como forma de ostentação. Riqueza, dinheiro e ostentação. Como são grupos marginalizados e de periferia, e o estúdio que acompanhei a feitura da tatuagem de diamante localiza-se, precisamente, na periferia de

Uberlândia, pode ser que a escolha por esse signo deu-se pela repetição do mesmo. Seja nas ruas do bairro e, também, pela facilidade de encontrar modelos e explicações dadas ao símbolo na internet.

A cartografia possibilita que nos debrucemos em fontes que não somente a escrita e formal. Como afirma Suely Rolnik “o cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado” (ROLNIK, 1989; p.2). É muito mais que entender, é buscar captar as intensidades que vem de todos os lados para além de estrutura e indivíduo. Superar a binaridade das relações significa pontuar territórios e existências em todas as direções e até contraditórias entre si. Através das linguagens conseguimos visualizar constituições de realidades, e “existencializações” que fazem os corpos vibrarem. De corpo e alma.

O que conduz esta pesquisa é minha sensibilidade que ora me permitia sentir-se à vontade nos ambientes em que estive, ora fazia-me retrair em desconfortos. Logo, desterritorializei diversas vezes para que pudesse experimentar e me territorializei outras diversas vezes para poder compreender. Cartografar é passear por experiências de fluxos e representações sempre em latente relação. Ou seja, a observação da dança intrínseca entre o macro e a micropolítica que são complementares e indissociáveis e, sobretudo, realidades, e que são, também, campos de contradições. (Ibidem, 1989)

Quando saí para campo levei uma filmadora, muitas preocupações, lábia, vergonhas, realizações, princípios, questões, dúvidas, etc. Uma mochila cheia de instrumentos que são para o além do metodológico. Usufrui do grau de abertura que cada um me cedeu, sem forçar, para não romper, não estardalhar, embora em minha subjetividade tenha acontecido diversas dobras e desdobras. Mas, sempre respeitando os limites para estes processos conjuntos de desterritorializações. A prática da cartografia é essencialmente política na medida em que a análise do desejo intrínseco nesse processo nos aponta às sugestões de modos de vida e quais os critérios com o qual o social se manifesta.

O problema para o cartógrafo não gira em torno do falso-verdadeiro, mas o que faz dilatar, contradizer, traçar linhas. É a disposição em fazer uma tatuagem para aparecer “mais bonito” na boate gay, porque nesse espaço esse aspecto é culturalmente valorizado. A cartografia permite que localizemos corpos em variadas vibrações e que dão lugares para a “existencialização de si”. Para esse tipo de trabalho é necessário sensibilidade do pesquisador para que seja possível junto com essa construção localizar os caminhos desejosos. (Ibidem, 1989)

O que significa perceber territorializações e desterritorializações? Perceber saídas por pequenas linhas desconexas de todo um sistema:

A ordem capitalística produz os modos das relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se trepa, como se fala, etc. Ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro- em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo. (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p.42)

Cartografar o desejo nas peles tatuadas remete ao movimento de singularização, de resistência (ou não), mas de qual maneira se apropria do diferente do que nos é oferecido cotidianamente pela indústria cultural:

A essa máquina de produção de subjetividade eu oporia a idéia de que é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, aquilo que poderíamos chamar de ‘processos de singularização’, uma maneira de recusar esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e tele comando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos. (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p.16-17).

2.3 Subjetividades: dialogando com o conceito de “dobra” de M. Foucault e G. Deleuze

O conceito de “dobra” deleuziano parte de concepções foucaltianas e também das leituras e reflexões das obras de Leibniz. É um conceito importante para a análise e problematização da subjetividade e dos processos de subjetivação. Aquela é compreendida enquanto constituição de determinados territórios existências e como processo que se produz a flexão ou a curvatura de certos tipos de forças que resultam na criação desses territórios existências, ou seja, processos em que se constroem subjetividades. A dobra, então, consiste na invenção de diferentes formas de relação consigo e com o que lhe é externo – o mundo – ao longo do tempo. Só subjetivamos em relação permanente ao outro e ao que lhe é externo.

A dobra deleuziana (1991) pensada juntamente com Félix Guattari é uma importante ferramenta para a compreensão dos processos de subjetivações contemporâneas.⁵⁰ A dobra é o processo conjunto da subjetivação com a subjetividade – o que nos é interno e externo. Quais são os códigos que exprimem essa relação? São os códigos próprios do sistema capitalista, entendendo que cada processo de subjetivação compreende a um conjunto histórico-político-

⁵⁰ DELEUZE, G. A Dobra: Leibniz e o Barroco. Campinas, SP: Papirus, 1991.

social próprios de uma época, logo, processos de subjetivações são processos que mudam historicamente de acordo com a conjuntura. Cada formação histórica irá “dobrar” de maneira diferentemente. A noção de subjetividade em Deleuze está ligada à esteira do pensamento de M. Foucault: os sujeitos são formados pela ação dos dispositivos disciplinares, mas também aprende a se constituir agindo sobre si através de tecnologias do *self* – as chamadas técnicas de si. Evidentemente, a subjetividade não é uma mão de via única: ela não se dá através do que vem somente de fora como receptáculo e muito menos somente pelo que vem de “dentro”, são forças que se dobras entre si. Este “dentro” não é autônomo, evidentemente. Esta relação está solidificada num processo intenso e constante de produção de individualidade, nascido entre os poderes e saberes com o “consigo”, o “*self*”.

Refletiremos com o que Deleuze chama de plano de imanência da subjetividade. Ou seja, em qual terreno está suscitada esta reflexão. Segundo ele e Guattari, as linhas e os diagramas são componentes das coisas e dos eventos. Tudo é um emaranhado de linhas. Um processo rizomático.⁵¹ Estas, inclusive, as quais tecem essa narrativa, são as que constituem os fluxos da globalização e das vidas nas cidades. Não existem pontos – como dois pontos que ligam uma linha – são emaranhados, curvas, onde vários pontos se cruzam. O que seria, então, a dobra? O acontecimento, a bifurcação que faz ser.

Cada dobra, cada ação-dobra, ou paixão-dobra, é o surgimento de uma singularidade – onde começa um novo mundo. O indivíduo é um território de subjetivação moderna que se subjetiva de acordo com um determinado conjunto de signos e códigos pautados no modo de produção capitalista. Esse “modo- indivíduo” é completamente diferente da experiência subjetiva oriunda de outros processos e épocas históricas. A subjetivação, então, consiste nas diferentes formas de produção da subjetividade em uma determinada teia e trama do político.

Segundo o pensamento destes autores, este processo se trata, então, na tradução do modo singular pelo qual se produz a flexão ou a curvatura de determinado tipo de relação de forças, ou seja, a dobra. São nas obras dedicadas a Foucault e para Leibniz que Deleuze apreende este conceito. Problematizando e refletindo sobre as tecnologias de si de Foucault e na ideia de que o mundo encontra-se virtualmente dobrado em cada alma - característica da mônada de Leibniz que Deleuze suscita as reflexões sobre a dobra. Esses dois pontos exprimem a ideia de multiplicidade e de criação permanente que darão sustentação ao conceito de dobra. É a flexão de certos tipos de forças que culminam na criação de territórios (platôs) existências em épocas específicas.

⁵¹ Deleuze, G. Guattari, F. Introdução: Rizoma. Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia) Vol. 1. 1995, p.4.

Como todos os métodos investigativos implicam uma ou mais mediações para aplicar aos estudos e análises do objeto, a cartografia, conta com o a noção de dobra. Ela é munição linguística e conceitual que embasa a cartografia. O que uma dobra faz? Conectae uni coisas separadas que se ligam e a partir dessa junção forjam uma nova dimensão e novas possibilidades. Explicar é desdobrar. O efeito da dobra é criar uma relação “dentro-fora”. É o contato que se realiza, a explosão potencial, a união de componentes dispersos originais e que se estabelecem ligações. “Desterritorialização” surge no “*Anti-Edipo*”, que consiste em sair de um território e se territorializar de outra forma. Em “*Anti-édipo*” é sinônimo de “decodificação”, em “*Mil platôs*”, o território nômade “ se territorializa sobre a própria desterritorialização”. Estas concepções nos levam para a noção de ritornelo, aliás, qual relação com o estranho, que proximidade do caos suporta o território? Como surge esse conceito de ritornelo quanto aos processos de territorialização e desterritorialização? Segundo Deleuze e Guattari:

Foi preciso traçar um círculo em torno do centro frágil e incerto, organizar um espaço limitado [...] componentes para a organização de um espaço, e não mais para a determinação momentânea de um centro. Eis que as forças do caos são mantidas no exterior tanto quanto possível, e o espaço interior protege as forças germinativas de uma tarefa a ser cumprida, de uma obra a ser feita (DELEUZE E GUATTARI. p. 382, 1997).

O que estamos entendendo como “fora” funciona como uma máquina abstrata que fabrica singularidades. E dessa forma envolve, infinitamente, nossos pensamentos. O plano de imanência deleuziano envolve uma análise cartografada dessas “emissões de singularidades”. Destarte, nossos pensamentos torna-se uma máquina de experimentações infinitas. Permanente. Assim, pensar é a pura forma de potência de invenção.

Em relação à subjetividade, Rolnik afirma que é necessário adentrar o caos. Todo ambiente sociocultural é constituído de um conjunto muito complexo de universos. No plural. Estes universos afetam as subjetividades, causam sensações que mobilizam nossos desejos em direções de investimentos em densidades variadas. A vida é um campo vibracional com varias sensações e que intercedem em nossas subjetividades todo o instante, formando constelações, rizomas de forças vibráteis que se transformam. Este processo não é estático, toda vez que essas forças de cruzam, nos afetam e nos transformam em outras pessoas através dessa experiência de sensações. Um novo mapa de relações se estabelece, porém, como a contemporaneidade é uma avalanche de experiências sensoriais e subjetivas, nossa subjetividade pode estar cansada de tantas experiências. Durante a modernidade, ansiedades e transtornos psíquicos podiam ser considerados como sintoma dessa avalanche de novas

atualizações, aquele que não consegue acompanhar o ritmo da normatividade desejosa está fadado ao fracasso e à culpa.

Existe um processo de desestabilização a maneira que somos afetados pelos estímulos. A contemporaneidade espera que sempre estejamos prontos para dobrar e desdobrar diante dessas experiências e que nos refaçamos e nos construamos de acordo com essas desestabilizações. É necessário desterritorializar para territorializar novamente. Atingir satisfatoriamente este processo com esses excessos de transformações é o foco da contemporaneidade. Como sobreviver a essa avalanche? É necessário ser forte e eficaz. Será possível este processo todas as vezes que somos visceralmente afetados?

Novos ambientes, novos cenários, novas paisagens. Sempre esse novo devir. Estaríamos cansados de viajar sobre os estímulos sensoriais? Creio que os remédios para controlar o stress, a depressão e outros meios de linhas de fuga, como as drogas – cocaína, crack, álcool, lisérgicos – estariam colocando em prova que é necessário mitigar o stress, o grito de socorro, medique-se e aguentar o tranco. Afinal, sua sensibilidade não pode estar gritando, é necessário calejar-se. A cocaína mesmo seria o acelerador e o encorajador: adeque-se ao ritmo rápido do mercado e do tempo do capital. O corpo é o alvo do controle: estejam saudáveis com um arsenal de medicamentos, poli vitamínicos, suplementos, cremes rejuvenescedores, pois não podemos padecer, nem envelhecer, nem não estarmos enquadrados no ritmo do capital.

Segundo a esquizoanálise não existe uma forma correta de vivência, assim como os dispositivos de controle sugerem, mas, sim, um modo de existir, a dicotomia feio/belo, bom/ruim, corpo/alma, não existem, em nossas infinitas formas de existência basta que transformemos nosso corpo em mais vibrátil. Nossas existências têm que pulsar potencialmente para o bem, isso implica dizer em uma ética de si que reflete no outro. Um cuidado que a partir de si, reflete no outro. Existem duas direções para essa tessitura ética na contemporaneidade: a primeira é a lógica pulsátil, presentes nos corpos dispostos a afetar e serem afetados, e nos que procuram viver e cuidar plenamente, não repelindo as sensações do mundo e a segunda é a direção à lógica maquínica, esta incumbida de direcionar nossos desejos para a economia narcísica, já que se entregaram à configuração de máquinas homeostáticas. São estas logics que aparecem como possibilidades de composição de vida. De devires.

O devir, para Deleuze:

Devir é nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar. Tampouco dois termos intercambiantes. A pergunta “o que você devém?” é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação,

mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos (D, 8) (ZOURABICHVILI, p.24, 2004).

Uma pessoa pode adotar a vida que desejar, portanto que arque com as consequências. Quanto mais diferente for do restante e do esperado do controle, mais pesadas serão as experiências, visto que o que estremece paradigmas sofre com mais pedradas de julgamentos da moralização, pois já que é diferente, não se conhece, e como afirma Deleuze, “Ora, basta não compreender para moralizar”. Sempre que tomar uma decisão, seria saudável questionar: estarei produzindo uma vida mais vibrátil ou mais pobre em vibração? A subjetivação oriunda de equipamentos coletivos de subjetivações não é uma novidade do processo maquínico capitalístico, já que nas sociedades pré-modernas já eram visíveis agenciamentos coletivos de subjetivações. A subjetividade é a argamassa da construção do sujeito, que é a construção do todo, por isso perceber as tessituras desse processo é mergulhar numa viagem histórica, de uma época, de um “fazer-se”.

2.4 Tatuagem e Desejo: modos de subjetivação na sociedade de controle a partir dos agenciamentos contemporâneos

Urge falar de sociedade disciplinar antes de mensurar as estruturas e tramas da sociedade de controle. A estrutura da sociedade disciplinar está enraizada em uma série de processos históricos, este período compreendeu o Século das Luzes, a Revolução Francesa e a emergência da burguesia. O século XVIII vivia e se configurava nos espaços escuros: a câmara escura onde se exercia o despotismo político, os caprichos da monarquia, as crenças religiosas, os complôs entre tiranos e o clero, as ilusões da ignorância e as epidemias.⁵² Segundo Foucault, essa sociedade disciplinar atinge seu ápice no século XX e entra em decadência a partir deste período dando uma nova forma de organização social, que Deleuze define como sociedade de controle.⁵³

É a passagem da disciplina expressa pelas regras e confinamento das instituições para um tipo de controle manifesto além dos muros destas. Para que haja a hegemonia deste novo método de controle é necessário que se adeque uma nova forma de subjetividade para sustentá-la. Os saberes e os poderes sempre estarão interessados em se alinhar aos processos de subjetivação, atuando, inclusive, como dispositivo de normalização de nossos *ethos* e de nossos comportamentos. A homogeneização das ações feitas através da sujeição dos comportamentos

⁵² DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. Conversações. 1990. São Paulo. Ed. 34. 1992. p. 219-226.

⁵³ Ibid., p.225.

às estas normas estabelecidas como *verdades* funciona como agente direto transformador na maioria dos seres humanos. Por mais que estas normas sejam ditadas por uma minoria estamos subordinados a elas, mesmo que sejam contraditórias. Assim, como afirma Foucault “os processos ou modos de subjetivação consistem em ferramentas para a fabricação de sujeitos e a história do cuidado e das técnicas de si, seria uma das maneiras de fazer a história da subjetividade” (FOUCAULT, 1997. P.111)

Para Foucault, essa relação de poder só é exercitável no processo de subjetivação através de três vias: a primeira é a investigação que tenta o estatuto de ciência, colocando o ser humano em posição de objeto de estudo. A segunda é atingir o ser humano com práticas que o dividem, fragmentando seu interior e em relação aos outros. O terceiro é o que define o ser humano na sexualidade. É na análise de Deleuze que ele vai além e consolida a passagem da sociedade disciplinar para a de controle: a disciplinar era mais rígida, literalmente encarcerado em muros, fixo e concreto. Essa estratégia transforma essa subordinação em mais flexível, modulada, porém, Deleuze afirma que vivemos numa época em que se mesclam atributos da sociedade disciplinar em decadência com a sociedade do controle em expansão crescente. (Deleuze, 1990)

A sociedade do controle surgiu como um desdobramento/ transformação da sociedade disciplinar. No arcabouço do poder, o controle foi o elemento que se desenvolveu fortemente. Uma estratégia triunfante. Percebe-se que o controle exerce sua influência nos sujeitos de maneira muito mais flexível, maleável, complexo e de longo alcance. Os muros altos das instituições de sequestro, encarceramento, de disciplina, demandam muito mais investimentos. Metaforicamente, a disciplina atinge de maneira sólida, o controle, de forma gasosa. Penetra sem pedir licença. O controle não exige muitos recursos e tempo, ao contrário da disciplina, o controle, de forma gasosa penetra nas frestas, os sujeitos não precisam legitimá-la, apenas respirá-la. Segundo Deleuze, o controle é rápido, de curta duração, enquanto que a disciplina é de longa, infinita e descontínua. (Deleuze, 1992, p. 224). A disciplina exige esforços exaustivos, mas o que permanece desse sistema ao outro é a sensação de vigilância. Segundo Deleuze, em “Conversações”:

As sociedades disciplinares são aquilo que estamos deixando pra trás, o que já não somos. Estamos entrando nas sociedades de controles, que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea (Deleuze, p.220, 1992).

Claramente, os processos de subjetivações são encaixados com as novas égides da sociedade de controle. E não seria diferente com a subjetividade: ela se constrói de maneira empírica, sendo nas circunstâncias do que nos é dado, ou seja, na prática fundamental para a

diferenciação do sujeito. São essas variáveis que definem nossos interesses, paixões e desejos. A subjetividade interage com o social, sendo composta por fluxos de desejo e existem meios que abrem e fecham, conectando e desconectando dos fluxos que são contínuos. Se a subjetividade se dá com o que é externo, com as circunstâncias, é possível que haja um controle dos tipos de conexões para que seja possível uma subjetividade-padrão. Para Guattari, inclusive, nossos desejos são direcionados para os desígnios do capitalismo, ou seja, as cargas de desejo são apoderadas por ele (Guattari, 1981, p.206). Desta maneira, este domínio de fluxos faz o exercício de manutenção *ad eternum* do capitalismo. Quanto mais cedo esse desejo for direcionado, melhor o ser humano estará encaixado e sujeito aos papéis sócias que a máquina necessita. A contrapartida deste movimento é que, também, quanto mais cedo se possibilita a expansão das circunstâncias subjetivas, maior será a subjetividade do sujeito. O que se expande jamais retoma seu tamanho original.

Se esse movimento das circunstâncias e subjetivações é intrínseco à transação entre capital e desejo, ele oferece uma série de *territorializações* que anulam as diferenças, por outro lado, existe, também, o fetiche de outros fluxos, de outras linhas possíveis. É possível desejar, tatuar-se, fora dos padrões possíveis de fluxos? As tatuagens também são elaboradas de acordo com signos possíveis neste jogo maquínico de desejos. Mesmo que busque singularização no processo, geralmente, a tatuagem é feita dentro desse possível. Subjetiva-se na pele e produzem elementos investigativos para o processo. Estão, na maioria das vezes, entrelaçados às tramas da indústria cultural.

Ela é considerada como uma das principais direcionadoras do desejo em tatuar-se, ou seja, divulga elementos considerados pelo sistema como “qualitativos” para nossas escolhas, sobretudo, ao que tange ao corpo. Parece redundante falar tatuagem no corpo, mas hoje existe a possibilidade de tatuagem (apenas referência ao estilo, porque a técnica tinta/furo/pele não existe, é só uma mimese da prática) nos carros, nas unhas, em objetos, etc. Quando um sujeito diz que se tatuou porque todo mundo tinha a frase de uma música e ele também o queria, ou seja, a mesma tatuagem, ele está respondendo a uma ordem discursiva dos meios de comunicação de massa que oferecem uma multiplicidade de imagens, signos e símbolos que orientam sua potência desejante. Todas estas pessoas que tatuaram a mesma frase da música, por exemplo, “*Nunca foi sorte, sempre foi Deus*” corresponderam a este fluxo, muito embora cada um “se dobra” de maneira diferente, pois ninguém subjetiva igual, mas está de todo o modo, jogando com signos socialmente aceitos. Quanto mais as revistas e mídias os repetem, mais são interiorizados e encaixados nos padrões normativos. Ao mesmo tempo em que a mídia regulamenta tais práticas, ela também normatiza os locais do corpo que são considerados

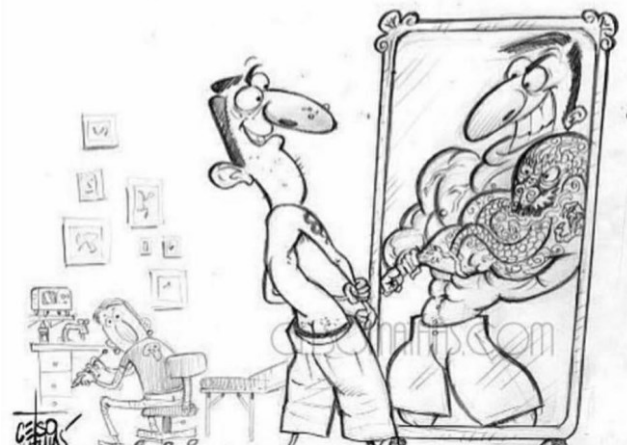
“passáveis”. Inclusive, quando as capas de revistas são sexistas em relação ao homem e mulher tatuados, ele indica socialmente qual o papel de cada um.

Voltando para a sociedade do controle. Desde Foucault e mais precisamente com Deleuze e Guattari, há a sinalização de possibilidades de mudança quanto a esta situação da sociedade de controle: a resistência. O que seria isso? Criar uma maneira de escapar a este constrangedor panorama – a simultânea individualização e totalização exercida pelas tramas do poder – a qual estamos imersos. Como? Trata-se de traçar linhas de fuga no processo rizomático de subjetivação, ou seja, a recusa à imposição dessa individualidade que é normatizada e tem que ser acompanhada por um longo processo de reabilitação da estética de nossas existências. O corpo, no ato de tatuar-se, e enquanto território – sensorial – de subjetivação também pode seguir o caminho do confronto à normalização.

Quando tratamos os conceitos de subjetividade e esquizoanálise aqui, nos conceitos de Felix Guattari e G. Deleuze não será como um manual, pois seus conceitos são feitos para serem usados – profanados. A esquizoanálise é a percepção de pedaços, estilhaços, justamente por esse motivo que não mantenho uma linearidade nem nas entrevistas das pessoas que participaram dessa pesquisa. Aqui estão estilhaços de subjetividades. São fios caóticos que dão sentido às malhas da existência. Sentido ou não, aliás. A tendência do estudo esquizoanalítico das subjetividades não pressupõe certo ou errado, com respingos de moralidades, mas sim, quais potências proporcionam aos nossos corpos e existências uma natureza mais vibrátil. Nessa perspectiva, existem diversas formas de existências, e o interessante está em perceber e observar como os corpos e subjetividades transitam nos enunciados e dispositivos dos diversos *way of life* que são produzidos incessantemente. Ora, a tatuagem é uma experiência de quem procura intensificar o corpo vibrátil. Mesmo que momentâneo, mas proporciona. Não há uma pessoa que não relate o sentimento de satisfação, poder e potencia depois de uma tatuagem.

Figura 5: Montagem - o poder das tatuagens nos corpos e subjetividades

THE POWER OF A TATTOO



Fonte: *Pinterest*, página internet⁵⁴.

É desse corpo que emana o desejo, que sente e produz reorganizações. O desejo funciona de dentro para fora, potencialmente revolucionário. São máquinas acopladas a outras máquinas, máquinas que produzem conexões, passando fluxos a todo instante. Tudo é produção, movimento e é infinito. Deleuze e Guattari afirmam no “Anti-Édipo” (p. 12, 1976) que o que confere sentido e definem as máquinas desejantes são seus elos poderosos com o infinito, em todos os sentidos e direções. Dar razão a nossa existência seria dar vazão a nossa natureza desejante. Isso pode ser visto pelos mais conservadores como uma atitude extravagante e forada-lei que correspondem às atitudes inconsequentes. Não é essa a pista para desejar. Não ter medidas coloca o ser humano em busca frenética de satisfações imediatas e não cessam: sempre o eterno retorno das satisfações, porque as confundem com a falta. Desejar desta maneira é imprimir para si o estereótipo do homem imaginário, que vive e mira seus desejos nas utopias, somente.

Esse buraco a ser preenchido é um sentimento de incompletude e as máquinas desejantes externas e os dispositivos de controle se responsabilizam em criar desejos cada vez mais calcados neste sentido de incompletude, alimentando *ad eternum* esse falso desejo. Conhecer a si, suas teias desejantes e os dispositivos ao redor já um grande passo para

⁵⁴ <https://br.pinterest.com/toughlovestudio/tattoo-jokes-quotes-sayings/?lp=true>. Acesso junho de 2017.

transformar as possibilidades (dentro e fora) que temos no real em desejos revolucionários. Superaremos aqui o desejo sob a égide freudiana da castração.

Como assim? Primeiramente, o que seriam esses dispositivos? Os dispositivos e as máquinas desejantes trabalham no mesmo sentido: responsáveis pelo o que nos é externo, agenciando fluxos e as produções desejantes. O desejo é não algo exclusivo internamente, ele está na objetividade, pois o real existe graças aos impulsos desejantes. Mas desejamos algo sozinho? Não, pois o desejo depende do processo maquínico externo, é construir um agenciamento. Ele depende de um e é convocado a todo instante. Interessa a política (de todas as coisas) agenciar e aguçar esses desejos, constantemente. A respeito das máquinas desejantes:

Nas máquinas desejantes tudo funciona ao mesmo tempo, mas nos hiatos e nas rupturas, nas panes e nas falhas, nas intermitências e nos curtos-circuitos, nas distancias e nos despedaçamentos, numa soma que nunca reúne suas partes em um todo (...). As máquinas desejantes constituem a vida não edipiana do inconsciente. (ZOURABICHVILI, P.35, 2004).

E como os fluxos são compreendidos nessa relação? Ele entra como fluxos materiais e semióticos que “procedem” os sujeitos e os objetos, o desejo, portanto, não é de início nem subjetivo, nem representativo: ele é economia de fluxos. Logo, “A representação usual do desejo – tensão em direção a algo ou alguém – remete então à formação de uma máquina desejante que precede a divisão sujeito-objeto e dela dá conta” (ZOURABICHVILI, P.36, 2004).

TERCEIRO RIZOMA: Corpos afetados, desejos tatuados

3.1 Nietzsche, Espinosa, Deleuze: corpos e afetos.

Dizem que temos uma certeza na vida: a morte. Acrescentaria aí outra verdade: todos nós nascemos com um corpo, independente de como ele se reconheça, e seja socialmente reconhecido, ou se expresse. Todos os seres vivos possuem uma estrutura que funciona harmoniosa e voluntariamente e que trabalha para manter a vida. O corpo é passível de afetar e ser afetado e nos acompanhará do nascimento à morte, sendo inerente a nós, ele é massa e é sensível em maior ou menor grau. Antes de qualquer exercício de razão e reflexão é necessário, *a priori*, um corpo. Os afetos tiveram sua retomada nos estudos das humanidades como elementos dos processos de subjetividades a partir dos anos de 1980, mas, desde Espinosa, já se refletia sobre os corpos, os afetos e suas potências. Estudar o papel do corpo na sociedade é também estudar uma sensibilidade, um *ethos*, e que não pode ser resumido a uma mudança nos comportamentos e costumes⁵⁵.

Este capítulo traz reflexões de Espinosa, Nietzsche e Deleuze. Estar em volta do “pensar o corpo” é refletir, também, sobre as maneiras que existimos, sentimos e pensamos, ou seja, os modos de vida, em geral. Segundo o historiador Peter Burke, o corpo, para o historiador, não pode ser compreendido apenas como biológico, mas deve ser encarado como algo que é mediado e interpelado por sistemas de signos culturais⁵⁶.

Falando em Espinosa, ele sempre esteve ligado às reflexões acerca da potência, da virtude, dos afetos, da alegria, de Deus/Razão e, não obstante, questionava-se: de que maneira os homens poderiam relacionar-se da melhor forma possível politicamente? Baruch (depois adotou o nome Bento) de Espinosa nasceu na Holanda em 1632. De origem portuguesa, aprendeu suas primeiras palavras em português.

Por que Espinosa é considerado o filósofo dos afetos? Porque é considerada uma filosofia prática e este é um elemento singular nas obras do pensador. Prática porque não separa a reflexão em objeto/subjetividade, mas considera-os como complementos; a subjetividade só acontece com o outro e com o que é atravessado pela objetividade⁵⁷.

⁵⁵ ELIAS, N. O processo civilizador. Rio de Janeiro. Jorge ZAHAR; 1994.

⁵⁶ PORTER, R. História do corpo. In: Burke, P. (org.). A escrita da história. Novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p. 291-326 e 308.

⁵⁷ ESPINOSA, B. Ética. Trad. Tomaz Tadeu. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica; 2008.

E por falar em afeto, Espinosa salienta: “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída”⁵⁸. Na filosofia de Espinosa não existe oposição entre afeto e razão como costumeiramente se faz, principalmente pelo pensamento cartesiano. Afetos não são necessariamente paixões e também não são agentes perturbadoras do intelecto. Agimos quando somos a causa interna dos efeitos que produzimos dentro e fora de nós e, da mesma maneira, padecemos quando a causa dos efeitos que produzimos nos é exterior; logo, a diferença ética é entre atividade e passividade, e não entre razão e paixão. A razão não é elemento decisivo e controlador dos afetos por mais que a tradição filosófica racionalista ocidental, desde Platão e Aristóteles, tente afirmar o contrário. Para não sermos dominados apenas por afetos passivos, é necessário todo um jogo de agenciamentos com outros elementos disponíveis, formando um corpo mais potente.

Inclusive, a ideia de corpo da qual parto é a da crítica nietzschiana sobre o idealismo platônico que desvalorizou o corpo e privilegiou uma suposta substância subjetiva como essencial do homem⁵⁹. O corpo e suas potências entram em ressonância com o processo de singularização de cada um de nós. O corpo tem o poder de afetar e ser afetado e envolvem modos de sentir, pensar e agir e são objetivados da maneira de cada um, singulares⁶⁰. Desde a máxima de Espinosa “o que pode um corpo? ”, não conseguimos pontuar exatamente suas potências, contudo, ter a noção de que a alma não instrumentaliza o corpo, e que substância e corpo é uma coisa só. Como afirma Nietzsche:

“Eu sou corpo e alma” – assim fala a criança. E por que não se deveria falar como as crianças? Mas o homem já desperto, o sabedor, diz: “Eu sou todo corpo e nada além disso; e alma é somente uma palavra para alguma coisa no corpo”. O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um único sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento de teu corpo é, também, a tua pequena razão meu irmão, à qual chamas “espírito”, pequeno instrumento e brinquedo da tua grande razão. “Eu” – dizes; e ufanas-te desta palavra. Mas ainda maior – no que não queres acreditar – é o teu corpo e a sua grande razão: esta não diz eu, mas faz o eu. Aquilo que teus sentidos experimentam, aquilo que o espírito conhece, nunca tem seu fim em si mesmo. [...] Instrumentos e brinquedos, são os sentidos e o espírito; atrás deles acha-se, ainda, o ser próprio. O ser próprio procura também com os olhos dos sentidos, escuta também com os ouvidos do espírito. [...] Atrás de teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, acha-se um soberano poderoso, um sábio desconhecido — e chama-se o ser próprio. Mora no teu corpo, é o teu corpo. (NIETZSCHE, p. 51, 1977).

⁵⁸ Ibidem, p. 163.

⁵⁹ BARRENECHEA, Miguel Angel de. Nietzsche: Corpo e Subjetividade. In: O percevejo On line. Volume 03 – Número 02 – agosto-dezembro/2011. P. 4

⁶⁰ KASPER, Kátia Maria. Experimentar, devir, contagiar: o que pode um corpo? In: Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 199-213, set./dez. 2009.

Para além da dicotomia corpo/alma, a superação dessa discussão parte de Espinosa, passa por Nietzsche e é retomada por Foucault, Deleuze e Guattari. Esse processo revoluciona a compreensão sobre o papel do corpo nos processos de subjetivação. Não existe a possibilidade de exaltação apenas do aspecto espiritual e racional do homem, oriunda da tradição iluminista kantiano, que é visto sob o prisma do racionalismo. Separando-se o corpo da alma sacraliza-se a racionalidade – a razão moderna –, e profana-se o corpo, entendido como uma natureza totalmente diversa daquela da alma. Como o corpo é perecível, não seria o essencial.

De Platão até a compreensão judaico-cristã, apropriados pela modernidade, a alma é exaltada como essência do homem. Aquilo que é essencial. A preocupação com a alma legou para o corpo questionamentos e condenações que sobrepujavam o homem a uma existência de sofrimentos, pecados e pesares (BARRENECHEA, p. 5, 2009). O corpo era território do mundano, a alma havia de ser sacralizada, pois aqui na Terra estava-se sujeito a expiações e expiações de erros ancestrais. A eterna convivência sofrida entre corpo e alma. Segundo Platão (1966, 66 a – 67 d):

(...) nesta vida não aproximaremos da verdade a não ser afastando-nos do corpo [...] e conservando-nos puros de todas as suas imundícies até que o deus venha nos libertar. [...] livres da loucura do corpo, conversaremos [...] com homens que usufruirão a mesma liberdade e conhecermos por nós mesmos a essência das coisas. (*Apud* BARRENECHEA, 2011, p. 7).

Ressalto que a intenção aqui não é o aprofundamento das questões filosóficas e de natureza humana platônicas, apenas apontar a dicotomia estabelecida. Estranhamente o corpo era contemplado como algo fora, o outro. A alma não é imortal e é necessário pensar o corpo como o todo do ser. Na modernidade, vem com Nietzsche a crítica categórica da anulação do corpo em detrimento da substância ímpar, um pretense substrato subjetivo. O filósofo também é crítico ferrenho daqueles que consideram a consciência, a razão e o pensamento, ou seja, a vinculação ao supra-sensível, como essencial do humano. O autor promove a subversão na concepção de homem: o corpo deve ser o fio condutor para a compreensão do humano para alcançar as questões elementares, desde as premências vitais até as do dia-a-dia. O filósofo alemão questionava-se se a filosofia não teria sido a interpretação de um corpo e “uma má compreensão do corpo” (NIETZSCHE, 2001, p.2 *apud* BARRENECHEA, 2011, p. 9).

Para a compressão nietzschiana o corpo é tudo; é também um eterno jogo de forças, lutas entre afetos, sentimentos, impulsos, que estão sempre se conectando, se interligando no emaranhado de fios caóticos da existência humana. A consciência, identificada à razão, é um produto dessas relações e não algo separado em si; é a relação das ligações, das territorializações,

das dobras, das subjetivações que são forças inconscientes do corpo. A atividade do espírito, da chamada “alma”, se dá de maneira inconsciente e não sentidas por nós. A crítica do homem cartesiano e kantiano do sujeito está aí. Por quê? Porque o pensador alemão desconstrói a ideia de um ego puro, da substância racional, da supremacia da razão, essa que seria totalmente alheia à totalidade corporal. (BARRENECHEA, 2011, p.11).

Não que não exista o “pensar”, mas ele se dá, necessariamente, em conjunto com o corpo; aí que situa-se a crítica ao homem moderno – de Descartes e Kant –, que propõe uma nova crítica da razão pura, ou melhor, a crítica da carne, do corpo. Refletir sobre o que Nietzsche chama de “conflito entre forças apolíneas e dionisiacas”: jogos de impulsos conflitantes⁶¹. Segundo Barrenechea:

Esse pensar consciente é apenas uma ínfima parte da miríade de pensamentos corporais, é apenas um pensar que se traduz em palavras. Consciência e linguagem se articulam na visão de Nietzsche. Os processos orgânicos para os quais carecemos de palavras que os traduzam permanecem ignorados. Contudo, esse pensar não consciente predomina no organismo. Em resumo, o jogo dos instintos, a luta dos impulsos perfaz a dinâmica fundamental em nossa condição corporal e a denominada “consciência” ou “razão” nada mais é do que forças corporais que se transformam em signos comunicáveis. (BARRENECHEA, 2011, p. 13).

O pensamento consciente é fruto do conjunto do corpo, de uma longa cadeia onde se cruzam em fluxos constantes, às vezes organizados, muitas vezes caóticos, rizomáticos. Consciência, linguagem e corpo se articulam de maneira dependentes. O que seria então essa razão? O efeito das forças corporais que são traduzidas em signos comunicáveis. São nas relações de poderes e de forças que se constituem esses devires, longe da ideia substancial autônoma e racionalista. O “eu”, portanto, não é uma substância pura e universal. (NIETZSCHE, 2001, p.5).

Então, o filósofo alemão matou a subjetividade? Na verdade, não. A questão é que os pontos de subjetividade não instituem uma unidade; são constituídos por vários fatores, longe de ser algo abstrato e substancial. A subjetividade, nessa ótica, possui caráter corpóreo, é um cenário de dinamismo de pulsões. O homem é um ser múltiplo, diversas são suas pulsões, emoções e desejos. A subjetividade também é carnal. Não se pretende delegar ao ostracismo o pensamento comunicável, muito pelo contrário, mas colocá-lo como um dos elementos que funciona em conjunto com a corporeidade. Em *Ecce Homo*, Nietzsche afirma:

⁶¹ Segundo Nietzsche, não é a razão que impulsiona a vida humana, são os impulsos e pulsões inconscientes em jogo, que estão sempre em conflito. A racionalidade é uma decorrência do mundo das pulsões e do que ele denomina como “instintos”. (Nietzsche, O nascimento da tragédia. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, p. 1, 20016).

Em tudo isso – na escolha da alimentação, de lugar e clima, de distração – reina um instinto de autoconservação que se expressa da maneira mais inequívoca como instinto de autodefesa (...) neste ponto já não há como eludir a resposta à questão de como alguém se torna o que é. E com isso toco na obra máxima da arte de preservação de si mesmo – do amor de si. (NIETZSCHE, 2000, p. 8-9 *apud* BARRENECHEA, 2011, p. 16).

Os afetos, então, assumem destaque na subjetivação. E a afetividade humana entra como um expoente da potência global da natureza. Logo, a razão não se separa da experiência afetiva e o desejo não é a condição da “falta” ontológica que o impulsionará.

Retomo a preocupação que Espinosa demonstra em *Ética* em relação a não sermos dominados por afetos passivos; para ele é necessário estabelecer relações de composições, agenciamentos diversos, com diversos elementos da natureza, assim seria possível construir-se um corpo mais potente. Que composição é essa? Com outros corpos aumentando nossa potência de agir, acumulamos mais forças e possibilidades de afetar e, conseqüentemente, ser afetado. Criam-se, assim, outras formas de relação com o mundo no qual estamos. Espinosa pensa a relação mente e corpo como algo recíproco, ou seja, ambos são ativos e passivos, simultaneamente. O que é ação no corpo, é ação na mente e, da mesma maneira, o que é uma paixão no corpo também é uma paixão na mente e vice-e-versa⁶² (JESUS, 2015, p.164).

A noção de afeto em Espinosa:

1-Chamo de causa adequada aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma. Chamo de causa inadequada ou parcial, por outro lado, aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só. 2-Digo que agimos quando, em nós ou fora de nós, sucede algo de que somos a causa adequada, isto é, quando de nossa natureza se segue, em nós ou fora de nós, algo que pode ser compreendido clara e distintamente por ela só. Digo, ao contrário, que padecemos quando, em nós, sucede algo, ou quando de nossa natureza se segue algo de que não somos causa senão parcial (ou seja, causa inadequada, como sabemos pela definição 1). 3- Por afeto compreendo as afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções. Explicação. Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; caso contrário, uma paixão. (ESPINOSA, 2008, E.III, Def. 2, p. 163. Grifos nossos, *apud* JESUS, 2015, p. 165).

Espinosa não separa, portanto, ação de paixão. A diferença entre ser ativo e passivo está no fato de a coisa - o homem - ser ou não causa adequada ao que se passa nela. O que significa causa adequada ou inadequada, segundo as reflexões de Espinosa? Quando somos

⁶² JESUS, Paula Bettani Mendes. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA NOÇÃO DE AFETO EM ESPINOSA. Cadernos Espinosanos, [S.l.], n. 33, p. 161-190, dec. 2015. ISSN 2447-9012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/epinosanos/article/view/105572/107231>>. Acesso em 1 de agosto de 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2447-9012.epinosa.2015.105572>.

causa adequada, somos livres porque agimos conforme as leis de nossa natureza, ou seja, seguimos nossa potência. Quando é causa inadequada, quando somos constrangidos pelas forças externas, que determinam a maneira pelo qual agimos⁶³.

Esta ideia remete ao conceito de *conatus*; este termo vem do latim e significa “esforço”. Noção que tem influencia em Schopenhauer e, posteriormente, na elaboração do conceito de “vontade de potência” em Nietzsche, além da importância que tem para Bergson e Deleuze. *Conatus* é a expressão de corpo e mente conectados que se expressam em conjunto; mas, ao mesmo tempo, com atributos diferentes – essa noção enuncia, justamente, a potência de agir. Espinosa diz “*potentia sive conatus*” (ESPINOSA, Ética III, parte 7 *apud* JESUS, 2015, p. 168). Aumento ou diminuição da potência é o aumento ou a diminuição do *conatus*: Espinosa afirma que nem o corpo pode determinar a mente a pensar, nem a mente determinar o corpo ao movimento ou ao repouso. Em suma, o aumento ou a diminuição do *conatus* é o mesmo que a capacidade de ser, sentir e agir.

Na definição de afeto, Espinosa aponta a correlação entre os afetos – *affectus* –, que são os modos de pensar e as ideias desses afetos, *affectio* ou afecções, nos indivíduos: o afeto não existe separado da ideia de afeto que existe no ser humano. Para Espinosa, corpo e mente são regidos pela mesma lei, ou seja, as mesmas leis de produção, porém de maneira distintas. Nessa lógica, o filósofo define a impossibilidade de controle direto da mente sobre o corpo; logo, não existe hierarquia nessa relação corpo/mente. Controlar as paixões é considerado algo praticamente impossível. O que é paixão no corpo, também é na mente e vice-versa.

Não é uma fusão entre corpo e mente, mas a “indissociabilidade” que mantém a heterogeneidade da coisa. O que significa aumentar nossa potência? Praticamente expandir nossa ação no mundo e seguir em direção a uma independência maior do ambiente, salientando que isso não significa dizer que temos que diminuir nossa relação com o exterior, pois: “As relações que mantemos com os outros corpos podem nos beneficiar ou aprisionar nossa expansão e, no segundo caso, reagiremos aos encontros ao invés de agirmos sobre eles” (GLEIZER, 2005, p.16). Segundo Deleuze:

Um corpo pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma ideia, pode ser um corpus linguístico, pode ser um corpo social, uma coletividade. Entendemos por longitude de um corpo qualquer conjunto das relações de velocidade e de lentidão, de repouso e de movimento, entre partículas que o compõem desse ponto de vista, isto é, entre elementos não formados. Entendemos por latitude o conjunto dos afetos que preenchem um corpo a cada momento, isto é, os estados intensivos de uma força anônima (força de existir, poder de ser afetado). Estabelecemos assim a

⁶³ Ibidem. 2015, p. 167.

cartografia de um corpo. O conjunto das longitudes e das latitudes constitui a Natureza, o plano de imanência ou de consistência, sempre variável, e que não cessa de ser remanejado, composto, recomposto, pelos indivíduos e pelas coletividades. (DELEUZE, 2002, p.132, apud GLEIZER, 2005, p.16).

Para além do bem e do mal, são relações que se estabelecem e que devem traçar um caminho à liberdade, construindo-o. Existe uma correlação entre os processos de subjetividades e toda uma ordem lógica que a sustenta para que ambas se sustentem. Pois bem, compreendemos a tatuagem como uma forma de linguagem são signos semióticos, e também sabemos que o corpo é o lócus dessa comunicação; logo, se o corpo entra como suporte, os sentidos e afetos estão intrinsicamente estabelecidos nessa relação. Tatuarse envolve sentimentos, direcionamento de desejos e fios que estabelecem comunicações nessa causa. Além da questão das materialidades, o acontecimento também tem importância fundamental na semiótica crítica de análise entre corpo, afetos, tatuagens e subjetivações. Segundo Foucault:

Certamente o acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade do corpo; produz-se com o efeito de e em uma dispersão material (FOUCAULT, 1996, p. 57⁶⁴, apud SILVA, A. ARAUJO, A. , 2015, p. 138).

A tatuagem se manifesta em um conjunto semiótico instável durante a história. O ato de tatuar-se pode ser a junção da metafísica do ser com a existência em um corpo. Transformar o corpo em decoração, imprimir memórias e afetos é decodificar uma teia de elementos desejantes. Tatuarse pode ser imprimir signos ao desejo oriundo da carne, carregados de potências afetivas e desejosas, interpelados pela razão, e que volta ao seu lócus de origem, o corpo. E efetiva-se como marca permanente. Tatuagem é o conjunto desenhado como um novo tecido decorando o corpo e no tecido existe a ideia de composição microfísica da matéria. O corpo é o “objeto da ideia que constitui a mente humana” (Espinosa⁶⁵, 1677/2008, p. 97 apud GLEIZER, 2005, p. 20).

Não conseguimos saber a potencialidade de um corpo, também não temos domínio da mente humana e de sua potencialidade. Mas, existe todo envolvimento corpóreo-afetivo-político quando se pensa em uma tatuagem, por mais que ela tenha sido planejada sem muita

⁶⁴ FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

⁶⁵ “Ética”, Parte II, Proposição XIII.

complexidade. Apesar de a tatuagem colocar um sujeito em um grupo - onde ela é uma maneira de identificação -, a mesma também singulariza, pois, cada corpo se afeta e existe de uma maneira diferente:

Os corpos se diferenciam de um ponto de vista dinâmico e cinemático, em que a maior ou menor complexidade das relações mantidas com os outros corpos define a maior ou menor potência relativa de um corpo. A distinção entre os corpos, assim como a individualidade dos mesmos, se dá pela proporção entre movimento e repouso, não pela quantidade de matéria, ou por uma diferença de natureza. A individualidade não é consequência de “uma mente que dá forma e unidade à matéria, mas implica em uma união de corpos segundo uma lei de composição” (PEIXOTO JUNIOR, 2009, p. 382 *apud* GLEIZER, 2005, p.25).

3.2 Desejos cartografados: o corpo que subjetiva em (des)dobras

As idas para a pesquisa de campo foram experiências incríveis. Fui com uma câmera filmadora e ideias na cabeça. Mas, como toda pesquisa, idealizamos demais e começamos com muitas certezas até cair nos fios caóticos e rizomáticos que são naturais a todo trabalho. Muitas vezes me questioneei sobre resultados e fui descobrindo que não o alcançamos, apenas cavamos mais fundo.

Nos quatro estúdios visitados foram experiências únicas, todas com a mesma trilha sonora, para além, óbvio, da música do ambiente, das falas e conversas, mas o principal: o barulho do motor da máquina de tatuar. Esse barulhinho é o que desperta ansiedade de quem está tatuando e de quem está sendo tatuado. O barulho da máquina de tatuar é o único elemento unânime dessa jornada. Saí disposta a cartografar subjetividades, mas encontrei linhas de fuga, rizomas, dobras e desdobras de desejos.

Cartografar é a possibilidade de intuir a inabilidade, a falta de aptidão dos sujeitos, em relação ao caráter trágico da existência. Impossível fugir completamente do emaranhado da existência, no máximo criar linhas adjacentes, que se configuram como pequenas explosões de fugas. O método de cartografia de Deleuze e Guattari “não deve ser constituído a partir de modelos estruturais prontos, com questões a priori, metas específicas e caminhos traçados” (JUNIOR, 2011, p. 55)⁶⁶. Acompanhar os processos de devires que compõem toda a tessitura do social, essa tessitura é o que existe, é o real, o molecular, e que é um fluxo contínuo de arranjos e desarranjos (*ibidem*, p.56).

⁶⁶ JUNIOR, JAM. Para uma análise cartográfica da subjetividade na escola a partir de Nietzsche, Deleuze e Guattari. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/index>. ISSN 1984-3879, SABERES, Natal – RN, v. 1, n.6, fev. 2011.

Quando entrevistei algumas pessoas, a pergunta que eu sempre fazia era: O que te motivou a fazer essa tatuagem? Qual seu desejo com ela? Por mais que eu pegasse a pessoa desprevenida, sempre havia um sentido para a feitura da tatuagem e sempre havia um desejo.

No estúdio de Alex⁶⁷, Vinícius e Carla disseram, quando questionados sobre a escolha das tatuagens, que, no caso deles, tatuavam um diamante para celebrar a amizade e Vinícius escolheu a escrita: “Nunca foi sorte, sempre foi Deus”. Disse: “Sempre gostei e o diamante foi de amizade, 10 anos⁶⁸”. Questionei-o sobre a tatuagem, reproduzindo um trecho de música, e sobre as outras que disse ter: “Eu gostei da música, muita gente já estava fazendo, aí falei: não, vou tatuar também”. Já contei para a família. Com essas aqui, dá seis tatuagens que eu tenho. Na batata da perna uma âncora. A do peito: coroa com escrito “mãe”. (*Sic*, *ibidem*, 2016).

Enquanto Vinícius me mostrava os desenhos, percebi que todos eram de estilo bem simples e com signos escolhidos que remetiam, até mesmo pela obviedade, aos seus desejos em relação ao que quer mostrar: a tatuagem como jogo gráfico se situa na substância e na metafísica do ser (LINS, 2001, p. 150⁶⁹) e os signos apontam para a figuração dos sujeitos. No mesmo momento, ele falou sobre a tatuagem da letra da música que *muita gente já estava fazendo*; refleti sobre a paisagem intrínseca nesse contexto: idealizou as pessoas com a mesma tatuagem, antecipou seu desejo com isso. Uma espécie de inveja do desejo alheio.

Essas tatuagens retiradas da internet, já prontas, com slogan “todos fazem, também quero” é um desejo marcado pelo raptó. Signos que são dádivas e delícias, mas que são sequestros. A possibilidade de deliciar-se com a mesma tatuagem, o desejo pela mesma paisagem, leva o indivíduo ao gozo momentâneo, mas fica a dúvida: e depois? Vinícius ainda celebra, no final da fala: “Porque gostei das tatuagens, gostei do desenho e falei: vamos tatuar”. (*Sic*, 2016).

Essa deliciosa confusão entre o que deseja e sobre o que seu corpo significa:

(...) uma dança sobre a terra, um desenho sobre a parede, uma marca sobre o corpo são um sistema gráfico, um geografismo, uma geografia. Essas formações são orais precisamente porque elas têm um sistema gráfico, independentemente da voz, que não se alinha sobre ela e não se subordina a ela, mas lhe é conectado, coordenado em uma organização de certa maneira radiante e pluridimensional. (DELEUZE, GUATTARI, 1976, *apud* LINS, 2001, p. 150).

⁶⁷ Estúdio Alucinação.

⁶⁸ VINICIUS. O entrevistado preferiu não se apresentar com nome completo. Mas, permitiu que o filmasse. (Junho, 2016). Entrevista captada por “*handycam*”. Um arquivo digital acompanhará esta dissertação com todas as gravações completas.

⁶⁹ LINS, Daniel. A memória tatuada – epifania corporal de ordem comunitária. REVISTA DEL CESLA No 2/2001. P 150 – 161.

Transformar o corpo em suporte de decoração e de desejo é entrar na codificação anarco-desejante dos fluxos maquínicos. São elementos de signos que resistem às teorias de representações. A tatuagem aparece como um duelo entre simétrico e assimétrico, e como economia muito viva de um gesto amoroso, de si para si, e de um desejo desdobrado, desterritorializado. (LINS, 2001, p. 152).

Outra entrevistada, já citada (aquela de quem manteve a identidade preservada por ser menor de idade e aqui é chamada de Carla), disse, enquanto fazia a tatuagem de diamante para celebrar sua amizade com Vinicius, quando questionei sobre sua família: “*não falei com ninguém*”. Este é o desdobramento de um desejo em tornar-se singular. Desterritorializa-se dos pilares familiares para desdobrar-se no que quer ser e para ligar-se ao outro. No caso, ao amigo.

É no próprio corpo que o sujeito se singulariza, é na pele que se encontra o tecido que dará pano para a (des)dobra subjetiva:

O corpo tatuado visto, pois como um livro, um tecido, um pergaminho, uma outra pele onde o sujeito desterritorializado produz sua própria lógica que funciona não como uma estrutura, mas como um processo que engendra e desengendra o gozo, gozos. Sistema semiótico, a tatuagem é uma tradução do corpo e de seu gozo: do traço tatuado à paixão incestuosa, é o desdobramento de uma escrita eufórica. É dela que depende a economia do texto e do prazer. (LINS, 2001. P. 152).

Por outro lado, o corpo também é o lócus de “constelações de provérbios” (ibidem, 2001), a letra da música que todos têm ou outros escritos que desejam compartilhar, como em uma rede social, só que na pele, permanentemente. Os tatuadores dizem: “Sai mais oriental. Palhacinho também. Nome... tatuagem comercial assim pequeninha”⁷⁰. Os demais tatuadores reafirmam:

Comercial... Nome escrito, tercinho, hoje em dia o pessoal quer o que está na moda... E a gente tem que fazer.
Não é só comercial, né?! To praticando, aprendendo mais.
Eles vêm com desenho pronto toda hora... Desenho pequeno.
Quero tatuar tal coisa.... Aí você tenta criar algo.... Aí ele fala.... Não, mas eu quero igual... está na internet. Então tá né. (sic)⁷¹

Bom, eu gosto muito de fazer preta e branca sabe..., mas o que mais sai é escrito, entendeu... Algo... Tipo tramos mais comerciais. Querendo ou não tem bastante procura.
Eu tento mostrar mais o tipo de trabalho que eu to praticando. Porque as pessoas vão começar a ver e começar a me procurar por aquilo, entendeu?
A pessoa traz o desenho da net e eu tento falar que vai ficar distorcido, por exemplo.... Aí eu pego, redesenho. Às vezes imprimo alguma coisa na hora

⁷⁰ RODRIGUES, Alex. Tatuador. Estúdio Alucinação. Junho de 2016. Uberlândia. Entrevista captada com “handycam”.

⁷¹ LARA, Jordana. Tatuadora. Estúdio Blessed. Julho de 2016. Uberlândia. Entrevista captada com “handycam”.

ali e trabalho em cima, mas eu sempre procuro bastante alterar a tattoo, entendeu?
Tentar chegar em um resultado bacana, tanto para mim quanto para o cliente.⁷²

A primeira tatuagem, de Ivan⁷³, o Fritex, foi o escrito no peito “*Fé em Deus que ele é justo*”. São escritas, que são signos hipervalorizados e vazios, mas que se são escolhidos e desejados significam muito. É um enigma do texto tatuado no corpo. É a desdobra de um “eu” gramatical (Ibidem, 2011, p. 152). É o desejo de ter na epiderme e no corpo potente a pessoa – e seu nome – tragada pelos poros. Ou uma armadura contra a solidão, um eu que deseja, para sempre, encontrar conforto no nome, provérbios ou frases tatuadas. Uma maneira de nunca estar só. A escolha da tatuagem e o desejo por ela se dá por meio de identificação:

Não há indivíduo que não esteja/seja constantemente uma relação com a alteridade, não há mente que não seja/esteja em constante relação com os outros. Muito pelo contrário, a capacidade simultânea de afetar e ser afetado está neste encontro constante entre interno e externo, e nele e por ele é construída a ampliação desta rede complexa produzindo novas complexidades, mais e mais relações, no mesmo indivíduo, isto é, quanto mais múltiplas e variadas forem as relações intra e extra-corporais, mais maneiras variadas este corpo terá ao seu dispor para dispor-se e com isso a manter sua proporção de movimento-reposo dos mais variados modos. Eis porque Espinosa não associa diretamente o afetar à atividade, nem associa diretamente a passividade ao ser afetado, pois um corpo/mente amplia suas relações internas e externas justamente por ser afetado e afetar, e disto decorre que pode ser tanto mais apto a ampliar sua potencia que, por sua vez, determinaria o poder de ser causa completa ou não parcial de seus efeitos, isto é, ser ativo ou passivo. (ITOKAZU, 2008, pp. 91-92 *ibidem* GLEIZER, 2005, p. 39).

Por mais que uma tatuagem copiada de outrem seja um rapto do desejo alheio, o rapto é provisório porque o desejo não se mantém intacto, ele se reatualiza de acordo com as experiências, mas o que prevalece é a potencia do afeto:

Desejar é, portanto, ter a capacidade de ser afetado/transformado pela experiência, isto é, viver transições e, assim, estar em movimento e participar de processos de afetação e singularização constantes. Na clínica, vemos que muitas vezes estes processos desejantes estão paralisados, de forma que ao sujeito não é possível entrar em contato com a exterioridade e transformar-se efetivamente com ela. Winnicott descreve estados em que um padrão de contato reativo com o ambiente se estabelece, de forma que o sujeito não se compõe com a experiência, apenas reage às solicitações externas. Aqui, procuramos entender a patologia como impossibilidade de afetar e ser afetado

⁷² JOSE, Igor. Tatuador. Tatuador. Estúdio Blessed. Julho de 2016. Uberlândia. Entrevista captada com “handycam”.

⁷³ Ivan, conhecido como Fritex. Perfurador de body piercings. Agosto de 2016. Uberlândia. Entrevista captada com “handycam”.

pela experiência e, portanto, impossibilidade de desejar e (re)criar-se através dos afetos. (Ibidem, 2005, p. 41).

O desejo é efeito de causalidade e é inconsciente. Quando a mente concebe uma ideia verdadeira, ela se alegra e o esforço em manter essa potência constitui o desejo. Esse esforço desejoso é viciante. Quando voltado para a tatuagem é interessante notar esse ciclo da manutenção - do retorno ao gozo. Tive uma conversa informal com um dos funcionários do Estúdio *Blessed*, chamado Cristian, 21 anos, ele disse:

Tenho sete tatuagens. A mais significativa é o nome da minha mãe. Tem também a que fiz para meu namorado. Fizemos juntos. A maior que tenho no braço foi a que fiz com mais desejo. Eu sou gay e no meu mundo você tem que ser bonito. Ser um homem bonito chama mais a atenção na boate. Quando cheguei na boate, final de semana, todos me olharam. No mundo em que vivo o homem tatuado é mais fácil para não ficar sozinho. No meu mundo é a estética que conta, me sentir mais confiante. O povo me olha por ser bonito, mas com tatuagem eu sou imponente. Quanto maior a tatuagem para mim, mais superioridade. A dor é difícil, mas no final é satisfatório⁷⁴.

Este é o desejo de estar sempre belo, ligado ao eu-narcísico. O sequestro permanente da potência positiva, mas que também aprisiona. O desejo é algo que transborda e não falta. Mas, esse transbordamento é provisório na contemporaneidade; os dispositivos já estão preparados para fazer transbordar apenas em um final de semana, na boate por exemplo. Apagaram-se os holofotes, é preciso aparecer na boate no próximo final de semana, diferente, mais bonito: tatuado. Sofrimento narcísico no lema atual: excessos e a singularidade a qualquer preço. Poderia ser, inclusive, um desligamento de seus verdadeiros desejos e anseios? Caniato & Nascimento (2010) concebem como “identificação imediata” o movimento da cultura, da sociedade e dos dispositivos em investir em nossa economia libidinal, nos orientando em direção à objetos que jamais teremos e que não nos retribuirão de maneira satisfatória. Então, confunde-se o real investimento do desejo, revolucionário, com os fluxos das máquinas desejantes programadas pela indústria cultural. Sendo assim, o indivíduo contemporâneo fica nessa busca constante de satisfação imediata dos desejos. Deve ser excesso e devemos transformar o real com esse excesso, se a falta sempre for encarada com a força motriz da sociedade que deseja como nunca desejou, aliás, a busca subjetiva será sempre em direção a um suposto desamparo. As autoras chamam esse movimento de “anti-narcisismo”⁷⁵.

⁷⁴ Ele apenas se apresentou com o nome de Cristian. Não quis que eu o filmasse e nem quis se apresentar muito. Permitiu que usasse seu relato, mas sem identificá-lo. Conversa informal.

⁷⁵ CANIATO, A.M.P. & NASCIMENTO, M.L.V. A subjetividade na sociedade de consumo: do sofrimento narcísico em tempos de excesso e privação. Arquivos brasileiros de psicologia, v. 62, n. 2. 2010.

Voltando para as tatuagens de Ivan, Fritex; enquanto me mostrava o dente do siso tatuado, vi uma tatuagem de um galo que representa a marca de temperos de determinada indústria alimentícia e questionei os motivos. Ivan disse: *“Esse aqui é o tempero né. Que “noi” tem. Tempero mineiro”*.⁷⁶ Sem contar a outra tatuagem da personagem de internet, como já mencionada nessa pesquisa, Ivan é a todo instante a dobra, a desdobra, a territorialização e desterritorialização de seus desejos.

Lins (2001) diz que a tatuagem é uma ferramenta para pessoas que possuem dificuldades para se expressarem através de outras linguagens. Pode ser, para se lembrarem de um dente que dói muito, a falta de coragem em arrancá-lo transforma-se em excesso de coragem em tatuá-lo: *“(...) esse dente do siso aqui ó” Deu vontade de arrancar ele, até hoje eu tenho os quatro né. É para eu lembrar de tirar ele. Tá aqui ó.”*⁷⁷.

Tatuar-se é um desejo desdobrado. Aquele que se desterritorializa, para fincar raízes em outra linha, que não é independente do todo, mas que ramifica em outra direção, que explode, mas cria mais um sustentáculo que fixa. Desdobra-se porque não atinge o objeto, mas cria-se outro sentido para ele. Desdobra-se na pele.

3.3 Corpos tatuados, com ou sem órgãos?

Quando afirmamos a reabilitação da estética de nossas existências, estamos dialogando com o conceito de corpo sem órgãos, de Deleuze e Guattari. É uma concepção de trabalho de si sobre si, processada com um conjunto de práticas que tem como finalidade a modificação criativa do próprio si. São teias e rizomas de resistências eficazes contra o abatimento do tecido social. Este comportamento direcionaria o processo subjetivo, a estética da existência, algo perturbador ao Estado Moderno, pois modos de vida considerados fugitivos da linha que se espera, normalizada.

Criar para si um corpo sem órgãos não é um conceito estritamente, mas uma prática, aliás, um conjunto delas. Decompor nossos corpos para não estarmos sujeitos docilmente aos campos do social. Trata-se da construção de um corpo voltado para a plenitude, intenso, de resistência para o desejo e para a própria vida. Praticamente, dar um grito contra as amarras dos dispositivos de controle e fluxos orgânicos moldados pelas máquinas desejanter. Esse devir “esquizo” difere da esquizofrenia patológica, constituindo-se naquela de dimensão revolucionária. Desterritorializar para o “fora” é para a fuga, que não cede ao controle.

⁷⁶ Ivan, conhecido como Fritex. Perfurador de body piercings. Agosto de 2016. Uberlândia. Entrevista captada com “handycam”.

⁷⁷ Ibidem, 2016.

Mas, tratando-se do corpo tatuado, em que medida desterritoriza-se sendo que não se é possível revolucionar-se no campo do desejo plenamente? Como experimentar esse caos sem se perder nele? A experimentação legítima do corpo e do desejo não pode perder de vista sua própria preservação. Não precisamos virar um farrapo humano para chegar à última instância das experimentações de devires do fora. Quando se trata de devires, a ligação é estreita com agenciamentos de desejos. Segundo G. Deleuze:

Os agenciamentos de desejo nada têm a ver com repressão. Mas, evidentemente, em relação aos nossos dispositivos de poder, não tenho a mesma firmeza de Michel (Foucault, acréscimo meu); fico indeciso, visto o estatuto ambíguo que eles apresentam para mim (...). De minha parte, diria o seguinte: uma sociedade, um campo social não se contradiz, mas ele foge, e isto é primeiro. Ele foge de antemão por todos os lados; as linhas de fuga é que são primeiras (mesmo que primeiro não seja cronológico). Longe de estar fora do campo social ou dele sair, as linhas de fuga constituem seu rizoma ou cartografia. As linhas de fuga são quase a mesma coisa que os movimentos de desterritorialização: elas não implicam qualquer retorno à natureza; elas são as pontas de desterritorialização nos agenciamentos de desejo. O que é primeiro na feudalidade são as linhas de fuga que ela supõe; o mesmo pode ser dito dos sécs. X-XIII; da formação do capitalismo. As linhas de fuga não são forçosamente "revolucionárias", podendo ocorrer o contrário disso, mas são elas que os dispositivos de poder vão colmatar, vão atar. Por exemplo, todas as linhas de desterritorialização que se precipitam em torno do século XI: as últimas invasões, os bandos de pilhagem, a desterritorialização da Igreja, as emigrações camponesas, a transformação da cavalaria, a transformação das cidades, que abandonam cada vez mais os modelos territoriais, a transformação da moeda, que se injeta em novos circuitos, a mudança da condição feminina com temas do amor cortês, que desterritorializam até mesmo o amor cavalheiresco... etc. A estratégia só poderá ser segunda em relação às linhas de fuga, às suas conjugações, às suas orientações, suas convergências e divergências. Encontro também aí o primado do desejo, pois o desejo está precisamente nas linhas de fuga, na conjugação e dissociação de fluxo. O desejo se confunde com elas.⁷⁸

O desejo está nas linhas de fuga. É quando a pessoa tatua sem a permissão da família, quando espera ansiosamente os 18 anos para fazer a tatuagem, é quando a mulher, mesmo sabendo que existem lugares em seus corpos que não são socialmente aceitos para tatuar, ela vai e tatua, marca e exhibe mesmo assim. Jordana Lara, tatuadora, diz sobre suas tatuagens:

Minha família... ninguém tem tatuagem. É uma agressão ao corpo por que você faz isso? Ficam meio sem entender. Passei a infância inteira na fazenda, meu pai é de fazenda. Não entende muito bem porque temos essa necessidade de desenhar, de colorir nosso corpo... A primeira tatuagem tive que esperar fazer os 18. A primeira que mais gosto.... Um pinguim na batata da perna. E a docinho tocando baixo na coxa. Eu era baixista, então a docinho tocando baixo.

⁷⁸ DELEUZE, Gilles. Désir et plaisir. Magazine Littéraire. Paris, n. 325, oct, 1994, pp. 3-4.

E a docinho por causa do desenho mesmo⁷⁹. O pinguim é porque sou fissurada em pinguim. Tenho três.

A esquizofrenia, pensada por Deleuze, não é a esquizofrenia criada pela indústria hospitalar e o saber psiquiátrico, mas o que seria esse corpo esquizofrênico? “A esquizofrenia, da qual estamos tratando nesse trabalho, é a condição universal do homem, enquanto um ser criador”⁸⁰. O corpo esquizofrênico é aquele que está permeado pelas linhas de fuga. Corpos tatuados são corpos que imprimem permanentemente nele linhas de fugas. A personagem de desenho que aparenta ser doce e forte, tatuado na coxa, o desdobramento da subjetividade de quem a tatuou: marcar na pele a presença da essência forte e doce.

Não podemos, inclusive, encerrar as tatuagens nos estudos dos campos psicanalíticos. Existem múltiplas relações desejosas, muitos fluxos, fios caóticos que costuram uma subjetividade e que permitem a um corpo se expressar da maneira que quer. Nem que seja para nem se lembrar do motivo. A questão é a desconstrução pessoal e uma maneira de refutar a ordem social vigente. Tatuou para me lembrar, mas tatuou-se para esquecer, ou podem ser motivações secretas:

Apego? Em todas. Eu gosto das do meu pescoço, das minhas mãos, do meu peito, da minha perna. Não tem como falar qual eu gosto mais... Eu gosto de todas. Tem fase de aperreio, tem fase de superação, tem fase bem complicada. Tem fase muito feliz. Então, não tem como te falar qual que eu gosto. Minha vida está nas minhas tattoos, tattoo é igual música cara...⁸¹.

Eu gosto de todas, na verdade. Que nem o Ozzy falou: cada uma conta uma fase da vida. (...) mas eu não sei a minha preferida. Nunca pensei sobre isso, né. Assim, às vezes eu vejo a tattoo eu lembro tudo o que estava acontecendo naquele momento. O que “tava” rolando na minha vida... Onde que eu tava... as pessoas que estavam no estúdio. Onde eu estava antes. Onde eu fui depois, saca...⁸².

O desejo não é algo dado previamente, como um movimento de dentro para fora. Ele vem de fora, de um acoplamento. Deseja experimentar, inventar, é um processo contínuo de produções simultâneas e imanentes com estados inéditos e estranhos. É carregado de intensidade. Desejar é passar por devires. Porém sabemos que o desejo também não se restringe a apenas o que nos é apresentado aos cinco sentidos, vai além do que podemos prever, pois é

⁷⁹ Referência à personagem Docinho do desenho animado As meninas Superpoderosas.

⁸⁰ DELEUZE, G. e GUATTARI, F. O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Georges Lamaziere. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976, p. 19.

⁸¹ MORAIS, Wakeman Ozzy. Tatuador Estúdio Tinta Preta. Julho de 2016. Entrevista captada por “handycam”.

⁸² NAKANE, Caio. Tatuador Estúdio Tinta Preta. Julho de 2016. Entrevista captada por “handycam”.

composto de singularidades; dessa forma, uma mesma visão de tatuagens pode ser agenciada por uma multiplicidade de sentidos⁸³.

Mesmo quando se deseja marcar permanentemente, pode ser que haja o desejo de apagá-las. Não é à toa que a procura por estúdios que fazem a remoção de tatuagens é grande. Apenas um dos estúdios pesquisados possui a máquina a laser para a remoção da tatuagem, o estúdio *Blessed* que fica em shopping de Uberlândia. Tive uma conversa com o Igor, que já foi apresentado aqui nessa pesquisa como tatuado/tatuador e agora retorna para a cena como um tatuador que faz a remoção e um tatuado que está passando pelo processo de remoção:

A máquina é tipo um pontilhado. Meio que reconhece o pigmento, é uma máquina mais avançada.... Assim muito mais rápido. As pessoas tiram as tatuagens... mais é arrependimento de uma tatuagem que ela não gosta... Mais um nome de alguém que não faz mais parte da vida dela, que quer tampar e, às vezes, não tem uma ideia legal para cobrir... Entendeu... Não vai ficar na superfície legal⁸⁴.

Nicholas, tatuador da extinta “Sala 3”, fala sobre cobertura de suas tatuagens: “Eu tenho várias, mas eu tenho *tattoo* que eu cobriria (me mostrou uma gueixa na canela rapidamente). Porque não ficou do jeito que eu queria (...) gosto de tradicional, oriental...quero uma que vai ficar na pele”. Quantas linhas de fugas não são traçadas nesse processo caótico de subjetivação? Inúmeros fios que são rizomáticos, mas são ligados entre si, sobre linhas de fuga, são:

(...) vetores de desorganização ou de desterritorialização; fugir é entendido em dois sentidos: perder a estagnidade ou a clausura; esquivar e escapar. Fugir não consiste em sair da situação para ir embora, mudar de vida, evadir-se; implica, obrigatoriamente, uma redistribuição dos possíveis que desembocam numa transformação ao menos parcial, improgramável, ligada à imprevisível criação de novos espaços-tempos, de agenciamentos institucionais inéditos; fazer fugir algo, fazer fugir um sistema (DELEUZE; PARNET, 1998).

As tatuagens são dispositivos para as linhas de fugas. Desterritorializações absolutas. Ou seja, criar constantemente novos territórios baseados nos fluxos desejantes. Deleuze e Guattari fazem uma ode para a criação do que eles chamam de *corpos sem órgãos*. Para sobreviver frente aos fluxos confusos e constantes das máquinas desejantes é necessário, para não sermos engolidos pelos excessos, criar um corpo intensivo: “Não se trata de sentir o desejo

⁸³ GUATTARI, F; ROLNIK, S. Micropolítica: Cartografia do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

⁸⁴ JOSE, Igor. Tatuador estúdio *Blessed*. Agosto de 2016. Igor além de fazer a remoção das tatuagens nos clientes, ele estava passando pelo processo de remoção de tatuagens que tem no braço. Na entrevista ele me justificou dizendo que eram tatuagens “toscas” feitas há muitos anos quando era adolescente e ele e os amigos mexiam com máquina caseira de tatuagens.

como falta interior, nem retardar o prazer para produzir um tipo de mais-valia exteriorizável, mas, ao contrário, de construir um *CsO*⁸⁵ intensivo, (...) um campo de imanência onde nada falta ao desejo e que, assim, não mais se relaciona com critério algum exterior ou transcendente”. (DELEUZE & GUATTARI, 2008, p.19)⁸⁶

Pensar em corpos sem órgãos é pensar na mesma direção da questão espinosiana: como criar um corpo de intensidades no plano de imanência? O *corpo sem órgãos* é uma prática antes de ser qualquer conceito ou noção.⁸⁷ Exige, antes de tudo, uma prática. O corpo não se define pela forma dos órgãos, nem pela funcionalidade biológica, embora faça parte, mas pelo movimento e repouso de suas partículas e pela capacidade de afetar e ser afetado. E essa função não é dada apenas pela mente, mas pelo conjunto, como já alertava Espinosa: o conceito de *CsO* é tributário da *Ética*, ou especificamente das proposições cinéticas e dinâmicas do corpo. Para isso, remete ao conceito de *conatus*⁸⁸; na proposição 18 da Parte IV da *Ética*, Espinosa define o *conatus* como o próprio desejo: “o desejo é a própria essência do homem, isto é, o esforço pelo qual o homem se esforça por perseverar no seu ser” (ibidem, 2008).

Criar para si um *corpo sem órgãos*:

Não se trata de sentir o desejo como falta interior, nem retardar o prazer para produzir um tipo de mais-valia exteriorizável, mas, ao contrário, de construir um *CsO* intensivo, (...) um campo de imanência onde nada falta ao desejo e que, assim, não mais se relaciona com critério algum exterior ou transcendente. (DELEUZE&GUATTARI, 2008, p. 19).

Nestes termos, a realização do desejo como forma de intensificação da potência não significa preencher uma falta ou um fantasma posto pelo Eu como meio para reencontrar a si-mesmo, mas, antes, uma prática antipsicanalítica. A intenção de criar para si um *CsO* é transformar o corpo em grande potência, de devires intensos e afetos. Possibilitar que transformemos nossos corpos como ser de passagem dos devires intensivos do desejo, ou seja, possibilitar para si a autonomia da autoprodução da potência de criar corpos e movimentos livres dos fluxos e mediações do biopoder. Indubitável que a tatuagem, até as que são desprovidas de grandes reflexões quanto à sua escolha e outros cuidados, será particular, porque é única, foi desejada por fluxos complexos que constituem um ser humano e que o singulariza e também o potencializa.

⁸⁵ Abreviação de “corpo sem órgãos”.

⁸⁶ DELEUZE & GUATTARI. "Como criar para si um corpo sem órgãos". In Mil Platôs. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alli. São Paulo: Ed. 34, 2008.

⁸⁷ DELEUZE & GUATTARI. "Como criar para si um corpo sem órgãos". In Mil Platôs. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alli. São Paulo: Ed. 34, 2008.

⁸⁸ ESPINOSA. Parte III. *Ética*. 2008. p.7-8.

Alcançar a subjetividade na imanência, assumir um inconsciente molecular que ignora a castração (noção de desejo como falta, da concepção freudiana) e toda forma de representação, está em oposição direta à produção de subjetividades capitalísticas. (GUATTARI; ROLNIK, 2013).

Por que transgredir é importante? Criar linhas de fuga? Corpo sem órgãos? Por que tatuar-se, fazer-se por meio desse desejo, é importante? E por que fazer isso de maneira genuína é mais importante? Porque para Deleuze, está claro que as fábricas do capitalismo também produzem corpos organizados. Até para direcionar nossos desejos para a epiderme é necessário dar vazão ao desejo genuíno, porque, caso contrário, continuará preso nas teias das máquinas capitalistas. Criar para si um *CsO* é sair fora do padrão de subjetividade idealizado pelas máquinas desejantes intrínsecas ao capitalismo. A luta travada não se restringe ao campo da economia política, mas abrange o espaço da economia subjetiva (*Ibidem*, 2013).

A tatuagem, claro, não conseguiu se isolar das intenções da indústria cultural. Segundo Simmel: “Assim, o tipo metropolitano — que apresenta mil modificações individuais — cria para si um órgão protetor contra perturbações profundas com as quais as flutuações e descontinuidades do meio exterior o ameaçam. ” (Simmel, 1971, p. 326). Ou seja, Simmel não celebra com muita alegria o caminho da cultura moderna, ruptura constante de limites e *formas*, já que ele se constitui no “trágico” e na “ilusão” do mundo moderno, pois existe a falsa ilusão de existir fora de formas culturais. A sociedade, segundo Simmel, é uma complexa rede de interação entre indivíduos, impulsionada por diversas motivações como paixão e desejo. Simmel concebe o desejo e a paixão como elementos constituintes das matérias e conteúdos da vida social e cultural:

Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeras outras situações fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles. Essas interações significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidades formam uma unidade — mais exatamente, uma sociedade (SIMMEL, 2006, p. 60).

Ela, a cultura e suas formas, são dispositivos que interpelam as escolhas e os processos desejantes para tatuar-se. Mas, ainda é possível debruçar-se, como vimos, sobre motivações secretas que levaram cada um a tatuar-se:

Resta a dimensão estética, diria. Mesmo se em si, essa dimensão traz pouca informação sobre o indivíduo tatuado: quer dizer o caráter indispensável de uma abordagem antropológica e notadamente esquizoanalítica, como maneira

de aprofundar as motivações secretas de cada um, de um ato que, por ter-se tornado individual, existe, porém, desde o tempo em que o homem tem uma história. Se é preciso não limitar o estudo da tatuagem a um psicologismo apressado, nem reduzi-lo a uma única interpretação psicanalítica, seria triste colocá-la numa estrutura retirando da tatuagem suas múltiplas relações e produções subjetivas. Seja como for a imposição de uma marca é hoje excepcional e só se aplica àqueles inseridos num determinado estatuto ou que, por rebelião individual, seriam tentados a refutar a ordem social. Mas, com o nascimento da democracia, o princípio de integridade corporal vai encontrar novas justificações ideológicas, novas produções de subjetividades capitalistas. (LINS, 2001, p.161).

Não podemos permitir que as “forças negativas” da moral tirânica que faz cindir nosso ser, encurralem nossos desejos para um canto sem luz, como algo sujo e pecaminoso, pois quando não se dá evasão aos desejos – sempre respeitando os limites da carne e da existência – ele transforma nosso corpo em menos potente. “É assim que a moral tem criado homens partidos, consciências tristes ou hipócritas; e o fato é que ainda não saímos da moral enquanto não criamos novas maneiras de ser, de sentir e de viver.” (Schöpke, 2017, p. 299) ⁸⁹.

O *CsO* é exatamente o fim dessa cisão. Porque enquanto o desejo for colocado no ostracismo do limbo pecaminoso, o corpo vive partido, esfacelado, sem maneiras de conciliar-se consigo mesmo. “É preciso que o *CsO* seja uma resposta ao corpo que grita, à vida que não pode mais, ou seja, que ele represente a libertação da vida que foi encurralada em nós desde a mais tenra infância, e não a sua destruição.” (ibidem, 2017, p. 301). É preciso sempre desejar, e todas as pessoas que se tatuam desejam algo, raso ou profundamente. Mas, desejam.

Desejar é desterritorializar para construir sempre outras paisagens. Tatuarse é desterritorializar-se para depois se territorializar novamente. Abrir mão, por exemplo, de valores familiares e religiosos, para imprimir na pele signos que simbolizam força e potência pessoais: a personagem Docinho do desenho animado, escolhido por Jordana, que se caracteriza como doce e brava. “Passar e fazer os fluxos conjugados, desprender intensidades contínuas para um *CsO*. (...) Todo um ‘diagrama’ contra os programas ainda significantes e subjetivos”⁹⁰.

UMA GUINADA À PROFANAÇÃO

⁸⁹ Schöpke, R. Corpo sem órgãos e a produção da singularidade: A construção da máquina de guerra nômade. Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 29, n. 46, p. 285-305, jan./abr. 2017

⁹⁰ DELEUZE, G. e GUATTARI, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Aurélio G. Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 25.

O corpo, indubitavelmente, é espaço de disputa porque é o lócus da existência, onde habitam a razão, os afetos, desejos e onde, somente, se subjetiva. O corpo, inclusive, nessa disputa, transita entre o sagrado e o profano. A contemporaneidade gera condições que permitem a máxima sacralização desse corpo. Como? Gerando ideais de corpos que levam à frustração, inclusive. Frustração porque são corpos domáveis, perfeitos, saudáveis e onde a gordura, algoz da sociedade narcísica, é vista como a mais elementar inimiga – da saúde e da estética. É quase lisérgico sobreviver no mundo materialista, narcisista e extremamente consumista. Lisérgicos porque os corpos se tornam híbridos e destituídos de sentido, que não seja a idealização do corpo torneado e milimetricamente trincado. Sobreviver a essa catatonia da era do corpo perfeito exige de nós uma ética corporal que transcenda essa obsessão. A boa notícia é que o grito do momento que ecoa é a liberdade/equidade de ser e existir da maneira que queremos.

Neste momento, faz-se necessário atentarmos ao conceito de sagrado. É um conceito que volta e meia toma outros rumos e constantemente é ressignificado. Mas, antes de tudo, vale salientar, que o corpo está submetido ao crivo tanto do sagrado como do profano, pois o corpo – a corporeidade – institui a cultura de uma época e carrega sensações e emoções. O corpo é político. Quando se trata do sagrado e suas manifestações, não podemos nos deter apenas em seus significados cristãos e eclesiais. O sagrado no campo religioso é revestido de ritos, símbolos, sacrifícios e mitos. Segundo Giorgio Agamben⁹¹, o sagrado é aquilo que é separado do uso comum dos homens, não é vendido e pertence ao campo do divino e transcendental. Em suma, é um processo de encantamento.

Para Mircea Eliade⁹², o indivíduo experimenta o sagrado na medida em que se opõe ao profano. Então, se o sagrado é aquilo que está separado do uso comum, o profano inspira justamente o comum, aquilo que não está separado para uma esfera transcendental. Segundo Agamben (2007, p. 57), o que torna algo sagrado são a sua consagração e o sacrifício, que deslocam esse objeto comum do uso do homem e o coloca na esfera do sagrado, através de rituais minuciosos de passagem.

O corpo aqui é visto como um dos elementos principais que sofre, carrega, apreende, suporta e é lugar de potência e poder. Esse poder dialoga incessantemente com o instantâneo, ele precisa ser a todo o momento renovado para ficar mais forte e controlador. O corpo é lugar

⁹¹ AGANBEN, Giorgio. Profanações. Tradução e apresentação Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

⁹² ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

de poder e, também, de resistência. O corpo é lugar que comunica com outros corpos e com tatuagens:

(...) o deslocamento do indivíduo se encontra condicionado por uma série de choques e conflitos, sobretudo visuais. Afirma que a superabundância de imagens e impressões nas grandes cidades arranca do sistema nervoso, pela rapidez e intensidade de sua alternância, respostas violentas, submetendo-o a choques tais que o homem usa suas últimas forças e não consegue se reconstituir. (SCOCUGLIA, 201, p. 401).

O corpo compreendido enquanto contenção de energia é corpo que vibra e emana: “Puro, profano, livre dos nomes sagrados, é o que é restituído ao uso comum dos homens. Mas o uso aqui não aparece como algo natural; aliás, só se tem acesso ao mesmo através de uma profanação” (ibidem, 2007. p.58).

O rito enquanto constituinte elementar do sagrado e do profano seria um comportamento mimético dos deuses. Ritualizamos porque queremos imitar os deuses; chegar mais próximo do contato com o divino. O corpo na contemporaneidade seria como o altar que recebe o rito. Sacralizamos os corpos porque almejamos sermos deuses; profanamos os corpos pelo mesmo motivo. Acrescentemos a essa realidade a condição humana. Condição esta que nos remete sempre, incansavelmente, à vontade de poder e que nos angustia e nos deixa ansiosos. Os ritos servem para aliviar a alma e o corpo de condições angustiantes *primevas*. Se a alma grita, o corpo padece. Se a sufocarmos, o corpo padece. Se exagerarmos, o corpo padece.

Para atender as exigências da alma aflita e do corpo que precisa potencializar, verificamos o aumento significativo de academias de ginásticas, danças, clínica de massagens, estúdios de tatuagens e de práticas de modificações corporais – nessa categoria verificamos desde cirurgias estéticas em busca de rejuvenescimento quase religioso, lipoaspiração e até modificações corporais consideradas mais extremas.

O corpo, que na visão cristã é o templo intocável da alma, é o templo sagrado, nossa morada, agora ele é manipulável, o sentido de transcendental da alma agora é exercida na corporeidade, já que é na satisfação do resultado que se encontra o sentimento de plenitude, desejo este que parece acompanhar o ser humano desde seus primórdios.

Profanar os corpos é preciso. Mas, antes, é melhor elucidar o sentido do profano:

A profanação implica, por sua vez, uma neutralização daquilo que profana. Depois de ter sido profanado, o que estava indisponível e separado perde a sua aura e acaba restituído ao uso. Ambas as operações são políticas, mas a primeira tem a ver com o exercício do poder, o que é assegurado remetendo-o a um modelo sagrado; a segunda desativa os dispositivos do poder e devolve ao uso comum os espaços que ele havia confiscado. (Ibidem, 2007, p. 61).

Em nosso tempo, estamos subordinados a uma exaltação longínqua e a um sonho faustiano⁹³ de expressão de juventude eterna e potência. Potência muitas vezes desconhecida, pois essa corrida ao ideal do corpo acaba sobrepujando o que há de mais elementar na tríade contemporânea: um ideal ético-estético-político.

Os dispositivos de poder em nossa sociedade contemporânea exercem tão bem suas influências *mandamentais* que se confundem com os mandamentos sagrados religiosos que ditam as regras ao assujeitamento do indivíduo. A plenitude espiritual, neste caso, vem ressignificada de satisfação de domínios dos corpos: se eu me tatuo, se eu consigo fazer dieta, se eu faço exercícios pesados, enfim, quanto mais controle, mais sensação plena o sujeito tem em relação ao seu corpo e ao domínio sobre ele. Essa lógica coincide com a do pensador da religião Charles Taylor⁹⁴: a plenitude é um poder, se conseguimos dominá-lo, estamos plenos e é obvio que a razão instrumental apenas nos dá a sensação de plenitude quando na verdade, muitas vezes, podemos estar caminhando a passos largos para o trajeto contrário, característica inerente da pós-modernidade. Segundo Debord:

A satisfação que a mercadoria abundante já não pode dar no uso começa a ser procurada no reconhecimento de seu valor como mercadoria: é o uso da mercadoria bastando a si mesma. Para o consumidor é a efusão religiosa diante da liberdade soberana da mercadoria”. (DEBORD, 2002, p. 67).

Podemos aproximar a noção de profanação de nossos corpos com o conceito de *heterotopia*, de Michel Foucault. A vida, segundo Foucault, é comandada por espaços sacralizados e a *heterotopia*, ao contrário da utopia, que indica um lugar que existe e é fixo, designa espaços que estão fora dos lugares aceitos. O corpo do tatuado é um corpo heterotópico na medida em que se desvia do que é esperado, do espaço planejado:

É, porém, necessário notar que o espaço, o que nos surge como horizonte das preocupações, teorias e sistemas, não é uma inovação; o espaço em si tem uma história na experiência ocidental e é impossível esquecer o nó profundo do tempo com o espaço. Podemos dizer de uma forma muito simplista de traçar a história do espaço, que durante a Idade média existia um conjunto hierárquico de lugares: numa primeira instância os lugares imediatamente associados à vida real do homem, com as dicotomias entre lugares sagrados e profanos, lugares protegidos e lugares expostos, lugares urbanos e lugares rurais; nas teorias cosmológicas, existiam os lugares supracelestiais, opondo-se aos celestes e estes, aos terrestres. E ainda havia também lugares onde certas coisas eram colocadas porque tinham sido deslocadas, por sua vez, de uma forma violenta, e, pelo contrário, lugares onde as coisas encontravam as suas base e estabilidades naturais. Estas oposições e intersecções de lugares formavam uma hierarquia acabada e é o que nós podemos indicar, ainda que muito imperfeitamente, como espaço medieval: o espaço em que cada coisa é

⁹³ No sentido do personagem de Goethe, Fausto. O mito fáustico é um problema da modernidade, por excelência.

⁹⁴ TAYLOR, Charles. Uma era secular. São Leopoldo: UNISINOS, 2010.

colocada nos seus sítios específicos, o espaço da disposição. (FOUCAULT, 1984)⁹⁵.

Foucault argumenta que o espaço do outro foi esquecido pela cultura ocidental e *heterotopia* quer dizer justamente isso: o espaço do outro. A modernidade em sua busca pelo uno, o universal, sobrepujou o “outro”, o ostracismo, fez tábula rasa do diferente e da multiplicidade “A época atual seria talvez de preferência a época do espaço. [...] Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama” (ibidem, 1984). O corpo, então, tornou-se (ou deveria tronar-se) um espaço heterotópico.

Quando nos perguntamos se há algo de transcendente nas pessoas, estas modalidades, ao menos, tentam ocupar o espaço de algo que faça nossas consciências transcender. Essa sensação de “nunca chegar a ser” que a sociedade contemporânea promove é o que coloca nossos corpos num lugar improfanável. Pois, os ideais ditados pelo sistema capitalista são inalcançáveis, fazendo com que tramitemos do sagrado para o profano sem profanar nossos corpos de verdade, pois o ideal é inatingível:

O capitalismo opera os fluxos com a condição de os introduzir numa máquina não mais de código, e sim numa máquina axiomática, cujo limite é determinado pelo valor do lucro. O capitalismo só permitiria as desterritorializações até um certo limite para depois reterritorializar tudo. (BRANCO, 2006, p. 96)⁹⁶.

Corpos tatuados: da mesma maneira que os manipulamos e os furamos, torturamos, fazemos cortes e rasgos, jamais conseguimos chegar ao ideal, mesmo porque esses corpos do mercado desonesto da beleza são inatingíveis e, mesmo que conseguimos chegar perto de uma idealização, nossa vontade de poder já transmutou nossos desejos, fazendo com que queiramos modificar nossos corpos cada vez mais. A contemporaneidade coloca o “ter” em detrimento do “ser”.

Ainda sobre o sagrado, é preciso considerar que o ser humano está sempre tentando experimentá-lo mesmo que nunca o alcance, é o vazio da angustia criada que sempre precisa ser preenchido. O corpo físico é o corpo que experimenta o sagrado; um sagrado fora do contexto, um sagrado com o mesmo significado Benjaminiano: o capitalismo é como uma

⁹⁵ FOUCAULT. M. De outros espaços, Heterotopia. Conferência proferida por Michel Foucault no Cercle d'Études Architecturales, em 14 de março de 1967 (publicado igualmente em Architecture, Movement, continuité, 5, de 1984).

⁹⁶ BRANCO, C.F. Máquinas desejanter e modos de vida: a concepção de desejo no anti-Édipo de Deleuze e Guattari. Dissertação apresentada ao departamento de pós-graduação em filosofia da Universidade Gama Filho como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em filosofia; 2006.

religião. Entender isso significa atentar a todos os tentáculos dos dispositivos capitalistas, inclusive o domínio sobre nossos corpos, sobre nossos devires e ainda sobre nossos gêneros. Na sociabilidade há um processo que a torna um fim em si mesmo. Forma e conteúdo se fundem e se definem, constituindo um fenômeno social que prescinde de uma razão, interesse ou motivação extrínseca para sua ocorrência no interagir entre os indivíduos. Mas, por que é necessário dar vazão a um desejo revolucionário e refletido? Dialogando com G. Simmel e Deleuze, Jovanka Baracuhy Cavalcanti Scocuglia aponta:

As condições de vida moderna criaram as situações, formas e necessidades específicas de comportamento e sensibilidade, um modo de vida que exerce influência sobre a consciência dos homens. O verdadeiro bombardeio de imagens a que são submetidos ao saírem às ruas não pode ser acompanhado pela consciência, nem sua capacidade de lhes atribuir sentidos. Diante do fluxo intenso de imagens e sua variedade nas metrópoles, o indivíduo reage como o faz no interior dos transportes públicos ou em outros locais quando se vê colocado em uma situação de proximidade excessiva, variável e relativamente demorada ante os outros: impossibilitado de reagir com a energia apropriada ou de manter contato com elas, ele apenas deixa fluir, se distancia do que está próximo demais, transformando o contato com o estranho suportável e corriqueiro. O anonimato e a impessoalidade, quando o indivíduo se esconde por trás do grupo, são também parte da objetividade característica da vida nas metrópoles. (Scocuglia, 2011, p. 399)⁹⁷.

Essa ode à profanação, ou seja, ao uso do corpo e à criação de um *corpo sem órgãos* exige prudência:

(...) sem prudência, não se cria um CsO pleno, revolucionário. A prudência, como sabemos, é o próprio agir deliberado, refletido, pensado. Ter prudência significa ter cautela, medida, e isso implica em saber avançar e recuar, em saber escolher o melhor para si, implica em expansão, mas também em contenção, ou seja, implica no governo de si. É por isso que defendemos aqui que, ainda que se trate da produção do corpo, o corpo não pode ser pensado como algo desconectado do pensamento. Porque ter prudência, no fundo, consiste simplesmente em saber escolher o que nos fortalece e o que nos enfraquece, como nos ensina a *Ética* de Espinosa. Afinal, o que fortalece o corpo, fortalece o espírito e vice-versa. Sabemos que algo vai muito mal em nossos desejos quando eles nos despotencializam e nos matam paulatinamente ao invés de nos tornar mais vigorosos e plenos para a vida. (SCHÖPKE, 2017, p. 302).

Procurei aqui compreender os corpos desejantes, que marcam seus afetos e histórias em seus corpos, onde também tive participação: como disse, fiz duas tatuagens durante este processo. Elas estão em meu corpo lembrando-me desse momento que foi a pesquisa e escrita dessa dissertação. São monumentos de desejo, memória e esquecimento. Entretanto, impossível

⁹⁷ SCOCUGLIA, J.B.C. Cultura e urbanidade: da metrópole de Simmel à cidade fragmentada e desterritorializada. Cad. Metrop., São Paulo, v. 13, n. 26, pp. 395-417, jul/dez 2011.

localizar subjetividades pontualmente. Cartografar é trazer algumas noções no interior emaranhado caótico e, muitas vezes, sem sentido que são as subjetividades. Não há explicação para o que sentimos, apenas uma ideia.

Olharei para as minhas tatuagens e sempre me lembrarei dos laços que construí nesse processo e de quanto desejei: transbordei aqui no papel, nas ideias e em minha pele. Dessas linhas saíram muitas linhas de fuga. Criar-se na singularidade é permitir-se ramificar-se em linhas, que são essas: as linhas de fuga. Todos que aqui foram citados transbordaram de si e para si.

ANEXO: Estilos de tatuagens citadas no capítulo II

Figura 6 – Representação de Tatuagem Old School

INCLUDEPICTURE "http://universoretro.com.br/wp-content/uploads/2017/05/tattoo-
oldschool-navio.jpg" * MERGEFORMATINET INCLUDEPICTURE
"http://universoretro.com.br/wp-content/uploads/2017/05/tattoo-oldschool-navio.jpg" *
MERGEFORMATINET



Fonte: <http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Comportamento/noticia/2014/09/guia-da-tatuagem-conheca-diferentes-estilos-de-desenho.html>

Figura 7 – Representação de tatuagem Old School



Fonte: <http://birdsandsongs.com/kim-anh-nguyen/>

Figura 8 – Representação de Tatuagem Estilo New School

INCLUDEPICTURE "http://s2.glbimg.com/UUEV9u3TZAAtmg-wH82Wk7WANvdo=/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2014/09/30/newschool1.jpg" *
MERGEFORMATINET INCLUDEPICTURE "http://s2.glbimg.com/UUEV9u3TZAAtmg-wH82Wk7WANvdo=/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2014/09/30/newschool1.jpg" *



MERGEFORMATINET

Fonte: <http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Comportamento/noticia/2014/09/guia-da-tatuagem-conheca-diferentes-estilos-de-desenho.html>

Figura 9 – Representação de Tatuagem Estilo Chicana

INCLUDEPICTURE "https://fabiobaccega.files.wordpress.com/2016/03/chicano-tattoos-full.jpg?w=419&h=408" * MERGEFORMATINET INCLUDEPICTURE "https://fabiobaccega.files.wordpress.com/2016/03/chicano-tattoos-full.jpg?w=419&h=408" * MERGEFORMATINET



Fonte: <https://fabiobaccega.wordpress.com/2016/03/31/estilos-de-tatuagem-chicana/>

Figura 10- Representação de tatuagem realista

INCLUDEPICTURE

"http://s2.glbimg.com/H6CU9GG0tXyszEU2x9umtQ_v2nA=/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2014/09/30/fotorealismo1.jpg" * MERGEFORMATINET INCLUDEPICTURE

"http://s2.glbimg.com/H6CU9GG0tXyszEU2x9umtQ_v2nA=/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2014/09/30/fotorealismo1.jpg" * MERGEFORMATINET



Fonte: <http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Comportamento/noticia/2014/09/guia-da-tatuagem-conheca-diferentes-estilos-de-desenho.html>

Figura 11 - Representação tatuagem 3D

INCLUDEPICTURE "http://tatuagemideas.com/wp-content/uploads/2015/06/tatuagem-3d-2.jpg" *
MERGEFORMATINET INCLUDEPICTURE "http://tatuagemideas.com/wp-
content/uploads/2015/06/tatuagem-3d-2.jpg" * MERGEFORMATINET



Fonte: <http://tatuagemideas.com/tatuagem-3d/>

Figura 12- Representação de tatuagem técnica aquarela



Fonte: <http://modasemcensura.com/watercolor-tattoo-inspiracoes-de-tatuagem-em-aquarela/>

Figura 13 – Representação de tatuagem Maori



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/232146555763980563/?lp=true>

Figura 14 – Membro da gangue Mara Salvatrucha



Fonte: <http://www.renegadetribune.com/mara-salvatrucha-ms-13-gang-major-players-sex-slave-trafficking/>

Figura15- Membro da gangue Barrio 18



Fonte: <http://crimtrans.usal.es/?q=noticias&page=5>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABONIZIO, Juliana. FERNANDES DA FONSECA, Ana G. Mendes. Modificação Ritual do Corpo: Dor, Morte e Nojo nos Freak Show's. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. e-cadernos CES, 08, 2010: 49-61. ARENDT, Hannah. A Condição Humana. 10º ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2000. <https://doi.org/10.4000/eces.459>
- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo e outros ensaios. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- _____. Profanações. Tradução e apresentação Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ARAUJO, Leusa. Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo. Cosac Naif. 2005
- BARRENECHEA, Miguel Angel de. Nietzsche: Corpo e Subjetividade. In: O percevejo On line. Volume 03 – Número 02 – agosto-dezembro/2011
- BLOCH, Marc. Apologia da História. Rio De Janeiro, Jorge Zahar. 2001.
- BOURDIEU, Pierre. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- _____. Esboço de auto-análise. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. O senso prático. 3ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2013a.
- _____. A distinção – crítica social do julgamento. São Paulo, Editora Zouk/Edusp, 2013b
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. Além da pele: um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo. Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre. IFCH – UNICAMP. Campinas. 2006.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CANIATO, A.M.P. & NASCIMENTO, M.L.V. A subjetividade na sociedade de consumo: do sofrimento narcísico em tempos de excesso e privação. Arquivos brasileiros de psicologia, v. 62, n. 2. 2010
- CASTORIADIS, Cornelius. As encruzilhadas do labirinto IV: A ascensão da Insignificância. São Paulo: Paz e Terra, 2002. COSTA, Ana. Tatuagem e marcas corporais: atualizações do sagrado. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- CHAUÍ, M. Espinosa, uma filosofia da liberdade. São Paulo: Ed. Moderna, 1995.
- DEBORD, G., A Sociedade do Espetáculo, Tradução de Estela dos Santos Abreu, Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995a. v. 1.

_____. Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995b. v. 2

_____. Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. V. 3

_____. Félix. _____. Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997a. v. 4

_____. Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997b. v. 5

_____. Félix. O que é a Filosofia? 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. 2 ed. Tradução: Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, G. Conversações. Rio de Janeiro: 34 1992. (Col. TRANS)

_____. A Dobra: Leibniz e o Barroco. Campinas, SP: Papirus, 1991.

. _____. Espinosa e os Signos. Porto, Portugal: Rés. 1970.

_____. O Anti-Édipo. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. Lógica do Sentido. São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. Nietzsche. Lisboa: Edições 70, 1994.

_____. A imanência, uma vida... Disponível em <<http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero11/xiii.html>>. Acesso em junho. 2017.

DELEUZE, G. Conversações. 1990. São Paulo. Ed. 34. 1992

DELEUZE, G. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G. PARNET, C. O Abecedário de Gilles Deleuze. Entrevista em vídeo. França, 1988.

DELEUZE, G. PARNET, C. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE & GUATTARI. "Como criar para si um corpo sem órgãos". In Mil Platôs. Vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alli. São Paulo: Ed. 34, 2008.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, N. O processo civilizador. Rio de Janeiro. Jorge ZAHAR. 1994

ESPINOSA, B. Ética. Trad. Tomaz Tadeu. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2008

FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion Santana, VAINFAS, Ronaldo (orgs). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997

FAYET JÚNIOR, Ney; FERREIRA, Martha da Costa. O fenômeno *marero* na América Central: uma abordagem criminológica de seus pressupostos existenciais. Porto Alegre: Núria Fabris Editora, 2012.

FERREIRA, Vítor Sérgio. Marcas que Demarcam: Corpo, Tatuagem e Body Piercing em Contextos Juvenis. Lisboa: ISCTE, 2007. Tese de doutoramento.

FOUCAULT, M. De outros espaços. Conferência proferida por Michel Foucault no Cercle d'Études Architecturales, em 14 de março de 1967 (publicado igualmente em *Architecture , Movement , continuité*, 5, de 1984)

FOUCAULT, Michel. História da Loucura. São Paulo: Perspectiva, 1995.

_____. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

GLEIZER, M. A. Espinosa & a afetividade humana. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 70p (Col. Filosofia passo-a-passo; 53)

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Micropolítica: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1999

GUATTARI, Félix, Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998

GUATTARI, F. Transversalidade. In: ROLNIK, S. (Org.). Revolução molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. in *Antropologia do Ciborgue*. As vertigens do pós-humano. (org, Tomaz Tadeu). Belo Horizonte: Autêntica editora, 2000.

HAROCHE, Claudine. A condição sensível: Formas e Maneiras de Sentir no Ocidente. Rio de Janeiro: Ed. Contra Capa, 2008.

HAROCHE, Claudine; LOPES Myriam Bahia; DÉLOYE, Yves (Org.). Ensaio sobre a arrogância. Belo Horizonte: NEHCIT/EA UFMG, 2015

HOBBSBAWN, Eric. A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JANEIRO, Mariana. Freak Out – Le Freak C'est Chic. Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP), TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), Fotografia, 2010. LASCH, C. A cultura do narcisismo. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

KASPER, Kátia Maria. Experimental, devir, contagiar: o que pode um corpo? In: Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 199-213, set./dez. 2009. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000300013>

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 32-51.

KASTRUP, V. Quando a visão não é o sentido maior: algumas questões políticas envolvendo cegos e videntes. In: LIMA, E. A.; FERREIRA NETO, J. L.; ARAGON, L. E. (Org.). Subjetividade contemporânea: desafios teóricos e metodológicos. Curitiba: CRV, 2010. p. 95-114.

KASTRUP, Virginia. PASSOS, Eduardo. ESCÓSSIA, Liliana. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

Le BRETON, D. Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas. Trad. Tereza Frazão, 1 ed., março, 2004

LEITÃO, Débora Krischke. À flor da pele: Estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos. 2000, 37p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2000.

MAFFESOLI, Michel. Ética da estética. Papeis avulsos 3. Rio de Janeiro: Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos. 1990.

MARSON, Izabel; NAXARA, Márcia. (Org.). Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras. Uberlândia: EDUFU, 2005.

MIFFLIN, Margot. “Bodies of Subversion: A Secret History of Woman and Tattoo”. Power House Books, 2013

NIETZSCHE, Fridrich W. Assim falou Zaratustra. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

_____. A gaia ciência. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

_____. O nascimento da tragédia. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ORTEGA, F. “Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas Corporais”. _____. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (orgs.). Culturas jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

PASSOS, E.; EIRADO, A. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 110-131.

PIRES, Beatriz Ferreira. O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2005.

PIRES, Beatriz Ferreira. Freak Shows - Eventos Contemporâneos Realizados por Adeptos da Body Modification. Revista Travessias - Pesquisa em Educação, Cultura, Linguagem e Arte, v. No. 02, p. imagens e sons, 2008.

Portal PRICEONOMICS. "O Rise and Fall of Circus Freakshows. Disponível em: <https://priceonomics.com/the-rise-and-fall-of-circus-freakshows/>. Acesso em junho de 2017.

PORTER, R. História do corpo. In: Burke, P. (org.). A escrita da história . Novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1992

POZZANA, L.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

RAMOS, C. M. A. As nazi-tatuagens: inscrições ou injúrias no corpo humano? São Paulo: Perspectiva, 2006.

RANCIÈRE, J. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: EXO Experimental org. / Ed. 34, 2005

REMOND, René (Org.). Por uma História Política. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RODRIGUES, Alexandra Arnold. CANIATO, Angela Maria Pires. "Corpomercadoria", sob controle e punição: prenúncios de uma subjetividade aniquilada? Rev. Mal-Estar Subj.[online]. 2009, vol.9, n.2, pp. 647-687. ISSN 1518-6148.

RODRIGUES, Apoenan. Tatuagem: dor, prazer, moda e muita vaidade. São Paulo, SP: Editora Terceiro Nome. 2008

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROSANVALLON. Pierre. Por uma história do político. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2010

SEIXAS, Jacy Alves. A imaginação do outro e as subjetividades narcísicas: um olhar sobre a invisibilidade contemporânea [o Mal-Estar de Flaubert no Orkut]. In: NAXARA, Márcia R. C.; MARSON, Izabel A.; MAGALHÃES, Marion B. de. (Org.). Figurações do outro na história. Uberlândia: EDUFU, 2009.

SILVA, A. ARAUJO, A. Semiótica crítica: materialidades, acontecimento e micropolíticas . In: Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 132-145, set./dez. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201534.132-145>.

SIMMEL, Georg. Questões fundamentais de sociologia: individuo e sociedade. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar.2006

_____. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Guanabara, 4a. ed., 1987.

SCOCUGLIA, J.B.C. Cultura e urbanidade: da metrópole de Simmel à cidade fragmentada e desterritorializada. Cad. Metrop., São Paulo, v. 13, n. 26, pp. 395-417, jul/dez 2011

Setton, Maria da Graça Jacintho. (2002). A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. Revista Brasileira de Educação, (20), 60-70. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000200005>

Setton, Maria da Graça Jacintho. (2002). A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. Revista Brasileira de Educação, (20), 60-70. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000200005>
<https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000200005>

Schöpke, R. Corpo sem órgãos e a produção da singularidade: A construção da máquina de guerra nômade. Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 29, n. 46, p. 285-305, jan./abr. 2017. <https://doi.org/10.7213/1980-5934.29.046.AO01>

TAKIGUTI–UNIFESP, Karina Ayumi Ekami. A IMAGEM DA MÁFIA: UMA ANÁLISE SOBRE AS TATUAGENS DA YAKUZA. Disponível em www.academia.edu. Acesso: junho de 2017.

TAYLOR, Charles. Uma era secular. São Leopoldo: UNISINOS, 2010

VILLAÇA, N.; GÓES, F. Em nome do corpo. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

ZOURABICHVILI, François. O Vocabulário de Deleuze. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2004.

FONTES DE PESQUISA⁹⁸

ENTIDADES:

Estúdio Alucinação: Bairro Mansour; Uberlândia.

Estúdio Blessed: Center Shopping Uberlândia; Bairro Tibery; Uberlândia.

Estúdio Tinta Preta: Bairro Centro; Uberlândia.

Estúdio Sala 3: Bairro Brasil; Uberlândia.

ONLINE:

<http://super.abril.com.br/saude/tatuagens-melhoram-seu-sistema-imunologico/>. Acesso: junho de 2017

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/05/franca-devolve-a-nova-zelandia-cabeca-mumificada-de-guerreiro-maori-1.html>. Acesso: junho de 2017.

<http://memoriasantista.com.br/?p=1428>. Acesso: junho de 2017

⁹⁸ Entrevistas realizadas entre junho e agosto de 2016 com uma “*handycam*” – filmadora portátil. Haverá edição dessas entrevistas para que se tornem um minidocumentário de aproximadamente 15 minutos.

<http://revistapegn.globo.com/Como-abrir-uma-empresa/noticia/2016/05/como-abrir-um-estudio-de-tatuagem.html>. Acesso: junho de 2017

<http://alchemytattoo.com/>. Acesso: junho de 2017

<http://super.abril.com.br/blog/cienciamaluca/homens-acham-que-mulheres-tatuadas-sao-mais-faceis/>. Acesso: junho de 2017

<https://extra.globo.com/casos-de-policia/agredida-por-marido-que-confundiu-com-atriz-porno-mulher-se-joga-de-predio-no-df-21429134.html>: Acesso: junho de 2017

<https://wiki.bme.com/index.php?title=File:Labelleirene.jpg> Acesso: junho de 2017

<https://wiki.bme.com/index.php?title=File:Edithburchett1.jpg>. Acesso junho de 2017.

<http://www.anb.org/articles/20/20-01906.html>; Acesso junho de 2017.

<http://www.almanaquedigital.com.br/wp/>. Acesso junho de 2017.

<https://br.pinterest.com/toughlovestudio/tattoo-jokes-quotes-sayings/?lp=true>. Acesso junho de 2017.

<https://mundodastatuagens.com.br/>. Acesso em abril de 2017.